REVISTA DA SEMANA

23 de Maio de 1953 Cr$ 4,00 em todo o Brasil

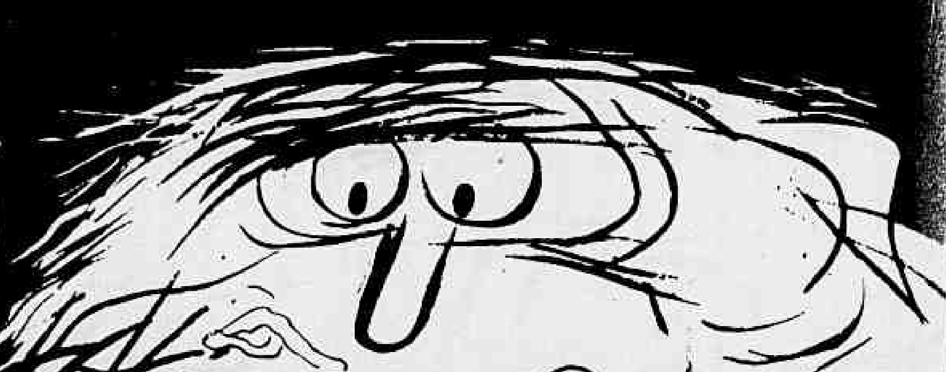
A MIL Kms. NOS CÉUS DO BRASIL

CIGANOS "MADE IN CEARÁ"

1880 MILHAS A REMO!



Livros de Bôlso





Até pouco tempo os indivíduos de conduta sexual estranha, eram tratados como criminosos e castigados, em vez de tratados de acôrdo com os métodos modernos, visando sua adaptação sexual e social.
Nº 4 - Cr$ 15,00



Frases para todos os tipos de assunto— Como dirigir a carta— Congratulações — Rompimento— Saudade-Pedir retrato- Explicações-Acusações-Condolência-Elogios-Propostas-Declarações.
Nº 21 - Cr$ 15,00



Livro de caráter essencialmente prático, dividido em 2 partes: 1)Erros de Português — 2) Correções dos Erros Anteriores.
Nº 26 - Cr$ 15,00



Livro muito ilustrado que faz compreender pelas figuras. Usa também o sistema de Perguntas e Respostas—Conhecimentos Gerais-Motor e Carrocerias— Enguiços e Tráfego.
Nº 36 - Cr$ 15,00



A Arte de Cortejar-A Técnica da Conquista-A opinião dos outros-Apresentações—Dança—Presentes-Conselhos e pensamentos para compreender as mulheres.
Nº 124 - Cr$ 20,00



Esclarecimentos— Ciências Ocultas-Números-Lêtras-Astros-Dias da Semana-Côres-Metais-Pedras Preciosas.
Nº 197 - Cr$ 15,00

ROMANCES NACIONAIS



Nº 222 - Cr$ 10,00

De José de Alencar:

Nº 224 - UBIRAJARA .... Cr$ 10,00
Nº 225 - DIVA .... Cr$ 10,00
Nº 226 - A VIUVINHA - e - CINCO MINUTOS .... Cr$ 10,00
Nº 238 - A PATA DA GAZELA Cr$ 10,00

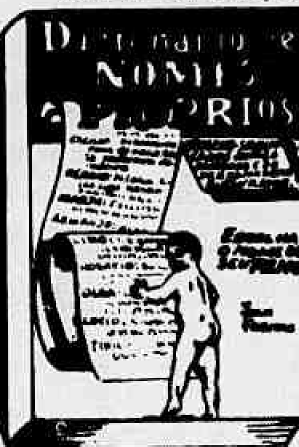
De J. Manuel de Macedo:

Nº 227 - A MORENINHA ..... Cr$ 10,00



Apresenta uma série de testes para determinar em que proporção somos do sexo masculino ou feminino.
Nº 164 — Cr$15,00

Você pode agora escolher melhor o nome para seu filho. Nomes Famosos-Personagem Históricos, etc.
Nº 193 - Cr$ 15,00



LIVROS ÚTEIS



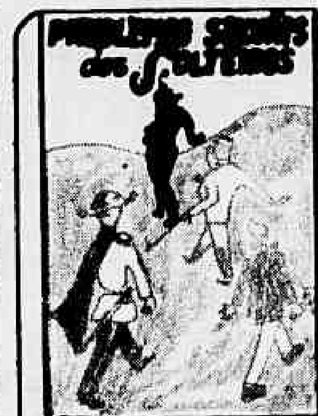
Nº 192 - Cr$ 15,00

Nº 9 - DICIONÁRIO DA MITOLOGIA .... Cr$ 15,00
Nº 16 - CALENDÁRIO DO JARDINEIRO AMADOR .... Cr$ 15,00
Nº 79 - OS MELHORES PRATOS DA COZINHA FRANCESA .... Cr$ 10,00
Nº 137 - HABILIDADES E PROEZAS DA JUVENTUDE Cr$ 15,00

LIVROS DE GRANDE SUCESSO!!!



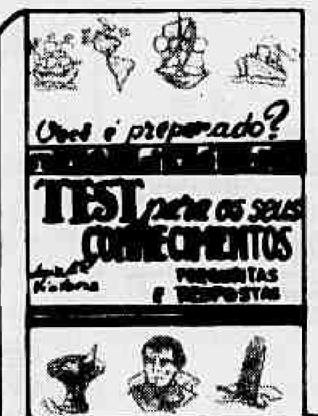
O Namôro-O Primeiro Amor-Palavras Sábias-Como Cortejar-A Viúva Fascinante-Como Conquistar um Solteirão Rico- O Ciume-A Declaração.
Nº 23 - Cr$15,00



De maneira científica o autor encara os casos sexuais comuns e os que se afastam do normal.
Nº 66 - Cr$15,00



A Fixação de Temores de origem sexual, constitui a base de grande número de manifestações psicopáticas, mais ou menos graves, que se fazem sentir durante a vida.
Nº 145 - Cr$ 20,00



1000 perguntas e 1000 respostas sôbre os assuntos mais variados — para melhorar sua cultura.
Nº 34 - Cr$ 15,00



Regras e segredos do Poquer, Buraco, Pif-Paf, Canastra, Sete e Meio, Cocan Play e muitos outros.
Nº 51 - Cr$ 15,00



Nº 174 - Cr$ 20,00

LIVRO DE CARÁTER PRÁTICO-CIENTÍFICO. ABORDA TÔDAS AS PRINCIPAIS QUESTÕES DA VIDA SEXUAL: TODOS OS COMPLEXOS, MÊDOS, E CONHECIMENTOS APROFUNDADOS SÃO TRATADOS COM FRANQUEZA. INDISPENSÁVEL A TODOS OS ADULTOS, PORQUE CONTÉM COM TÔDA A CERTEZA, O ASSUNTO QUE CADA UM NECESSITA.



50 Problemas de Palavras Cruzadas, ótimamente ilustrados, selecionados com critério para crusadistas médios e veteranos. Soluções no fim do mesmo.
Nº 157 - Cr$ 10,00



Não é necessário passar fome, nem enfraquecer de saúde, basta seguir os conselhos desta obra pequena mas valiosa — Os resultados são tão bons que nosso aspecto sadio e esbelto trará a cada quilo perdido, nova dose de saúde e alegria.
Nº 156 - Cr$ 15,00



O que é a memória. Como se pode melhorar a memória. Concentração. Meios de guardar na memória palavras e nomes. Como aprender de cor. Quais processos práticos para ajudar a memória.
Nº 82 - Cr$ 10,00

LOJAS PARA VENDAS:

NO RIO: AVENIDA RIO BRANCO, 25, RUA DO OUVIDOR, 150 e RUA MÉXICO, 128-Sobreloja

SÃO PAULO: RUA CONS. CRISPINIANO, 403

INTERIOR: PEÇA PELO REEMBOLSO POSTAL, ENVIANDO SEU PEDIDO PELO TALÃO ABAIXO, ENDEREÇANDO-O PARA O RIO.



O Caráter pela letra

Ensina de maneira prática a conhecer o caráter e as tendências pela lêtra. Contém o alfabeto Grafológo ilustrado. Cada uma das lêtras do alfabeto é devidamente analisada.
Nº 64 - Cr$ 15,00



A Pele-Arte da Maquillage- Os Cabelos-A Elegância dos Movimentos-O Aspecto Geral - As Mãos-Detalhes que completam a beleza. Pelos supérfluos. Retoques Finais.
Nº 33 - Cr$ 20,00



Para facilitar a leitura de versos e poesias. Não inclui palavras difíceis ou rebarbativas.
Nº 53 - Cr$ 15,00



Recepções de Deputados, políticos, juizes. Despedidas de médicos, advogados. A Professores, Escolas, Formaturas, À beira da sepultura, de um amigo, parente, sacerdote. Sôbre agricultura, religião, exército. Em inaugurações. Brindes-Jantares-Aniversários- Casamentos- Etc.
Nº 122 - Cr$ 15,00



Enorme variedade de pratos nortistas típicos. Molhos, Sopas, Pratos Variados, Doces, etc. Abara, Acarajé, Bifes, Borrachos, Caldeiradas, Chin-Chin, Efó, Escaldados, Feijoadas, Camarões, Saladas, Vatapás, etc. etc.
Nº 86 - Cr$ 10,00



Êste livro tem grossura quatro vêzes maior do que os usuais. Foi feito por processo fotográfico do Vocabulário da Academia de 1943. Assim o leitor terá a certeza de consultar a grafia oficial sem perigo de erros de tipografia.
Nº 89 - Cr$ 40,00

Editôra GERTUM CARNEIRO

Av. Rio Branco, 25 - Dep. 8-B - RIO
Peço enviar pelo REEMBÔLSO POSTAL os livros, cujos números, indico abaixo

. . . .

. . . .

. . . .

BASTA INDICAR O NÚMERO

Não mande dinheiro ou selos, nada adiantado. Nos pedidos abaixo de Cr$100,00 há aumento de 10%. (Não temos catálogos)

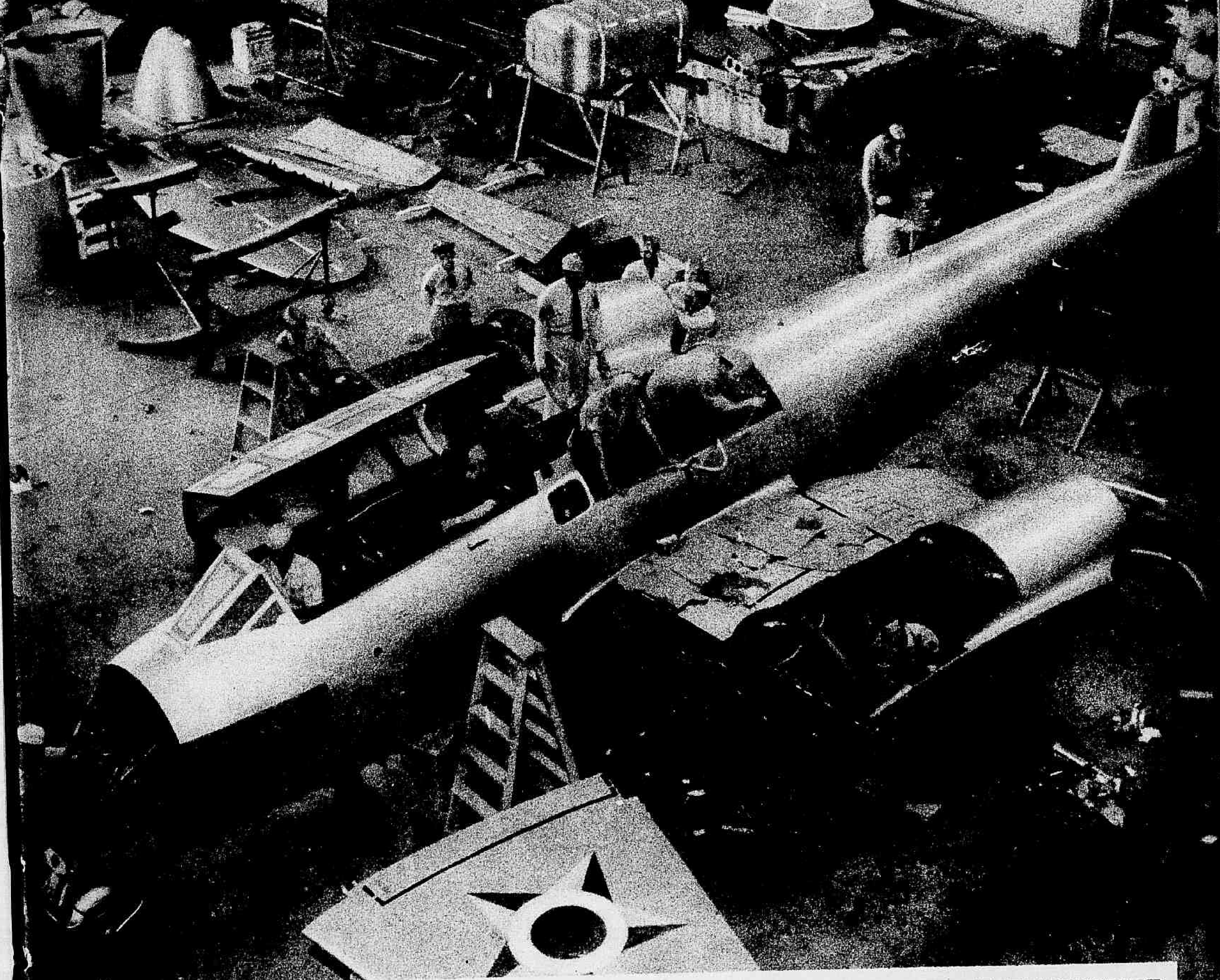
NOME ....

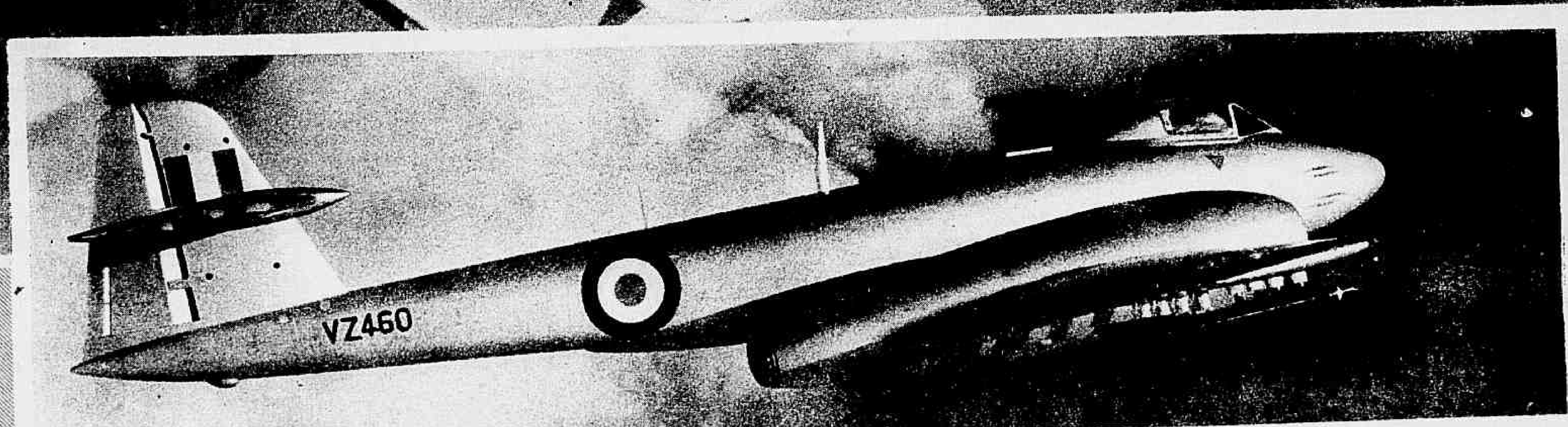
RUA ....

LOCALIDADE ....

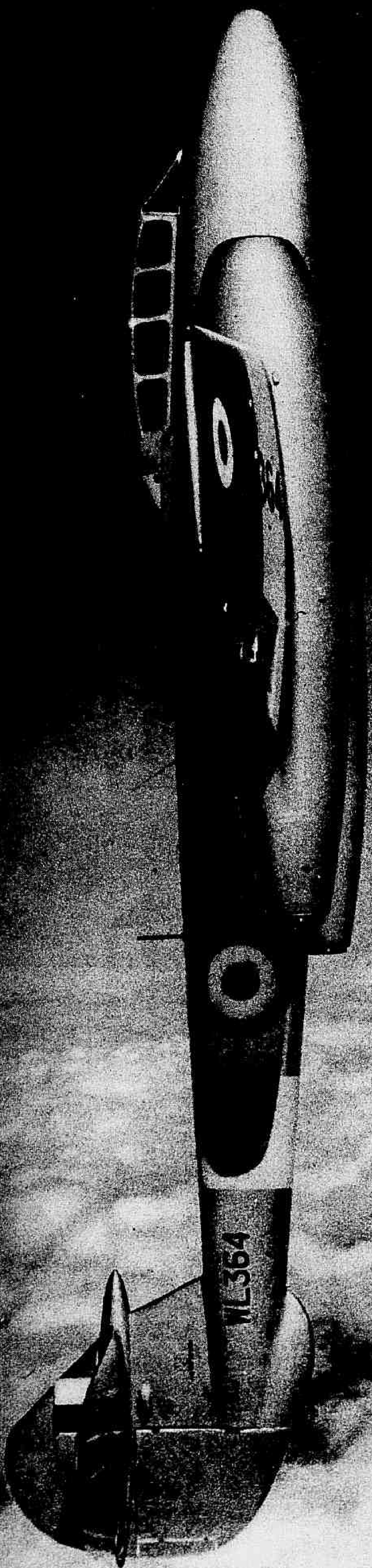
ESTADO ....

A MIL QUILÔMETROS NOS CÉUS DO BRASIL





Mais alguns dias e êste avião cortará os céus do Rio a mil quilômetros por hora. As côres do Brasil já estão pintadas nas asas do Gloster Meteor.

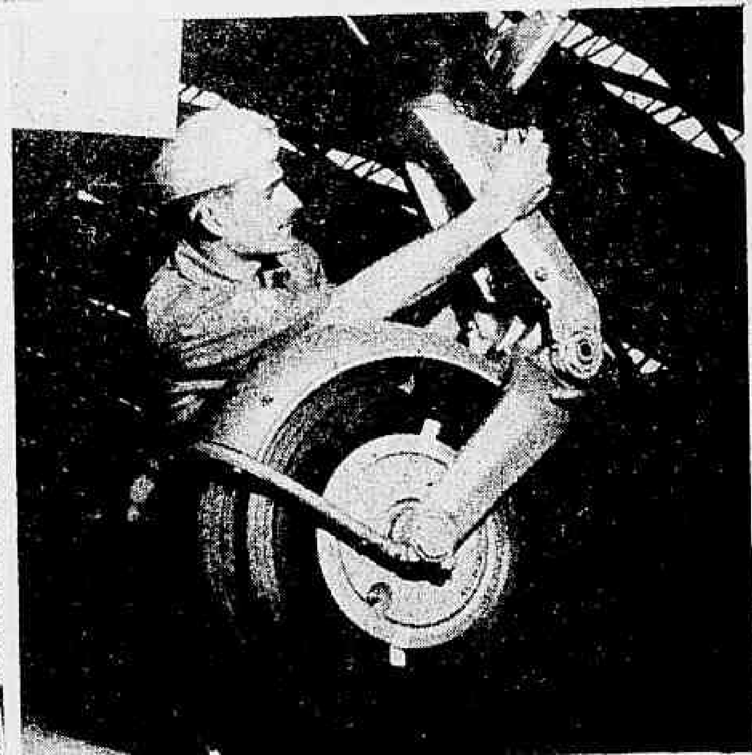


Subindo como um foguete para alcançar a altura ideal de 10.000 metros. (Foto Russell Adams.)

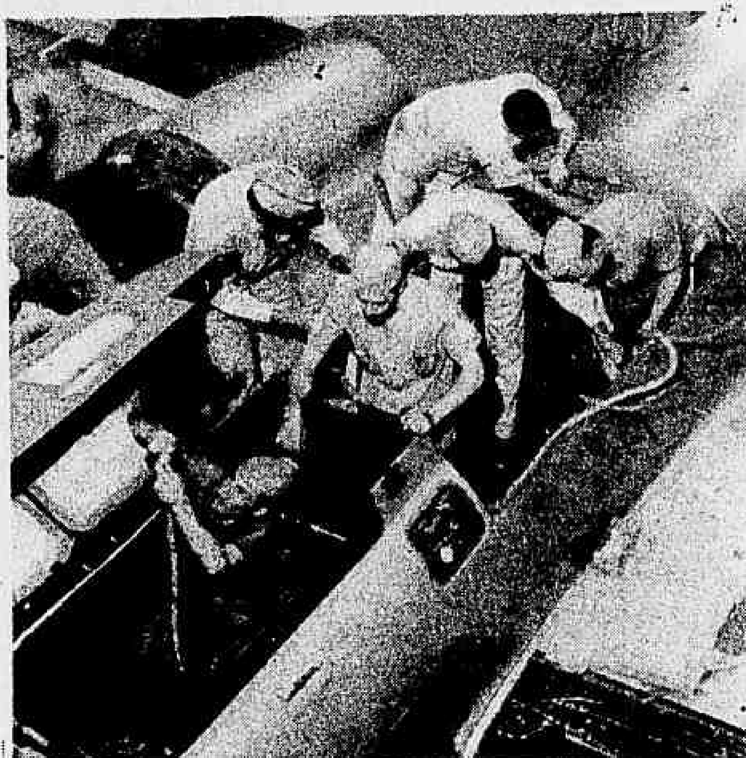
A 1.000 QUILÔMETROS NOS CÉUS DO BRASIL!



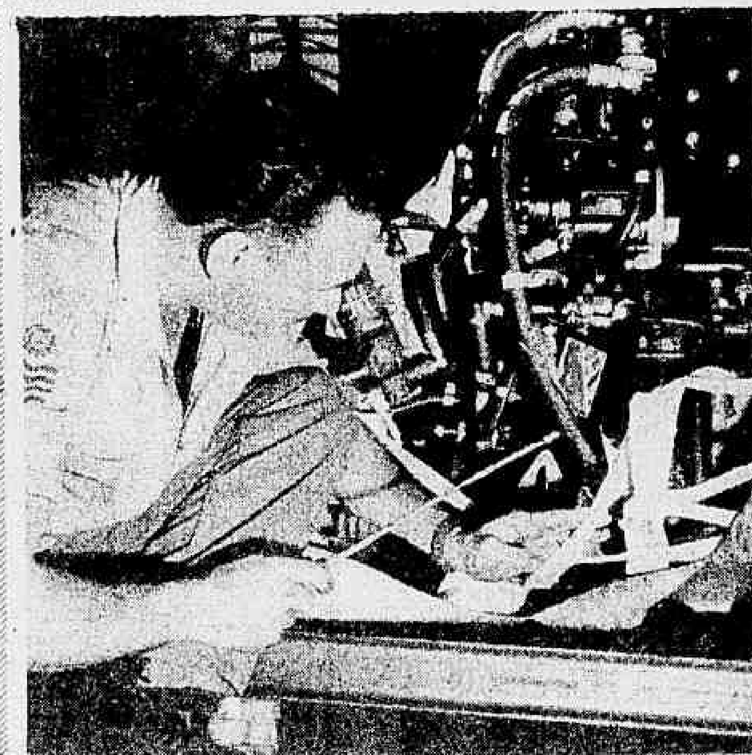
Sob as asas do MK-8 podem ser transportadas duas bombas pesando 1.000 libras.



Preparando o trem de aterrissagem, sem dúvida, uma das peças mais importantes.



Técnicos brasileiros, com curso na Inglaterra, examinam uma armação de um MK-8.



Um sargento da FAB, com a ajuda de um espelho, examina os mínimos detalhes.

AVIÕES A JACTO MONTADOS E DIRIGIDOS POR OFICIAIS E SARGENTOS DA FAB ★ AS NOVAS ASAS DA PÁTRIA ★ A VIAGEM RIO-S.

Reportagem de SANTOS GOMES

O brasileiro, nos futuros 7 de setembro, assistirá a um espetáculo inédito: aviões a jacto montados no Galeão, por técnicos da FAB, cortarão os céus, pilotados por aviadores nacionais.

Trocados por algodão, na Inglaterra, em número de 70, dois tipos estão sendo armados na Fábrica do Galeão: o «Gloster Meteor» MK-7 de duplo comando e o MK-8, de combate, para um só pilôto, aparelhos de alta velocidade e interceptores de grande altitude, constituem a última palavra em avião a jacto.

Contêm um tanque suplementar de combustível — querosene — aumentando a capacidade total para 420 galões, que pode ser acrescida para 795, com o uso de tanques externos alijáveis.

O querosene, que há quase um século ilumina os nossos sertões, retoma o seu lugar histórico, desta vez, como fôrça propulsora de máquinas que rasgarão os céus do Brasil, com a espantosa velocidade de quase 1 000 quilômetros por hora!

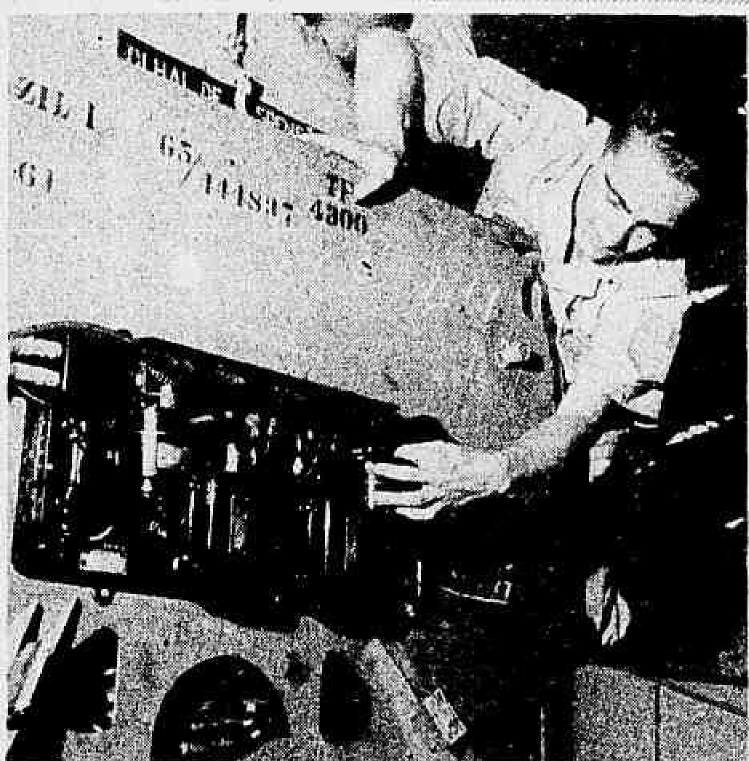
O «MK-8» transporta sob as asas duas bombas de 1 000 libras ou 16 projéteis foguetes dispostos em duas séries. A envergadura é de 11 metros e trinta centímetros, com o comprimento total de 13,58 metros. O conjunto propulsor é constituído por duas unidades Rolls Royce Derwent 8 e a velocidade máxima horizontal é de 964 quilômetros horários, o que importa vencer o percurso Rio — S. Paulo em 20 minutos!

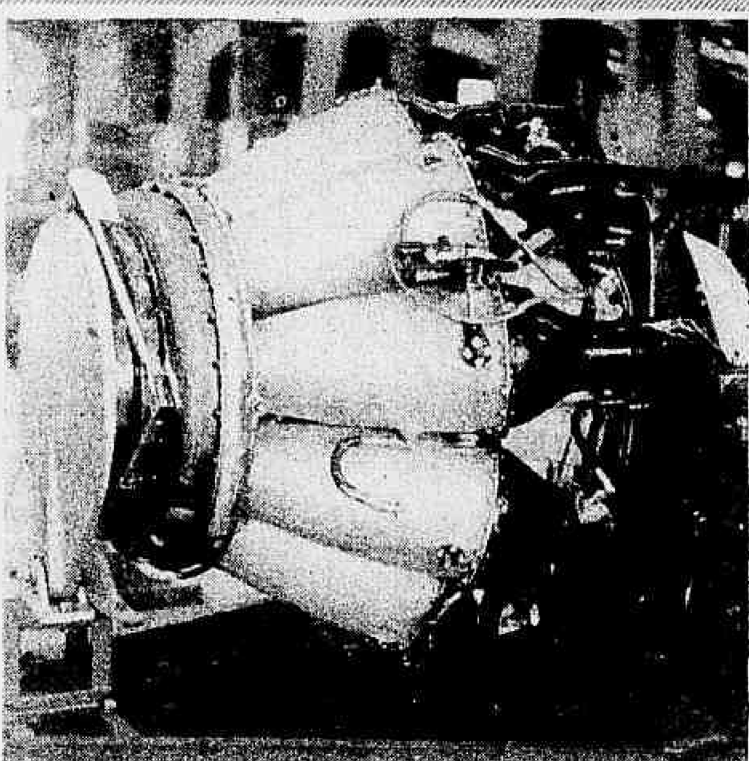
Num futuro não muito distante, o vôo Rio — São Paulo será feito com mais rapidez do que uma viagem da Galeria Cruzeiro ao Leblon, isto com o trânsito livre, sem interrupção, coisa que jamais acontecerá no Rio...

A sua altura ideal de vôo é de 10 mil metros, a qual é atingida 8 minutos após a decolagem.


Armando o tudo propulsor que receberá uma unidade Rolls Royce Dervant — MK-8.


Aparelhos de precisão são examinados cuidadosamente e submetidos a rigorosos testes.


Um sargento da FAB, verifica um aparelho de precisão do avião a jacto MK-7.


Curioso detalhe da turbina eletrônica do Gloster Meteor MK-7, de duplo comando.

PAULO SERÁ FEITA EM 20 MINUTOS ★ O QUEROSENE RETOMA O SEU LUGAR ★ ALTURA IDEAL DO VÔO: — DEZ MIL METROS

Fotos de ADIR VIEIRA

Os próprios DC-6 e os «Constellations» voam, em média, a 6 000 metros.

Com todos os depósitos cheios de querosene manter-se-á no ar durante três horas consecutivas. Apesar de ser de 10 000 metros a altura ideal, os aviões a jacto que estão sendo montados no Galeão poderão voar de 13 000 a 14 000 metros, quando é impossível ser atingido por um projétil de artilharia lançado da terra.

A TÉCNICA DOS BRASILEIROS

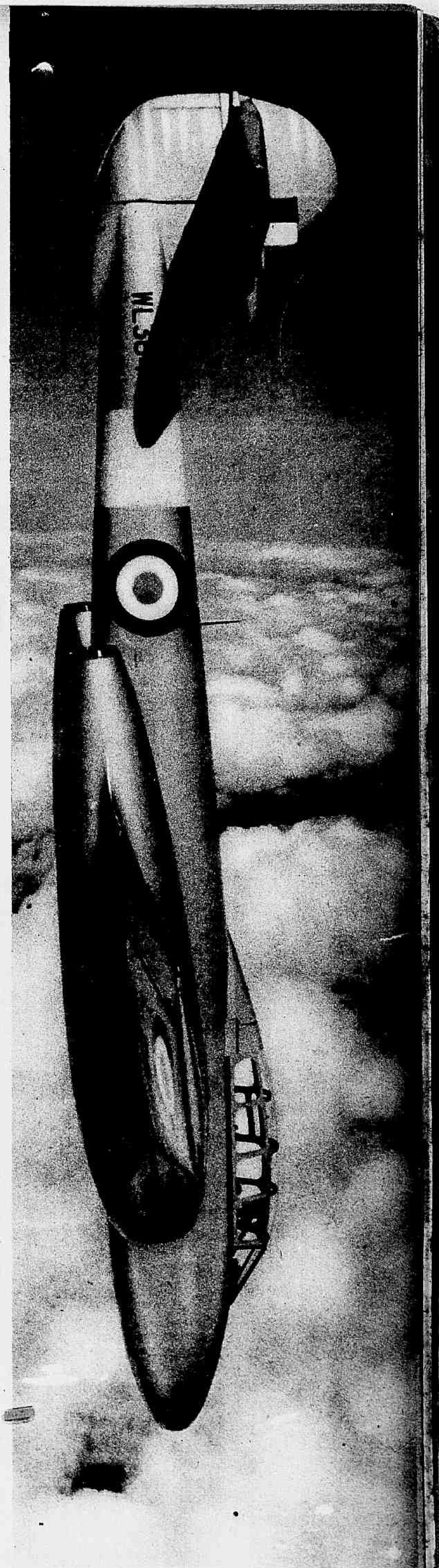
Logo que o Brasil ultimou a troca dos 70 aviões por algodão, partiu para Londres um grupo de jovens oficiais e sargentos da FAB para o necessário estágio de aprendizagem. Fácil foi a adaptação dos nossos pilotos ao avião que equipa unidades da Real Fôrça Aérea Inglêsa, Australiana, Dinamarquesa e, no momento, em produção na Holanda, para as Fôrças Aéreas Belga e Holandesa.

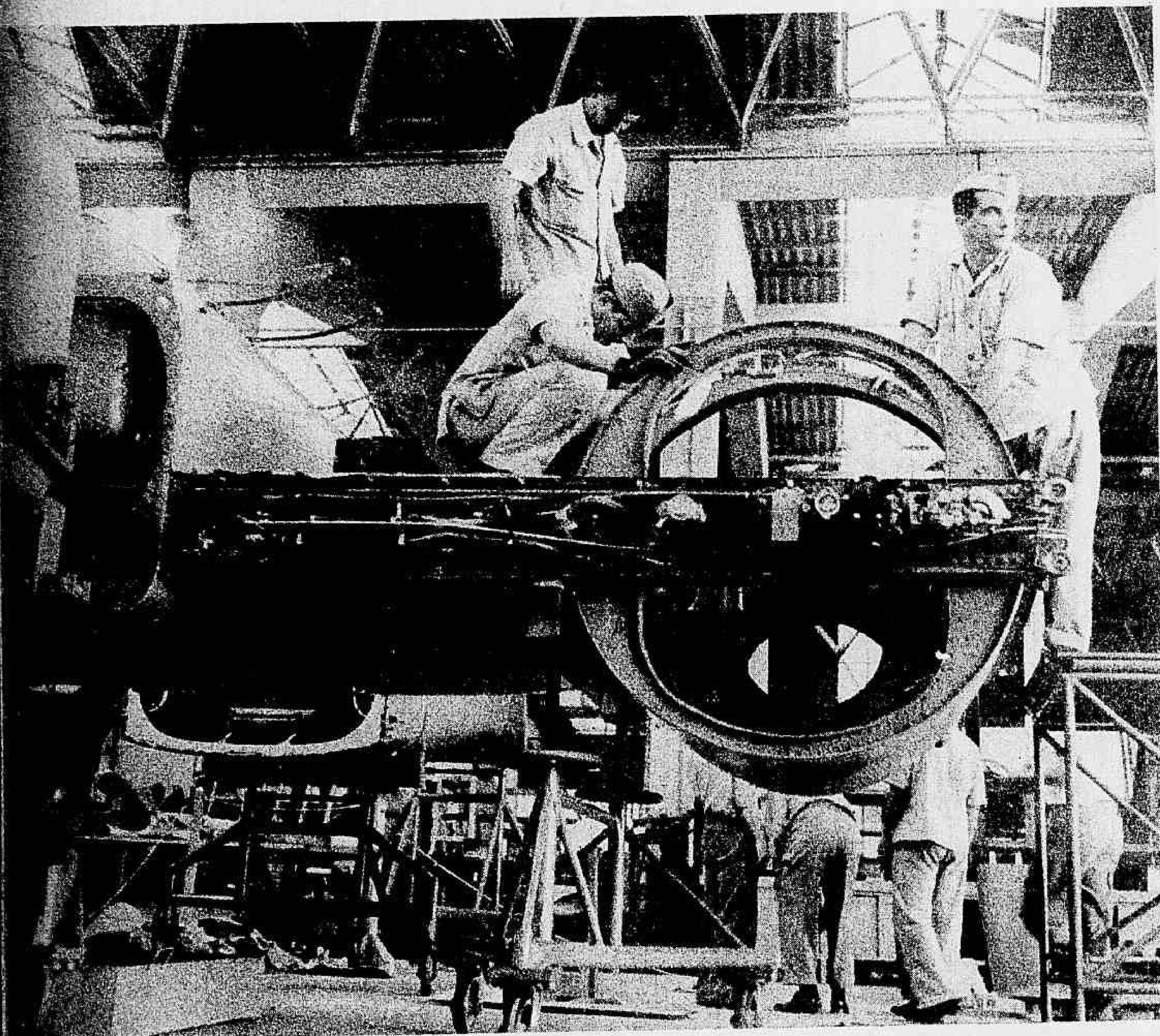
Em 60 dias os aviadores da FAB já pilotavam os «Gloster Meteor» nos céus londrinos, obtendo os mais calorosos elogios por parte dos comentaristas aeronáuticos. O «Daily Express», por exemplo, escreveu:

«A perícia dos brasileiros não surpreendeu. O Brasil, berço da aviação, tinha que ser, por determinação histórica, uma pátria de aviadores.»

Os dois aparelhos, em fase de montagem no Galeão, dentro de alguns dias cortarão os céus da Guanabara, conduzindo em seu bôjo jornalistas especializados. Técnicos inglêses e brasileiros, ombro a ombro, sem distinção de postos, trabalham na armação dos «Gloster Meteor».

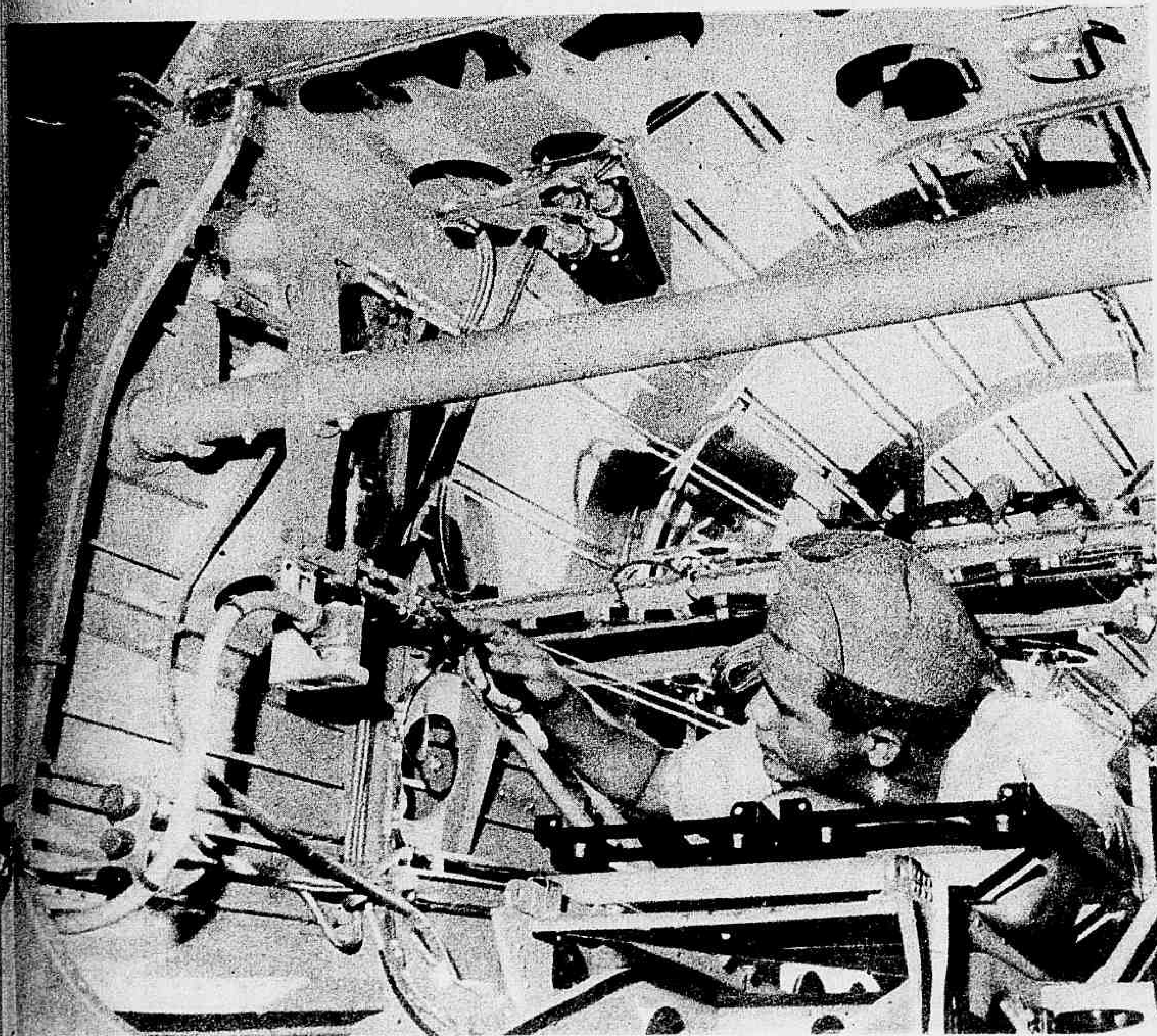
Novas remessas estão chegando ao Rio. O navio «Lóide Guatemala» trouxe mais dois aparelhos, enquanto o «Lóide Cuba» descarregou seis aviões e


Pronto para despejar bombas de 1.000 libras, o MK-7 desce como um raio. (Foto Russell Adams.)



A perícia dos técnicos brasileiros, na montagem dos aviões a jacto, é de fato surpreendente.

Tudo no avião é observado atentamente e submetido a rigorosos e inúmeros controles.





Oficiais e sargentos da FAB examinam determinada peça eletrônica de um avião a jacto.

seis volumes contendo acessórios para os mesmos.

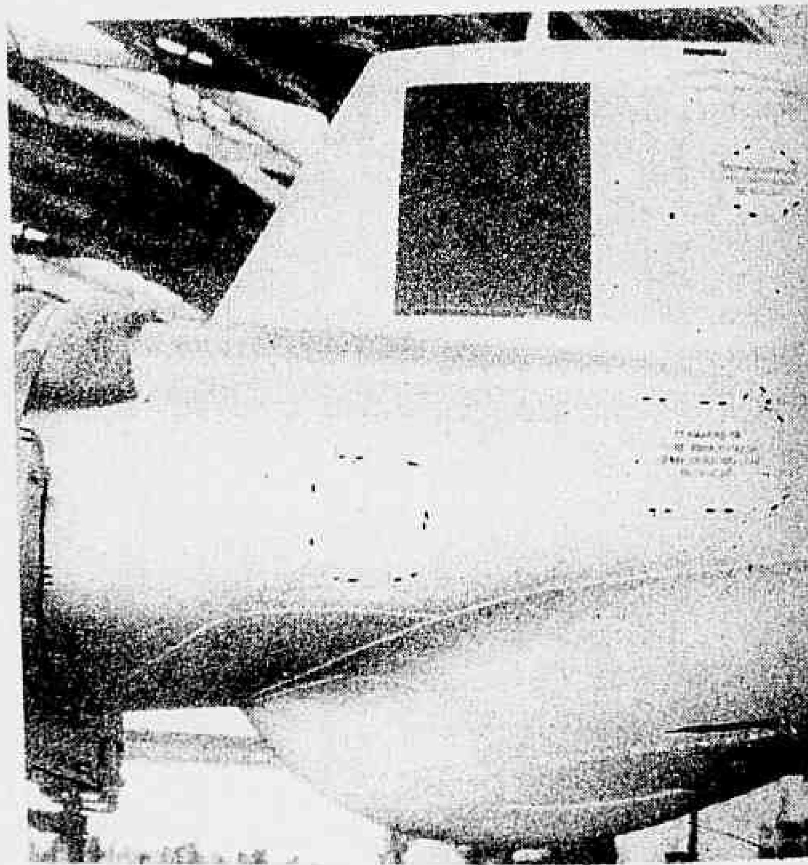
A presença de aviões a jacto nas nossas Fôrças Armadas é, sem dúvida, motivo de intenso júbilo cívico. Não era possível o Brasil, berço de Bartolomeu de Gusmão, Augusto Severo e Santos Dumont, incontestàvelmente, os pioneiros da aviação, deixar de ter máquinas modernas e possantes de há muito usadas na Europa, inclusive na aviação comercial.

A TROCA

O negócio da troca de avião por algodão causou certa celeuma, tanto no Rio, como em Londres. Certos comerciantes britânicos e brasileiros não gostaram da transação e protestaram. O fato é que o Brasil tinha algodão armazenado e os inglêses dispunham de aviões a jacto. A Inglaterra precisava de algodão e o Brasil de máquinas voadoras. A permuta foi feita de govêrno para govêrno.

O algodão que deu avião a jacto ao Brasil deveria, também, dar tratores, locomotivas e, quem sabe?, até petróleo... O que não é possível, por um simples capricho, é deixar armazenado milhares e milhares de toneladas de algodão, quando o mesmo produto pode ser trocado por utensílios necessários ao país, principalmente para a sua defesa.

Oalgodão não pode ter o mesmo destino do café... Ainda hoje discutem a troca do algodão por avião. O fato é que, dentro de alguns dias, o ronco dos aviões a jacto estará abafando o ruído das cidades cá em baixo. São as novas asas do Brasil!



Cauda do MK-8, avião a jacto de combate para um só pilôto, dos mais velozes existentes.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 21 ★ 23-5-53

SUMÁRIO

A mil quilômetros nos céus do Brasil . 3/ 6
Numa gostosa sátira ... 15/17
Matou Giuliano e ganhou prisão perpétua ... 18/19
Ciganos «Made in Ceará» ... 24/29
Um Saci Negro ... 31/33
Um barco e cinco destinos ... 48/53

O diabo às sôltas ... 7
Uma esmola, por Deus (conto) ... 11
A Bem Amada (romance) ... 12/13
Canudos vai submergir ... 23
Semana Literária ... 34

A semana em revista ... 9
A personagem da semana ... 9
A Revista há 50 anos ... 10
Janela sôbre o mundo ... 20/21
Semana astrológica ... 20
Puxe pelo cérebro ... 21
Conta-me os teus sonhos ... 22
Correio da Revista ... 38
Arabelle (folhetim) ... 39
De Cinema ... 41
Último flash ... 54

Os maridos avisam sempre ... 36/37
Artísticos e não frívolos ... 43
Graciosos e Elegantes ... 44/45
Week-ende na cozinha ... 46
Sugestões para o lar ... 47
Falta de cavalheirismo ... 47

Capa: **Yvonne De Carlo** (Paramount)

★

Diretor: GRATULIANO BRITO — Assistente: RENATO DE ALENCAR — Paginação: VICTOR TAPAJÓS — Desenhos: ALBERTO LIMA — Publicidade: J. M. COSTA JÚNIOR.

★

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e de Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933. — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — Rua Viscode de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

★

REPRESENTANTES

Nos Estados Unidos da América do Norte: Dulce Damasceno de Brito, 1818 N. Whitley Ave., apto. 202, Hollywood 28, California. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, C. Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.° distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.

Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Éste número tem 52 páginas.

TELEFONES

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

EM SAO PAULO

Distribuição e venda: A. Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569. Publicidade: J. Gomes Bastos, Rua Barão de Itapetininga n. 224, 6.° andar, Sala 60.



O DIABO ÀS SÔLTAS

MUITO em breve, se as coisas continuarem como vão, nós, mineiros, vamos ser abordados na rua, para informar sôbre o bicho que vai dar, nossos vizinhos, ao ouvirem ruídos noturnos às sextas-feiras, vão pensar que viramos lobishomem e o dono do restaurante, ao nos ver chegar, vai pedir que tiremos alguns coelhos de nosso chapéu para preparar um guisado. De fato, já se consagrou no país que o impossível acontece... em Belo Horizonte.

Em Belo Horizonte, realmente, já aconteceram muitas coisas estranhas. Aconteceu também a Moça-fantasma, sôbre a qual Carlos Drummond de Andrade escreveu muito belo poema. E, agora, há êsse comparecimento do Diabo em pessoa, numa modesta e retirada fazenda de Borda da Mata.

Êsse Diazo é assaz esquisito e bastante malcriado. Não surge num estouro com fumaça fedendo a enxôfre, de chifrinhos e barbicha, envolto em capa escarlate, como o Mefisto de Gounod ou de Boito. Também não canta, como na ópera — diz desaforos, grita palavrões, repete literatura de parede de mictório. E' um Diabo provinciado e agrente. Nada dos requintes do Satã romântico, com pés de cabra e bigodes à Mosqueteiro. Não cita Goethe, nem Baudelaire — repete Cambrone, em tradução. Pelas notícias que temos lido, é um Diabo mal educado como o diabo e que não faz honra nenhuma aos seus colegas das letras e das artes, desmoralizando mesmo os autores de cordel. Não saiu nem do Eça, nem de Anatole France: é o simples «Sujo», do repertório sertanejo.

● De tal maneira vem se descomportando o sr. Diabo, atualmente em Minas, que é mesmo o diabo, lidar com êle. Não pinta o diabo, o que seria natural, e, sendo muito mais feio do que se pinta, por cúmulo — pinta indecências nas paredes, como um moleque que sabe nomes. Dizem que o português que o hospeda vendeu a filha ao demo e agora tem que aturá-lo, passando o diabo, por causa disso. Como se vê, uma reprise do «Fausto», sem o gênio alemão, sem metafísica, sem música, sem Chaliapin, pelo contrário, com mau gênio e baixo calão. O sujo não permite que o luso falte ao pacto: quer a menina, está apaixonado, e, isso, apesar de ser êle o próprio Diabo, sempre foi o diabo.

Pedro Botelho ainda indócil. Apareceu à moça, mas a moça não foi com o seu tipo, prefere Errol Flynn. O Diabo se instalou no teto da fazenda. De lá faz os seus discursos mal humorados, cheios de inconveniências. Mas, o mais curioso dessa história é que o Diabo de Borda da Mata nem sequer é um demônio de alcance nacional, ou de esfera estadual: é simples capeta municipal. Tanto que, quando se publicou que êle, antes, andára às diabrúras em Alvinópolis, os cidadãos bordamatenses protestaram: tirem-lhes tudo, mas deixem-lhes o seu Diabo. O de Alvinópolis era outro. Êste, pertence à Borda. Não quisessem os de Alvinópolis apoucar a capeta bordense, dizendo dêle que estivera já no município vizinho: Borda fecha a questão e proclama a exclusividade do seu Diabo, um diabo dos seiscentos diabos que não iria perder tempo em Alvinópolis. O caso começa a criar um incidente político em Minas. Poderá dar lugar a uma luta fratricida, entre os dois prósperos municípios montanheses. O pior é que, com isso, cresce a fama de Minas como território de assombrações e casos estranhos. Essa predileção dos demônios pelos alcantis mineiros, ora em Alvinópolis, ora na Borda, seduzidos pelas meninas bonitas ou pelo clima de montanha, onde vão se refrescar dos calores infernais — acabará por fazer que o resto do país nos considere, aos mineiros, como os Mandrakes da nação, perigosos Merlins retardatários, tendo até parte com o diabo — e isso é que é o diabo, mesmo.

EDMUNDO LYS

GANHE CR$ 200.000,00 DE PRÊMIOS!

Televisão, geladeiras, bicicletas motorizadas, patins, terreno, enceradeiras, serviço de café, máquina de escrever, máquina de costura, liquidificador e muitas outras coisas úteis.



Conheça o Brasil: recorte da REVISTA DA SEMANA e colecione lindas gravuras coloridas, de valor histórico e geográfico com ótimo texto educativo.

no

Álbum Revista da Semana



ATENÇÃO

As figuras coloridas, que deverão ser recortadas da «Revista da Semana» e colocadas no «Álbum», começaram a ser publicadas na «Revista da Semana» n.º 12, de 21 de março de 1953. Números atrasados da «Revista», bem como o «Álbum», são encontrados em todos os jornaleiros do Brasil.

Pedidos à Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio.

●

Realização da BRAZILIA TURISTICA E COMERCIAL S. A. - Visc. de Inhaúma, 134 - Rio



O SR. MOSHE SHARETTE, ministro das Relações Exteriores de Israel, ao chegar ao aeroporto do Galeão, a 3 de maio, sendo recebido pelo sr. João Neves e pessoas da colônia Israelita do Rio. O nosso visitante, no dia seguinte recebeu jornalistas na ABI, estabelecendo-se animada troca de idéias com o ilustre filho de Israel, a todos impressionando sua cultura e geral conhecimento de todos os problemas do mundo atual. S. Excia. que veio ao Brasil, acompanhado de sua espôsa, depois de alguns dias entre nós, seguiu para S. Paulo, a fim de travar conhecimento com autoridades bandeirantes e personagens da colônia de seu país ali domiciliada. O sr. Sharette também excursionou por outros países do Continente.

A SEMANA EM REVISTA

A PERSONAGEM da SEMANA



NADA mais dignificante para um administrador público, nem mais precioso para a comunidade, do que a firmeza de caráter, a probidade funcional dentro dos preceitos da lei. Todos sabemos como os nossos homens públicos cedem às injunções partidárias, a empenhos de amigos, a influências superiores, infringindo dispositivos legais, esquecendo que a coisa pública não é propriedade de quem governa, mas sim, um direito do povo, em benefício da ordem geral. Se as leis são manejadas ao sabor de poderosos do dia, subordinadas ao arbítrio dos que estão na posse do poder, então a comunidade descamba, desastradamente, para a anarquia, desaparece a disciplina administrativa, e a política desce à degradação dos conventilhos entre compadres, com geral desmoralização pública. Quando surge no cenário da administração brasileira, um homem que tem a coragem moral de enfrentar a desordem e se apresenta com fortaleza de espírito capaz de pôr fim a certos hábitos de licenciosidades já crônicas, tôda a nação fica perplexa no primeiro choque, seguindo-se um sentimento de entusiasmo renovador, restaurando-se nos horizontes de nossas esperanças, a fé no futuro do país, pelo saneamento de nossos costumes, a confiança na restauração moral do Brasil. Pois êsse homem é hoje o sr. Jânio Quadros, cujas atitudes na Prefeitura de São Paulo só merecem o apoio irrestrito de todos os brasileiros. O chefe do executivo do município de S. Paulo, embora pertença a um partido político, como administrador, não compreende que sua função fique subordinada a interêsses que não sejam os do povo de sua terra. Homem que se notabilizou pelas atitudes enérgicas, tem-se imposto à admiração do país, como um caráter inquebrantável, sobrepondo a tudo, a disciplina e a moral do seu govêrno.



PERDEU O BRASIL, a 11 de maio, um dos seus mais cultos e operosos filhos no campo das Ciências Jurídicas, das Belas Artes, do Jornalismo: Raul Pederneiras. Militante na imprensa e escritor, foi o último daquela geração famosa que pontificaram Emílio de Menezes, Olavo Bilac e tantos outros. Colaborando em quase todos os órgãos de nossa imprensa, Raul brilhou nas páginas da REVISTA DA SEMANA, firmando-se como um dos mais festejados caricaturistas e criadores de «charges» saborosas. Ex-presidente da ABI e matrícula nº 1, Raul Pederneiras deixa os seus amigos, alunos e colegas de imprensa, esmagados pela mais profunda das consternações. O corpo do saudoso prof. foi inumado em S. J. Batista.

Irradiando mocidade e beleza

PROTEJA A SUA CÚTIS COM

ANTISARDINA

O CREME CIENTÍFICO

ANTISARDINA renova as células da epiderme, protege as células novas, restitui à pele cansada, ou prematuramente envelhecida, nua normal elasticidade, limpando-a de sardas, espinhas, manchas, rugas, panos, etc. ANTISARDINA é um creme de beleza CIENTIFICAMENTE preparado com ingredientes rigorosamente selecionados.



a REVISTA há 50 anos

24 de Maio de 1903

CHRONICA

TRES annos faz que o primeiro numero da **Revista da Semana** surprehendeu os pacatos habitantes desta capital, com a nitidez das suas illustrações e a barateza dos seus exemplares. Na Europa ou nos Estados-Unidos, onde os magazins se contam por centenas, este triennio seria apenas o resultado logico de premissas estabelecidas com intelligencia e critério: A egual a B, B egual a C, logo A egual a C, se ha publico que ama a harmonia consoladora do util e do agradavel, claro está, que uma publicação que honestamente consegue associar os dous elementos constitue uma necessidade, e, como tal terá vida longa e fructuosa. Assim raciocina o editor nos centros de cultura intensa e raro a sua perspicacia é trahida pela indifferença dos leitores. No Brasil, porém, o caso é outro. Não sobra o tempo para os lazeres do espirito e a sociedade vive ainda uma existencia de labor extenuante, ao cabo do qual o repouso physico é o maior de todos os prazeres. Dormir... sonhar... monologava o principe da Dinamarca... Sonha-se pouco em Sebastianópolis. As realidades duras e praticas da vida excluem o devaneio. Trabalhar hoje para comer amanhã é o grande, o unico ideal de noventa por cento da população. Quem pois consegue fazer atravessar uma publicação do indole da **Revista** tres annos de existencia pontual, em rigorosa coherencia com o programma que expoz ao publico e as promessas nelle contidas, metteu uma lança em Africa. Nem o leitor avalia sequer as difficuldades que a mais modesta tentativa de arte encontra no Rio de Janeiro. O meio, por ora, é adverso, e até hostil á vibração dos elementos lyricos do pensamento. Nesse terreno é evidente que retrogradamos porque houve tempo em que um soneto, uma tela, uma gravura ou uma bella chronica ennobreciam os seus autores. Tambem o povo era mais feliz; a fartura tornava-o cordato, amoravel, bondoso, predispondo-o para acceitar com enlevo tudo quanto lisongeia o actual sentimento esthetico. Vendiam-se quadros, os theatros eram frequentados, os poetas eram recebidos em toda a parte como legitimos mensageiros das deusas e não faltava quem commentasse uma phrase inspirada com a beatitude de um **gourmet**. Hoje, as cousas mudaram; os poetas, sem precisamente terem descido ao nivel do Bernardo da **Morgadinha**, caminham a passos largos para essa situação humilhante; os prosadores esgotam-se nos a pedidos e reclames, os dramaturgos archivam nas suas gavetas producções ineditas, e nos theatros, as moscas escutam, enlevadas, Paul Hervieu ou Marcel Prévost.

● **A REVISTA DA SEMANA representa, portanto, em meio tão refractario a publicação da sua indole, um esforço intenso e uma fé inabalavel. Sem fé nada se faz; sem trabalho, nada fructifica. A REVISTA prospera; devagar, é certo, mas prospera. Em qualquer outra parte, seria uma fortuna. E sel-o-ia porque este semanario é unico no seu genero, redigido com um exemplo e cuidado que lhe dão fóros de cidadania em toda a parte. Não é exclusivamente um magazine, não é um jornal de caricaturas, mas de ambos participa com um caracter mundial que a nacionaliza em todas as colonias estrangeiras. REVISTA DA SEMANA se chama, mas poderíamos accrescentar-lhe em sub-titulo as palavras «nacional e estrangeira» pois em seu texto e gravuras compendia os successos do mundo inteiro. Toda a vida mental do Brasil e do exterior encontra guarida nas suas paginas e a perfeição dos nossos trabalhos não tem, por emquanto, rival.**

Claro está, que muito resta ainda a fazer e somos os primeiros a reconhecel-o porque acompanhamos, momento a momento, o progresso das artes graphicas no estrangeiro. Mas Roma e Pavia não se fizeram n'um dia e em breve o publico verá que nunca mentimos ás nossos promessas nem esquecemos os legitimos desejos dos nossos leitores.

PEQUENOS ANNUNCIOS

● MOCIDADE ETERNA — Emilia de Oliveira pede ás damas brasileiras que visitem o seu consultorio, á rua do Rezende 101, onde encontrarão os afamados banhos faceaes e massagens electricas, ultimas novidades de Paris; tiram-se os pannos, rugas, sardas, espinhas e quaesquer outras tantas molestias que affectam a cutis; tratamento garantido, consultas gratis.

SYSTEMA ELECTRICO

● Sob este titulo e sito ao largo de S. Francisco de Paulo nº 6C, inaugurou-se um novo atelier de alfaiate. O proprietario deste estabelecimento, o mesmo que em 1900 cursou diversas escolas de desenho em França, Hespanha e Norte America, onde lhe attribuiram indicios pertencentes á arte, vem respeitosamente apresentar ao publico em geral o systema de córte — ELECTRICO — que nesta capital nunca existiu.

UMA ESMOLA POR DEUS

Conto de VICENTE C. DE CARVALHO



ELA estava tombada em decúbito abdominal, a cinqüenta metros do meu portão, os olhos abertos numa expressão de espanto...

Viam-se os sapatos arranhados, um bracinho ligeiramente retorcido, as unhas já cianosadas, o vestidinho avelã com ramagens brancas. Não teria doze anos de idade. Talvez doze, nada mais. Estava tombada... e morta.

Brincava com a boneca, na calçada, quando ocorreu o impressionante acidente; a boneca menor jazeu atirada a uma banda e a maior agonizou junto à parede...

Apenas doze... Uma inocente criança. A fita azul sarapintada de laivos sangrentos, prendia-lhe os cabelos louros e uma rosa de sangue coagulado enchia-lhe um ouvido, num contraste comovente com a palidez da face. Tombada estava, inerte, sem vida... Caída... e morta...

Era o segundo acidente naquele mês, sempre ali, na curva fatídica: o automóvel para desviar-se de outro na contramão, ambos desenvolvendo criminosa velocidade, subira o passeio e chocara com o corpinho frágil... Frágil... Fitei os olhos no quadro trágico e, apertando nervosamente meu filho ao peito, corri espavorida, trêmula, para casa, pondo-me a chorar... Ouvi gritos desesperados. Partiam do centro do local em que a multidão cercava a criança vitimada. Eram gritos diferentes, tétricos, profundos, certamente da mãe enlouquecida pela bruteza do golpe... Mãe...

O resto do dia foi de penoso sofrimento. Eu procurava esquecer a cena para fugir o mêdo. Em vão... Já doze anos.... Sangue... A fita azul... A retina como que me impunha, sádica, a apresentação, com tintas fortes, os mínimos traços da desconsoladora cena.

À noitinha, contei tudo a Guilherme. Meu marido também lamentou, horrorizado.

A normalidade do tráfego tornara-se problema agravado pela irresponsabilidade, pela ambição, pelo delírio de velocidade de motoristas assassinos. Assassinos... Muitas vêzes, a imprudência das vítimas trazia o seu quinhão de contribuidora... O Departamento do Tráfego ainda não encontrara a medida coercitiva realmente eficaz para a cessação dos vergonhosos abusos. Legisladores, juízes, autoridades, perdiam horas preciosas, discutindo, buscando a fórmula repressiva, mas, ao fim do dia, os jornais publicavam a «Safra Diária». Ameaça comum... Ameaça...

Onde o generoso legado de nossos avitos? Que era dos humanos sentimentos de respeito, de amor e de ponderação? A quê se devia a fuga dos sacratíssimos deveres de honorabilidade para com a Pátria, a Família e, sobretudo, para com Deus?

Rolávamos sem remissão para o abismo do caos e da desagregação dos povos? Seria uma decorrência do progresso, mal da época? Desorganização social, ou sinal dos tempos? Como conter o cataclisma? Os dias eram de assassínios brutais, atropelamentos espetaculares, roubos frios, desastres, misérias, indignidades... O povo sentia-se inseguro, abandonado; desconfiava-se de tudo, existia uma oportunidade, sempre, para a desonestidade vigilante...

— «O maior cuidado é pouco, Maria Elena — concluiu Guilherme — Luís Felipe é um azougue... Feche sempre o cadeado...»

Meu espôso tinha razão e nisso consistia minha agonia. Meu filho era um diabrete de três anos... Apenas três... Breve, uma casa sossegada, em bairro tranqüilo, arranjaria, prometeu-me Guilherme. Falei-lhe, então, dos meus receios, do desassossêgo, da ansiedade dos sustos. Ansiedade... Aquela avenida, via obrigatória de milhares de veículos, era um perigo constante. Azoinando noite e dia, rumo aos subúrbios ou à metrópole, lá iam os carros, em furiosa velocidade. Motos, bicicletas, carrocinhas, carroças, passavam velozes... Admirava-me da displicência dos pais, que deixavam seus filhos brincar, sós, na calçada, à beira do abismo.

O atropelamento ali constituíra hábito e o hábito é um judeu assíduo e pontual na cobrança... Quase doze... A vertigem da carreira... Menos de doze... A cabeleira loura... Meu Deus!...

Os surdos gozam de um privilégio: o de não ouvir as cousas desagradáveis. Por exemplo, o grito no meio da multidão, aquêle grito pavoroso, pungente, que eu, contra a vontade, ouvia de tempos a tempos.

Fechado a chave permanecia o cadeado do portão. Tínhamos mêdo de que meu filho endiabrado saísse do jardim e se encontrasse, só, na rua. Meu Deus! Três anos, não mais, apenas três...

Não se conseguia outra casa, porém. E êles passavam: camionetes, camihões, ônibus, bondes, ambulâncias... Os jornais traziam...

Meu filho era realmente terrível apesar da severa vigilância que eu exercia, transformando meu lar num cárcere odioso, no ergástulo incômodo que lhe sopeava a liberdade, limitando-lhe os passos. Minha vida se resumia naquele entezinho inocente e querido, pôsto que turbulento. Luìsinho trepava nos móveis, dessarrumava gavetas, quebrava, torcia... Suas diabruras punham-me tonta. Num único dia desmantelou o rádio, para «ver falar o homem» e pôs um relógio dentro do refrigerador! Certa vez, quebrou do candelabro uma lâmpada o travêsso guri e acendeu o fogão a gás! Depois das traquinadas, atirava-se a mim, sorrindo, beijando-me e ao perdão...

Credo! Perdoai-me, pensei, cheguei a pensar numa grilheta, mas a consciência, sentinela insone, repudiou a absurda idéia. Criança sem liberdade é peixe sem água...

Ora, o lar deve ser o relicário da paz e da tranqüilidade, o santuário do amor e da liberdade, onde as preocupações são esquecidas. Tudo isso eu teria, não houvesse os veículos lá fora e... E... Aquêle homem... Aquêle homem sombrio. «Uma esmola por Deus, tenho fome...» Que mêdo me infundia aquela figura! Todo dia êle passava e pedia: «Uma esmola, por Deus, tenho fome...» Era um tipo repelente, velho, andrajoso, sujo. A vizinhança chamava-lhe «bruxo» e a criançada atirava pedras ao infeliz. Nunca lhe dei esmolas, tinha mêdo de aproximar-me. Eu ouvira dizer que êle «roubava crianças!...» Não sei por quê eu cria nisso, talvez por tê-lo visto conduzindo no alforje um volume misterioso... Parecia... Uma criança!... «Uma esmola, por Deus, tenho fome...» Talvez o miserável passasse realmente fome, mas, mercê dessa ojeriza, nunca o atendi. Tinha os olhos fundos, a face pálida e ossuda, a barba esquálida, as mãos esqueléticas de unhas longas e negras. Imaginai tudo isto coberto de negros e imundos farrapos. E o bornal, aquêle bornal às costas... A expressão bronca... Há criminosos natos, identificáveis a ôlho nu.

Minha tranqüilidade só voltava com a noite, ao lado de Guilherme, depois que meu irrequieto filhinho cabeceava sonolento e vencido, entregando-se a sono reparador e sereno.

(Cont. na pág. 38)



Ilustração de RAMON

A BEM AMADA

Romance de THOMAS HARDY

PIERSTON chegou a bifurcação da entrada e parou a fim de tomar alento. Antes de dirigir-se pela direita, que era sua própria e pitoresca via, contemplou o caminho que, pela esquerda, ia até às fortificações, mas que nada tinha de interessante. Era uma estrada nova, larga, branca, regular e se ia estreitando para a frente até um ponto imperceptível, como uma lição de perspectiva. A uma certa distância distinguiu uma jovem que repousava com uma cesta de roupa branca. Pela forma de seu chapéu e a espécie de seu trabalho, reconheceu que só poderia ser Avícia, e que ainda não havia sido visto por ela. O escultor deixou o caminho da direita e subiu lentamente pela encosta na direção em que ela estava.

Notou êle que a atenção da moça se fixava num ponto mais acima, na escarpa, e seguiu a direção de seu olhar. Sôbre êles se erguia a verde-cinzenta montanha de pedra povoada de ervas, cujas cimas estavam aplainadas pelas exigências militares. A linha do horizonte era marcada, de espaço a espaço por guaritas semelhantes a marcos, e perto a uma delas, um ponto vermelho se movia para um lado e para outro em monótono vaivém, projetando sua silhueta no firmamente nublado.

Ficou sabendo Pierston, então, que Avícia tinha um soldado como seu cortejador.

Nesse instante ela voltou a cabeça e viu Pierston. Apanhou o cêsto de roupa e continuou sua marcha ascendente. Tão escarpada era a encosta que tornava exausta a qualquer pessoa que a subisse sem carga alguma, quanto mais assim carregada. Vendo o artista que ela estava cansadíssima, apressou-se e lhe disse:

— Com esta carga não poderás chegar aos fortes. Dá-me.

Mas Avícia não quis e êle ficou parado a olhá-la a subir a ladeira.

Naquele momento pareceu-lhe ver em Avícia um ser radiante, o espírito do sexo feminino, «de tão excelsos resplendores revestida», pelos raios de seu apaixonamento, «que não a contemplava» como realmente era, nem como, às vêzes, a imaginava.

Mas, que tinha ela que ver com o soldado? Pouco a pouco ia ela a vencer a escarpa, sempre olhando o soldado lá em cima, como Pierston a olhava firmemente. Pierston notou que, de vários pontos, surgiam sentinelas que se encaminhavam para ela, à proporção que a lavadeira se aproximava do cimo. Mas, vendo que era ela, não lhe impediam os passos e então viu Pierston que ela cruzava uma ponte levadiça sôbre enorme fôsso que rodeava o forte, e passar em frente dos soldados da guarda, desaparecendo no interior da praça de guerra. Pierston não podia ver, do lugar em que estava, a sentinela, e lhe acudiu a odiosa idéia de que aquêle vermelho rival estaria em colóquios amorosos com a indefesa órfã de sua doce e original Avícia. Talvez que a houvesse conduzido até ao interior do forte, cingindo-lhe o delicado corpo, em amáveis juras de amor.

— Que diabo olhas tanto lá para cima, como se estivesses em êxtase?

Pierston voltou a cabeça. Ali estava o seu velho amigo Somers, a mirá-lo com ar de grande contentamento.

— Eu poderia perguntar-te também, que diabo fazes aqui, se não estivesse tão alegre ao ver-te!

Somers respondeu que viera até ali, a fim de saber o que prendia tanto a seu amigo naquela época do ano, e resolveu andar por ali para dar um pouco de ar puro aos seus pulmões. Pierston o abraçou e ambos se encaminharam até ao castelo de Silvânia.

O pintor retomou a palestra:

— Segundo vi, estavas a olhar fixamente para uma linda lavadeirinha que levava um cêsto de roupa.

— Assim fazias tu, não eu. Por trás da linda mocinha ilhenha está a minha Idéia, em sentido platônico, a essência do quanto é apeticível na vida... Eu estou sob uma condenação, Somers... Sim, estou sob uma condenação. Grande desdita fôra o estar sempre a perseguir um fantasma que eu via em cada mulher, uma atrás da outra, quando estavam à distância, e que, agora se desvanecia quando eu chegava perto. Mas o pior é que, agora, o fantasma não se desvanece, mas persiste em atormentar-me, mesmo quando eu me aproximo o bastante para ver o que é. Essa moça me atrai, mesmo que estejam abertos os meus olhos, ainda que eu reconheça que estou sendo um insensato.

Somers reparou bem o aspecto visionário de seu amigo, aspecto êsse que tanto mais se intensificava, quanto maior era a idade de Pierston. Mas não fêz nenhuma outra observação.

Ao chegar ao castelo, Somers lançou um olhar ao panorama. Pierston, mostrando-lhe a linda casita de estilo isabelino, exclamou:

— Ali vive ela.

— Que lugar tão romântico! Assim é a ilha tôda. Aqui um homem poderia amar a um espantalho!

— Mas uma mulher não poderia. A paisagem não as comove, por mais que elas o digam. Essa moça é tão volúvel como...

— Tu o foste em outro tempo.

— E' verdade, sob teu ponto de vista. Assim me disse ela ingênuamente. E isso me desola vivamente.

Somers se deteve como invadido por súbito pensamento e disse depois:

— Ora veja! E' um estranho jôgo êsse! Porém, queres mesmo casar-te com ela, Pierston?

— Amanhã mesmo. Por que não havia de querer? Que significam para mim fama, nome e sociedade, descendente de piratas e contrabandistas, como ela? Além disso, eu a conheço a fundo, desde sua mais recôndita origem. Sei de que perfeito e puro bloco procede, e isto me infunde confiança.

— Pois então, vencerás.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Jocelyn Pierston, escultor residente em Londres, mas filho de modesta povoação situada numa ilha nas costas da Inglaterra, apaixonara-se por uma jovem conterrânea, Avícia Caro, sua amiga de infância. Mas, espírito volúvel, Pierston a abandonou depois de noivo, assumindo compromissos com outra, a quem também deixou. Pierston só desejava casar-se com uma mulher que fôsse o tipo integral da «Bem Amada», visão que só existia em sua imaginação de artista insatisfeito. Quando Avícia morreu, já viúva de um primo, Pierston foi visitar-lhe o túmulo na ilha natal. Vinte anos haviam rolado sôbre sua vida. Estava êle com cêrca de quarenta janeiros e ainda celibatário, apesar das dez ou doze eleitas e logo abandonadas porque não se aproximavam ao seu tipo ideal. Mas, tendo Avícia deixado uma filha com dezenove anos, logo que Pierston a viu se encheu de paixão por ela, que era o retrato materno. Indo passar o verão num castelo de aluguel, lá na ilha, Pierston tentou atrair a jovem e reparar a injustiça que fizera à mãe, desposando a filha. A nova Avícia, porém, não estava disposta a isso, em virtude da grande diferença de idades. Também ela era muito volúvel, além de inculta e sem educação social, contrastando com a primeira Avícia.

Aquela tarde, depois do jantar, estando Pierston em companhia de seu velho amigo, o pintor Somers, no castelo, a conversar animadamente, foram interrompidos pelo longo assobio que vinha dos alcantilados próximos do jardim. Somers não notou nada; mas Pierston o ouviu nìtidamente. Aquêle silvo sempre surgia à mesma hora da tarde, quando Avícia estava no castelo a auxiliar nos trabalhos caseiros.

Pierston pediu desculpas ao seu amigo e saíu do jardim, já envolto em trevas, e percebeu ruído de pisadas sôbre o chão, entremeado com o rumor das ondas. Eram passos ligeiros como se tivessem asas. E pouco depois pensou Pierston que os lábios de algum tosco Fulano pousavam nos dela, quando êle mal se atrevia a mirá-la, tão comovido estava com sua juvenil beleza. Fervia a imaginação do escultor.

Como ouvira por ali vozes humanas, entre elas as de duas pessoas que riam, retornou Pierston a casa. No dia seguinte saíu Somers a procurar bom sítio para pintar telas de marinha, indo depois a seu encontro Pierston. De caminho encontrou avícia, dizendo-lhe gravemente:

— Então, tens um galã?

Avícia não negou. Era isso mesmo.

O escultor continuou:

— E tu o amas?

— Parece que, a êsse, poderei amar, — continuou a jovem com um tom significativo, cujo alcance não foi bem comprendido por Pierston. Deixou-me há algum tempo; mas agora fizemos as pazes.

— De certo é um jovem de boa situação, boas qualidades.

— Para mim é muito bom.

— E que, sem dúvida, elegante.

— Bastante, para mim.

— Mui educado e decente.

— Bastante fino e decente para mim.

Pierston não conseguiu perturbá-la e deixou-a passar. O dia seguinte era domingo, e havendo escolhido Somers sua perspectiva em outro extremo da ilha, resolveu Pierston conhecer, naquele dia, à tarde, o apaixonado de Avícia. Logo que viu ter ela saído de sua casa, fechando a porta e se dirigindo para os lados dos faróis de Beal, o escultor foi-lhe ao encalço. Ao chegar entre as pedreiras, viu um rapaz, no solitário caminho, de braços com a jovem.

Quando Pierston chegou perto dêles, Avícia se ruborizou um pouco com ares de afetada culpabilidade, ao notar que Pierston a fitava. O rapaz que estava com ela era um dêsses tipos comuns na ilha, denotando energia e cautela, com as faces cobertas por espêssa barba.

Pierston imaginou que nos seus vivos olhos negros se vislumbrava árido sentimento de humorismo a respeito da situação.

Se assim era, devia ter Avícia o informado acêrca dos sentimentos de ternura de Pierston. Aquela mocinha, a quem por consideração à sua querida mãe, muito mais do que pelos seus inegáveis atrativos, tanto respeitara como às meninas de seus olhos, porque o julgara tão ligeiramente?

Mortificado no seu amor próprio e sofrendo as conseqüências de precipitado desdém pelo amor de Avícia, não viu Pierston, naquele momento, o que depois muito o impressionou. O jovem a cujo braço se apoiava Avícia não era soldado. Neste caso, qual o motivo por que ela se extasiava tanto diante da sentinela? Dificilmente poderia ter mudado, tão ràpidamente os seus afetos. Ou então a figura ideal de seu Amado, na teoria do próprio Pierston, mal tinha tempo de transferir-se de trocar de corpo... Qual dêles teria assobiado ao anoitecer?

Sem querer ir ao encontro de Alfredo Somers, regressou Pierston a sua casa, subjugado pelo triste pensamento de que, como se houvesse decretado seu destino, afligia-se com o desejo de casar-se com Avícia para enobrecê-la em homenagem à primeira Avícia, uma vez que seu amor à bela lavadeirinha persistia com um vigor sem precedentes.

Ao portão do jardim do castelo de Silvânia estava parada uma carruagem. Observou que não se tratava de um dos rústicos veículos da ilha, mas sim vinda já da cidade da baía. Estranhando que o visitante se houvesse apeado à porta deixando fora o coche, entrou, indo encontrar no salão a Nicola Pine-Avon.

À primeira vista lhe pareceu muito formosa com o seu elegante traje e graciosa atitude. Mas, depois, ao observar a palidez e agitação de seu rosto lhe pareceu patética. Naquele instante era ela muito diferente daquela que, de outra vez, refestelada em uma poltrona, o recebera com indiferença em seu salão da praça Hampstonshire.

Enquanto Pierston lhe apertava a mão, disse ela em voz baixa e em tom de desculpas, murmurando lânguidamente:

Tradução de RENATO DE ALENCAR — **Ilustração de RAMON**

(Cont. no próximo número)



O RISO DOS OUTROS



— Mãos ao alto!



— José!!





— Amigos ouvintes, interrompemos o programa, para uma notícia de última hora...



· — Não, não... Eu sou Betty... veja catálogo ilustrado, página 14!



— Os negócios vão mal, hein, querida?



O CINEMA AUSTRÍACO

NUMA GOSTOSA SÁTIRA

UM FILME QUE NÃO PROVOCARÁ REAÇÃO DAS TROPAS OCUPANTES, PORQUE FOI FEITO PARA RIR ★ O ANO DOIS MIL EM VIENA ★ TUDO ATÔMICO E MUITO RÁPIDO ★ OS AUSTRÍACOS DÃO UMA LIÇÃO DE BOM HUMOR AO MUNDO

Quando os aliados deixarem Viena, será assim que as austríacas estarão usando ao rigor da moda, segundo vemos aqui a bela Judith Holzmeister.



Os vestidos de baile no ano 2.000, os penteados, chapéus e demais ornamentos femininos serão assim também, conforme o desopilante filme.



Dentre as mais importantes personagens da Áustria, estará também o velho Imperador Francisco José, para dar «adeus» às tropas ocupantes.



Schubert também comparece ao baile de despedida dos ocupantes, realizado no Schoenbrunn, para ver de perto a retirada das fôrças em 2.000.

VEIO-NOS de Cannes, onde se realizou o último Festival Cinematográfico Mundial, a notícia pitoresca daquele certame de arte fílmica, através de fotografias apresentando cenas do filme austríaco, «Primeiro de Abril do ano 2.000», de Wolfgang Liebeneiner. Trata-se de uma das mais saborosas sátiras que o cinema já produziu, depois de «O Grande Ditador», de Chaplin, ridicularizando o nazismo. Entre nós, o primeiro de abril é o dia consagrado à mentira, procurando cada um que assim quiser, pregar peças a amigos, conhecidos, ou mesmo a estranhos. Lá na Áustria o primeiro de abril é o da liberdade que cada qual tem, de praticar irreverências, é uma data com certo aspecto de licença carnavalesca, um dia de folguedos populares, para a galhofa e a expansão de comicidade. Aproveitando essa liberdade por um dia, a Áustria rodou o «Primeiro de Abril, Ano 2.000», e o mandou para Cannes, a fim de ser exibido naquele congresso cinematográfico. Segundo os críticos, essa fita austríaca, sob o ponto de vista da arte e da técnica, pròpriamente ditas, não impressionou; mas, quanto ao argumento, ao «leit-motiv» em que se inspirou e as ironias da história, está arrancando gargalhadas e fazendo muito bem ao fígado de quantos o vêem. O povo francês o aplaudiu com entusiasmo. O tema da película é de uma graça envolvente, mostrando na trama de sua sátira e do seu sadio humor, que o povo austríaco encara a ocupação dos «quatro grandes», Estados Unidos, Inglaterra, França e Rússia, com o mais benevolente pessimismo. Em todo o desenrolar do filme está ressumando a ironia da história. Mas tudo feito com tal arte e jeito, que os próprios estrangeiros ocupantes, não podem revoltar-se ou sentir-se feridos em seus brios de fiéis cumpridores das determinações da ONU. Como tudo isto se passa no ano dois mil, a primeira do mês de abril, — dia consagrado a brincadeiras, ninguém pode interpretar a crítica hábil com olhos de inimigo. Mas, que os austríacos conseguiram seu objetivo, lá isso é indiscutível. Mostraram que a Arte está acima de todo o domínio pelas armas, e que ainda se pode conseguir milagres lançando mão de nomes que a história da arte consagrou diante de tôda a humanidade. A fita é baseada no mais sadio princípio patriótico, mas sem as exibições patrioteiras. Sua direção foi genial e o espírito da Áustria nêle se acondiciona em dosagens espirituosas e de grande efeito internacional. Há cenas desopilantes, de muito bom humor. Naquele dia do ano 2.000 o povo se rebela e os países ocupantes resolvem abafar a rebelião. Tudo o que se pode imaginar de progresso para o ano citado cem à tela. Ao lado dêsse julioverniismo cinematográfico, muito curioso, a parte cômica da película, com artistas de escol e mulheres lindas. A intervenção dos dominadores é satirizada com maestria e não há quem não fique simpatizando com o povo que produziu o filme, e achando a maior graça dêste mundo, nos dirigentes ocupantes, mas sem odiá-los. Vê-se que o filme não foi realizado com o intuito de acirrar ódios, nem tão pouco, para nutrir queixas, e sim para divertir os próprios filhos do país que sofrem resignadamente a humilhante condição de «prisioneiro». À cena final, que é o fecho de ouro da película, comparecem os grandes nomes da história artística da Áustria, como Franz Schubert, Schwarzenburg, Andreas Hofer e outras personagens dos séculos XVIII e XIX, todos trajando roupas como em seus respectivos tempos. Quando os últimos sentinelas das nações ocupantes, depois do grande baile da reconciliação, vão num jeep tomar o navio



Carl Lueger, fundador do PDC (1844—1910), também aparece nos festejos de despedidas.



E aqui está o herói Andreas Hofer (1767—1810), ressuscitado para aplaudir os grandes festejos.



Outro herói nacional, o almirante von Tegellhoff, que assiste à retirada das tropas ocupantes.





A fraternidade universal nos salões do Schoenbrunn a primeiro de abril do ano 2.000 na capital da Áustria, festeja o fim da ocupação estrangeira.

Outro herói das batalhas contra Napoleão, Karl Philipp Fuerst Zu Schwarzenburg vem com sua lady festejar o último dia dos aliados em Viena.

aéreo e deixar o país livre e entregue ao seu próprio destino, tôda a assistência ri gostosamente diante das figuras encanecidas daqueles «guardas», que ali estiveram durante mais de meio século, envelhecendo assim inùtilmente... E então o povo austríaco do ano 2.000 os saúda com palmas vibrantes, desejando-lhes «feliz regresso»... O espírito do filme é contagiante e mostra que, com arte e talento, pode-se conseguir muita coisa, muito mais do que com ataques diretos e censuras irritantes. Uma bela lição, mandou a Áustria ao Festival de Cannes, aumentando em muito o prestígio da alegre e encantadora Viena.

Êste é o Primeiro Ministro da Áustria do ano 2.000, conversando com um Juiz dos Tribunais da Áustria no ano dois mil, segundo o grande filme.

O Imperador Francisco José conversando com o último membro das tropas francesas que ocupavam o país das valsas, no dia em que deram o fora.







Coronel Mola, herói lendário... Apareceu como o autor da morte de Giuliano. Mas não foi.

O BANDIDO PISCIOTTA, QUE FUZILOU O CHEFE DO BANDO PARA GANHAR 10 MILHÕES DE LIRAS, VAI FICAR NA CADEIA ★ 353 ANOS PARA TRINTA FACÍNORAS ★ A CHANTAGEM DO CORONEL MOLA ★ O CRIME NÃO COMPENSA

Roma — Via aérea — (Exclusividade da «Revista da Semana».)

O nome do lendário bandido Salvatore Giuliano, nunca encontrado pelos carabineiros do Estado, embora tenha sido visitado pelos jornalistas Ambrozio e Ivo Meldolesi, de «Oggi», voltou às primeiras páginas dos jornais da Itália. O govêrno ofereceu um prêmio de 10 milhões de liras, a quem encontrasse Giuliano vivo ou morto.

O novo Robin Hood era muito protegido e a perseguição contra o bandido, tal qual no Brasil, no tempo de Antônio Silvino e «Lampião», constituía uma indústria rendosa. Um dia anunciaram que um certo coronel Mola, no covil dos bandoleiros, fuzilara Giuliano, sôbre quem falavam as mais diferentes histórias. O fato é que os seus feitos empolgaram à população, sobretudo à juventude. O coronel, foi promovido por

MATOU GIULIANO E GANHOU PRISÃO PERPÉTUA!



O bandido Giuliano examina uma arma ao lado de Pisciotta, seu matador.



O terrível bandido que espalhou a morte na Itália durante longos anos.



O facínora, numa pose cinematográfica de Hollywood, posa para a posteridade... O seu nome, agora, corre a Itália cercado por uma estranha auréola.

bravura, recebeu as medalhas e pleiteou o prêmio.

O CORONEL NÃO MATOU NINGUÉM

Acontece que o coronel não matou ninguém. Quem assassinou Giuliano foi o seu lugar-tenente, o terrível celerado Gaspare Pisciotta, homem ganancioso e que pensava ficar livre das malhas da Justiça, liqüidando o seu chefe, quando êle, também, era responsável por dezenas de mortes, sobretudo de carabineiros.

Gaspare Pisciotta e mais trinta facínoras do grupo de Giuliano foram julgados em Viterbo, acontecimento que arrastou à pequena cidade, cêrca de 100 jornalistas e fotógrafos estrangeiros. Êste fato diz da importância do assunto Giuliano na Itália.

A sua morte em 5 de julho de 1950 foi, apenas, um detalhe. Hoje Giuliano vive na lenda da gente humilde de península.

Pisciotta, um tanto alquebrado, porém, decentemente trajado, chegou ao Tribunal em companhia de dois advogados. Pisciotta sempre alimentou a esperança de receber o prêmio oferecido pelo govêrno da Itália.

Precisamente às 23,35 horas, o Presidente do Tribunal, D. Agostinho, leu a sentença em nome do povo italiano. Gaspare Pisciotta e mais treze bandidos foram condenados à prisão perpétua; Ângelo Russo e Vicenzo Pisciotta, irmão de Gaspare, 20 anos de cadeia. O Tribunal resolveu, ainda, atendendo a um dispositivo de lei, que o prêmio não será pago e sim entregue às obras sociais. Aí, Gaspare Pisciotta, muito pálido e agitado, caiu em pranto.

As penas impostas aos trinta bandidos somaram 353 anos. «O crime não compensa», — foi a manchete de um jornal de Roma, noticiando o resultado do julgamento de Viterbo.

A SEMANA ASTROLÓGICA

Indicações do seu horóscopo, entre 23 e 29 de maio de 1953.

(Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

Carneiro — (21/9-20/10) — As desfavorabilidades continuarão, no seu caso, embora restringidas ao setor doméstico. Motivos alheios à vontade do leitor, darão lugar a sérios desentendimentos no lar, havendo mesmo, perigo de separação.

Touro — (21/10-20/11) — Haverá uma acentuada elevação favorável no ambiente que os astros vão lhe oferecer na semana em causa. Os negócios serão solucionados com relativa facilidade, havendo lucros compensadores.

Gêmeos — (21/11-22/12) — Não poderá haver embaraços sérios nem nos seus negócios, nem nas suas iniciativas. Viverá, nos próximos sete dias, um clima favorável aos seus empreendimentos e terá êxito nas realizações.

Câncer — (23/12-20/1) — A semana lhe exigirá grande atividade, notadamente entre os dias 26 e 29. Um mundo de pequenas cousas absorverá sua atenção. Os resultados práticos serão de pouca monta, no final do período.

Leão — (21/1-20/2) — Com exceção do dia 24, impróprio aliás, para o trabalho, o leitor terá um período altamente favorável ao que pretender, excluídos os absurdos. O ambiente possibilitará a reconquista de posições, de tudo o que houver perdido.

Virgem — (21/2-22/3) — Aguarde uma melhor oportunidade para dar corpo aos seus projetos. O meio recusará seus empreendimentos, julgando-os idéias de visionário. No campo da prática, nada o ajudará.

Libra — (23/3-20/4) — Os assuntos econômicos e financeiros poderão ser abordados e resolvidos satisfatòriamente. Suas justas solicitações serão prontamente atendidas. O ambiente será de simpatia entre as autoridades e os homens de negócio.

Escorpião — (21/4-20/5) — Mantenha-se em prudente atitude no campo da política e das doutrinas sociais. A semana predispõe a atos de extrema violência. Haverá perigo de perda da liberdade.

Sagitário — (21/5-23/6) — Seu barco continuará navegando em mar bonançoso. Bons ventos o ajudarão a chegar antecipadamente, com provisão bastante, ao pôrto desejado. Aproveite a chance em qualquer setor de suas atividades.

Capricórnio — (24/6-22/7) — Vai haver uma solução de continuidade na euforia do seu ambiente. O próximo período terá dias bem desfavoráveis, no seu caso, notadamente no que diz respeito aos negócios. O dia 25 será o pior.

Aquário — (23/7-21/8) — Poderá realizar com êxito, o seu projeto de viagem. Poderá igualmente, mudar de lugar ou de orientação profissional. O ambiente lhe facilitará o êxito no que empreender.

Peixes — (22/8-20/9) — O leitor desfrutará um clima mais alto e, conseqüentemente, mais favorável à ação que fôr empreendida. De uma cousa, sòmente, se abstenha, sob pena de um grande desgôsto: os casos sentimentais.

Os nomes da Semana

Maio 23 — Tiago — Olímpia
" 24 — Félix — Mafalda
" 25 — Eurico — Ercília
" 26 — Bruno — Valentina
" 27 — Honório — Gisela
" 28 — Anacleto — Gilda
" 29 — Bonifácio — Maria

Efeméride da Semana

Marcha e posição do Sol — Meio dia de Greenwich.

Maio 23 — 2º 2'50" (Signo dos Gêmeos)
" 24 — 3º 0'28" " " "
" 25 — 3º58' 2" " " "
" 26 — 4º55' 4" " " "
" 27 — 5º53'15" " " "
" 28 — 6º50'48" " " "
" 29 — 7º48'20"

JANELA SOB



NAGUIB, O HOMEM FORTE DO EGITO, general do exército e «premier» do govêrno do país das pirâmides, dentre muitas inovações a introduzir em sua pátria, está a do reflorestamento. Para isso instituiu a «Jornada da Árvore», a começar pelo Cairo. Esta foto é o flagrante de quando êle, acompanhado de vários colegas de armas e de auxiliares do govêrno, plantava mudas de cedros. Nessa ocasião lhe perguntaram se Narriman podia voltar à sua pátria, tendo êle respondido com a maior clareza: «Ela e o filho podem regressar quando quiserem. Não me oponho a isso». Ao lado da campanha do reflorestamento, está a da evacuação dos inglêses de todo o canal de Suez e a implantação da República no Egito.



NOBLESSE OBLIGE — Todo mundo sabe que a tensão entre o Xá da Pérsia e o seu primeiro ministro, Mossadegh, continua muito viva. Chegaram mesmo a dizer que o político de Teerã estava preparando um golpe com o fim de implantar uma ditadura e mandar a família real passear. Houve agitação sensacional, faz pouco, nas ruas da capital da velha Pérsia, quando o primeiro ministro meteu nos cárceres mais de quinhentas pessoas, muitas delas partidárias do Xá. E' natural que a rainha Soraya Isfandyari, espôsa do soberano, não veja com bons olhos o chefe da política nacional. E seu estado de alma bem se reflete na fisionomia fechada que fêz, quando Mossadegh, num gesto de cortesia civilizada, lhe beijou a mão, curvando-se.

● Chiang-Kai-Chek, em discurso de dez mil palavras, declarou que os prenúncios de paz vindos da URSS, em relação à Coréia, fariam derivar as fôrças comunistas contra o sueste asiático. Admite ainda que Eisenhower tomou a iniciativa da paz.

● O Presidente do Equador, Velasco Ibarra, depois de declarar que não admitirá provocações às fôrças armadas pela imprensa, mandando fechar jornais em Guaiaquil, manteve trocas de telegramas violentos com a Sociedade Internacional de Imprensa.

● Senadores democratas dos Estados Unidos expressaram suas preocupações em face do novo plano de rearmamento para a NATO (Organização do Tratado do Atlântico Norte), temendo que qualquer afrouxamento no ritmo da defesa traga más conseqüências.

● Conforme declarações do presidente Eisenhower a um grupo de senhoras norte-americanas, seu irmão Milton Eisenhower visitará os países da América Latina a 20 de maio, mais ou menos, a fim de estudar assuntos ligados aos Estados Unidos.

● O Júri do Festival Cinematográfico Internacional de Cannes, concedeu o primeiro prêmio ao filme francês «Salaire de la peur», cabendo ao «Cangaceiro», o prêmio de melhor música. Acham certos críticos, que o filme francês é anti-americano.

● A campanha contra a exploração de preços em Buenos Aires continua vigorosa, já tendo sido presos mais de mil contraventores e fechados, definitivamente, sessenta e sete estabelecimentos comerciais, com a expulsão de 33 negociantes estrangeiros.

● A comissão norueguesa do Prêmio Nobel de Paz confirmou que o sr. Alberto Lleras Camargo, secretário-geral da Organização dos Estados Unidos Americanos, havia sido aceito como candidato àquele prêmio para 1953. Os nomes restantes se mantêm em segrêdo.

● Comunicam de Nova Iorque que, antes do fim do ano, será tentada num ser humano uma vacina contra a paralisia infantil. O vírus de Lansing, que servirá para a fabricação da vacina, está sendo cultivado num embrião de pinto. Espera-se êxito.

● Rebeldes comunistas do Viet-Minh, seqüestraram 350 recrutas vietnamenses, incursionando inesperadamente por um centro de instrução militar perto de Hanoi. Poderosas colunas vermelhas iniciaram o cêrco de Luang Prabang, capital de Laos.

● Catorze membros diretores da maior fábrica de maquinária da zona soviética de Berlim, acabam de fugir para a zona ocidental, conduzindo os planos da mesma fábrica. Êsses elementos estavam ameaçados de prisão pelas autoridades russas.

COM A PRESENÇA do sr. Ministro da Fazenda, e sob a presidência do sr. Euvaldo Lodi, encerrou-se a V Reunião da CEPAL, organização internacional para ajudar os países sub-desenvolvidos. Além dos delegados brasileiros, contavam-se os da Inglaterra, Estados Unidos, Argentina, Holanda, etc., reinando a maior cordialidade entre todos os embaixadores dessas nações. As conferências se realizaram em Quitandinha, tendo os delegados e seus auxiliares imediatos ido levar ao Presidente da República os seus cumprimentos pela boa marcha dos assuntos internacionais ventilados nesse conclave. Coube ao embaixador da Argentina, sr. Juan Isaac Cooke, saudar o chefe da nação, quando agradeceu a acolhida que todos tiveram no Brasil. Os assuntos mais debatidos durante essa V Reunião, foram aquêles que dizem respeito ao desenvolvimento econômico da América Latina.

RE O MUNDO

QUEM DISSE ISSO?

1 Só teremos alegrias se as dividirmos. A felicidade nasceu gêmea.

2 A ambição possui olhos de bronze, de que os sentimentos jamais arrancarão lágrimas.

3 O infortúnio é benéfico; êle nos faz conhecer os nossos amigos.

4 A amizade é como os títulos honoríficos; quanto mais velha, mais preciosa.

5 O amor dá muitas amarguras.

(Respostas na página 40)

● Foi fechado po: ..ez dias o jornal comunista «El Siglo», de Santiago do Chile, e prêso seu diretor Raul Ayala, acusado de infração à lei sôbre a defesa da democracia. A causa dessa medida foi um artigo do jornal, acêrca de especulação em dólar.

● As negociações do armistício entre as Nações Unidas e os sino-coreanos parece que vão em bom caminho, diante da decisão dos comunistas que aceitam um país asiático como encarregado dos prisioneiros sino-coreanos que não desejam repatriar-se.

● Está em pleno desenvolvimento a investigação solicitada pelo presidente Peron, ao Congresso Nacional argentino, no sentido de proceder-se a rigorosas investigações sôbre o serviço das Agências noticiosas norte-americanas naquele país.

● José Inácio Couto, brasileiro e motorista de praça em Buenos Aires, faleceu a 2 de maio, em conseqüência dos ferimentos recebidos quando da explosão de uma das bombas a 15 de abril último. Couto nada tinha com o caso, sendo apenas espectador.

● Vanja Orico, uma das mais festejadas figuras do filme «O Cangaceiro», vai casar-se com um jovem italiano que já apareceu numa ponta do filme «Fabíola». O namôro começou há dois anos, tendo-se intensificado agora, quando Vanja estêve na Itália.

● O Governador do Estado do Rio e sua espôsa, atualmente em visita aos Estados Unidos, foram homenageados pelos magnatas da indústria cinematográfica em Hollywood, com um banquete no hotel «Beverly Hills», tendo Freman como anfitrião.

● Travou-se a 2 de maio uma das mais encarniçadas batalhas terrestres dêstes últimos tempos nos campos de luta da Coréia, entre tropas inglêsas e canadenses e os comunistas sino-coreanos, iniciando êstes o canhoneio, com mil granadas.

● Lucile Vogeler, espôsa de um dos jornalistas atualmente presos na URSS, como acusados de espionagem, fêz um apêlo direto a Malenkov, solicitando a libertação dos três profissionais da imprensa, alegando que isso contribuiria para a paz.

● Entre 20 de março e 4 de abril do ano próximo, haverá no Panamá uma Exposição Comercial Internacional. Sugere-se o comparecimento do Brasil e a construção de armazéns no território livre de Colón. Informes com: Mário de Diedo, C. Postal, 535.

● Ocorreu em fins de abril o segundo desastre com um avião «Comet» a jato, entre Calcutá e Nova Delhi, morrendo 37 passageiros e os 6 tripulantes. Trata-se do segundo acidente, com aviões dêsse tipo, que já têm um ano de atividades.

● O «New York Times» qualifica de absurdas as acusações do govêrno argentino contra as agências noticiosas norte-americanas em Buenos Aires, e diz que isso nada mais é do que velho processo dos ditadores contra a liberdade de imprensa.



O NORTE-AMERICANO PINKHAM, residente em West Baxton, Estados Unidos, teve a agradável surprêsa de receber a visita da cegonha elevada à quarta potência. O problema era o da alimentação. Era impossível à espôsa nutrir aquela ninhada de pequeninos Pinkham. Teve então uma idéia genial: em berços para dois, êle construiu aparelhos individuais com mamadeiras prêsas a suportes metálicos com um dispositivo de borracha, no qual se prende a mamadeira. Os quatro garotinhos receberam a invenção paterna com a maior alegria, esvaziando os vidros, muito confortàvelmente deitados. Depois da ingestão a quatro bôcas, a gurizada dorme a sono sôlto, enquanto os pais dão graças à oportuna invenção.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

1—Qual o vegetal amazônico que produz o «marfim vegetal»:
— O copaíba?
— O caranaí?
— A jarina?

2—De quem é esta sentença: «A própria virtude não pode livrar-se dos botes da calúnia»:
— Anatole France?
— Cervantes?
— Shakespeare?

3—A estátua de Júpiter Olímpico, uma das 7 maravilhas do mundo, foi destruída por:
— Um furacão?
— Em conseqüência de guerras?
— Por um terremoto?

4—Em que cidade do mundo se conseguiu transformar mercúrio em ouro:
— Chicago?
— Londres?
— Berlim?

5—Quantos quilômetros tem a Terra, de circunferência:
— 25 mil?
— 30 mil?
— 40 mil?

6—Onde se acha a famosa pedra «Roseta»:
— No Vaticano?
— No Museu do Louvre?
— Na China?

7—Qual dêstes sábios astrônomos viu, com o seu telescópio, a explosão de uma estrêla:
— Galileu?
— Copérnico?
— Kron?

8—Qual o país que possui maior fôrça hidráulica do mundo:
— Congo Belga?
— Brasil?
— Rússia?

9—Com que nome era conhecido o Oceano Atlântico, na Idade Média:
— Tenebroso?
— Finisterra?
— Mar de Espanha?

10—Que originalidade possui o Mar Báltico em relação aos outros:
— Ter excecional salinidade?
— Ser o mais profundo?
— Registrar a menor salinidade?

11—Qual a gruta importante do Brasil, em tamanho e arte:
— A de Maquiné, em Minas?
— A das Fadas, em Curitiba?
— A de Ubajara, no Ceará?

12—Que nome tinha a primeira barca ao inaugurar-se o tráfego entre o Rio e Niterói:
— Cantareira?
— Bragança?
— D. Leopoldina?

13—Em que ano chegaram os primeiros automóveis no Rio:
— 1902?
— 1906?
— 1908?

14—O padre José de Anchieta, quando chegou ao Brasil tinha:
— 19 anos de idade?
— 25?
— 31?

15—Com que idade morreu o santo evangelizador Anchieta:
— 40 anos?
— 54?
— 63?

Resposta 0: estado primitivo — Homem-macaco.
De 1 a 3: cultura inferior — Selvagem.
De 4 a 6: cultura média — Estudante ginasial.
De 7 a 11: cultura superior — Universitário.
De 12 a 14: um sábio.
Tôdas as 15: um gênio em pessoa.

(Respostas na pág. 40)

SEGREDOS DA ALMA

À LUZ DA PSICANÁLISE

Dr. LUIZ FRAGA

«DOUTOR»: — Tenho lido muito cousa sôbre contrôle do sistema nervoso. Devo confessar-lhe que, entre ler e praticar vai uma distância muito grande. Isto porque Marden, Wagner, Cové, etc., parecem-me uns teóricos e aconselham cousas impraticáveis. Por exemplo: «Repita: estou calmo. Eu posso dormir»; «Não me assustarei»; «não tenho mêdo», etc. Quando a gente acaba de repetir estas cousas, está mais nervoso, mais insone, mais assustado e mais medroso.

O senhor falou, há pouco tempo sôbre os «Iogues» e se referiu aos indus. Gostaria que me dissesse algo sôbre êstes últimos.

J.P.B. (São Paulo.)

● Nada acontece que não seja naturalmente suportável. Acidentes iguais sucedem a uns que, por ignorá-los ou por ostentação de grandeza de alma, conservam-se calmos e insensíveis. A alma de alguém será o que dela fizerem as suas idéias habituais; ela absorve a tonalidade dos pensamentos. Onde é possível viver, também aí é possível viver bem. Todo ser tende para o objetivo a que foi destinado; onde está êsse fim, aí também se acham os seus interêsses, o seu bem estar. O bem estar de um ser racional acha-se na sociedade, pois de há muito já se demonstrou que fomos criados para viver assim. Os indus recolhem-se, pelo menos, meia hora por dia, em silêncio para afrouxar os músculos, dominar a respiração e meditar sôbre as cousas eternas. Tôda a criança indu é exercitada nisto desde tenra idade. Os bons frutos de tal disciplina mostram-se evidentemente na quietude física e falta de tensão, e na maravilhosa suavidade e calma da expressão facial, e na imperturbabilidade de maneiras dêstes orientais. Os ocidentais privam-se a si próprios de uma graça essencial de caráter. Quantas crianças brasileiras ouviram alguma vez dizer a seus pais ou professôres que deviam moderar suas vozes gritantes, que deviam afrouxar os seus músculos em repouso e tanto quanto possível, ao sentarem-se, ficarem absolutamente sossegadas? Pela sua influência reflexa sôbre os nossos estados mentais esta interessante hipertensão, hiperexpressão e hipermoção estão operando sôbre nós gravíssimos prejuízos.

● W. James aconselha: «Conservai a faculdade do esfôrço viva em nós como um pequeno exercício voluntário todos os dias.» E manda-nos ser sistemàticamente heróicos em pequenos pontos desnecessários, fazendo dia a dia, ou cada dois dias, qualquer cousa, por nenhuma outra razão que a sua dificuldade, a fim de que, quando se aproxime a hora da triste necessidade, ela não nos encontre enervados e distreinados para suportar a prova. Acetismo desta sorte é como o seguro que um homem paga pela sua casa e bens. O prêmio em nada o beneficia na ocasião, e talvez até nunca lhe traga resultados. Mas se o «fogo» chega, o tê-lo pago será a sua salvação da ruína. O mesmo se dá com o homem que se acostumou diàriamente a hábitos de atenção concentrada, volição enérgica e sacrifício próprio em cousas desnecessárias. Êle resistirá como uma tôrre, quando tudo desaba à sua volta e quando os seus irmãos mais frágeis são soprados como palha pelo fucacão.

C U P Ã O

Nome ....

Pseudônimo ....

Data do nascimento ....

Estado civil .... **Profissão** ....

Residência ....

CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

● **L. O.** — (Rio)

SONHO — Eu era guardado e seguido por um leão: via-o, e êle, de certo modo, me infundia respeito. Minha mãe aproximou-se de mim e eu, receando que ela fôsse atacada, gritei: — "Não se aproxime! Veja que há uma fera perto de mim!"

INTERPRETAÇÃO — Durante a curta passagem de nossa vida terrena, vivemos uma luta contínua com a nossa natureza dual, dividida entre o Bem — nosso espírito, o Eu superior — e a alma, onde se acumulam os desejos e o mal. Êstes, quando desencadeados, quebrarão os grilhões que prendem os animais selvagens que vivem em nosso eu inferior (leão), trazendo-nos desassossêgo. Essas feras nos atacam à traição e pretendem, muitas vêzes, acabar com as oportunidades de auto-domínio oferecidas pela parte superior de nossa personalidade.

Sua felicidade e seu progresso dependerão da supremacia da superconsciência sôbre os seus baixos instintos e, então, não mais temerá coisa alguma e nem a você mesmo, e sentirá que tôdas as criaturas podem e devem aproximar-se de você, para receber os eflúvios do seu coração, transformado em um crisol onde estarão guardados com carinho e amor, os seus mais belos e sublimes sentimentos.

Tenha o máximo cuidado em não molestar sua genitora (advertência que lhe dirigiu) e não vá, com alguma palavra imprudente, acumular remorsos que só poderão fazê-lo infeliz por tôda a vida.

Enjaule o seu leão, mas, domestique-o primeiro: se o acorrentar assim, no estado bravio, êle se revoltará e, rompendo as grades da jaula (seu auto-domínio) sairá mais feroz que dantes... Medite sôbre o seu sonho: nêle há muita coisa a descobrir...

● **ZULA (Rio)**

SONHO — A mamãe sonhou que me via colocar na cabeça um véu prêto, enquanto uma senhora desconhecida punha na própria cabeça um branco. Ambas achamos estranho êsse sonho. Que quer êle dizer?

INTERPRETAÇÃO — Deixo de transcrever sua carta, por ser tôda de natureza muito íntima; entretanto, pelos detalhes que me forneceu, é que vou poder interpretar seu sonho. Sabemos que os véus negros sempre encobrem coisas desagradáveis ou escabrosas... Sua mamãe, senhora experimentada, vê com tôda clareza que lhe ensinaram os anos e a grande mestra — a Vida — que você se está iludindo com os acontecimentos que se desenrolam em seu lar (véu prêto). Mas você tem agido com espírito de humanidade digno de nota, protegendo a inocência (véu branco) daquela que se entregou à sua guarda. Você deve ser dessas heroínas que sabem calar sua dor moral e sentimental, para não perder o equilíbrio e a harmonia do seu lar, nem deixar que os seus filhinhos venham a sofrer através do seu próprio sofrimento. Sua fibra é invejável, Zula. Você deve possuir o **self-control** suficiente para dar tão belo desempenho ao papel que lhe coube de espôsa traída e vilipendiada. Se outro caráter tivesse esta seção, publicaria sua carta na íntegra para exemplo das espôsas que não sabem esperar e agem precipitadamente. Aguardo sua nova carta como me prometeu e estou sempre ao seu dispor.

● **ZULA (Rio)**

SONHO — «Não sei se você, Maria Paula, já recebeu minha primeira carta, contando um sonho de minha mãe. Aqui vai outro sonho dela: ela me via numa casa grande com meus filhos, quando foi atirada uma bomba atômica; sentiu um terror pânico e começou a rezar; mas, quando se desvaneceu o rôlo de fumaça, a casa reapareceu, intata e bonita como antes.»

INTERPRETAÇÃO — Dada sua natureza calma, ponderada, e, sobretudo, ao seu modo sensato de agir (casa bonita) você venceu a mais dura prova por que possa passar uma espôsa. Depois dos dias calamitosos que viveu (bomba sôbre sua casa) você encontrará a paz e o sossêgo necessários à continuação de sua missão (casa que ficou imune à bomba atômica). Você muito contribui para se libertar da assombrosa situação criada pela falta de escrúpulos de seu marido. Êle que desencadeou essa tempestade de sofrimento (bomba) reconhecerá o seu êrro e voltará a ser o mesmo de sempre. Cumpre-lhe, como mulher inteligente e culta que é, estudar os pontos fracos da alma de seu espôso e fortalecê-los com sua vontade poderosa e o carinho que sempre lhe dispensou.



Vista de Canudos na atualidade, não restando do antigo arraial de Antônio Conselheiro, mais que as dolorosas recordações. Mas ainda há sertanejos que, através das tradições dos mais velhos, ainda esperam a volta do mais famoso beato de nossa história de messianismo fanático.

CANUDOS VAI SUBMERGIR

PEDRO CALMON (Da Academia Brasileira)

CONSTA dos projetos de irrigação do nordeste, o açude que submergira o arraial de " Conselheiro ". Êsse velório histórico terá assim o destino de São João Marcos. Vai desaparecer sob um lençol de água fertilizante: e no fundo dessa lagoa artificial, afogado e sumido, sem que nada recorde, à superfície, o mais famoso reduto que neste país houve do fanatismo heróico, centro fabuloso de um drama sem semelhante na vida brasileira — jazerá num perpétuo silêncio. O lugar, realmente, é propício para essa façanha de engenharia. Basta que a barragem corra, represando o Vasabarris, entre as rampas do Cambaio, ao longo do Mamuquem, cortando as remotas estradas de Uauá e de Canabrava, para formar, com os morros da Favela e da Fazenda Velha, a bacia de Canudos. Citamos êstes nomes que falam à nossa imaginação com ecos longínquos de clarins, lembrando o vale coloridamente descrito por Euclides da Cunha, naquela página da paisagem lúgubre que é a um tempo a tela rutilante de um pintor e o exato levantamento de um topógrafo. Do coronel Siqueira de Menezes temos a planta do arraial como era em 1897, entre a catástrofe da 3ª e a vitória da 4ª expedição, que o aniquilou. Descrevem-no com primores de minúcia os cronistas daquela guerra hedionda. E Dantas Barreto — afinal historiador correto da epopéia sertaneja, cujo livro, de 1898, "Última expedição a Canudos", aproveitou a Euclides, que em 1902, cantou a Ilíada bárbara daquela Tróia de lama e palha — pedia que se levantasse ali um monumento.

Há cinqüenta anos, quando essa literatura formidável repassou pelo sinistro conflito a curiosidade espantada dos brasileiros, a sensação que deu Canudos, com os jagunços que não capitularam, com o seu fatalismo, com a sua valentia feroz, com a sua crueldade selvagem, principalmente com a sua energia milagrosa, foi de uma euforia contraditória. Os que odiavam os tabaréus assassinos — implacáveis na vingança desumana — tomaram-se de orgulho por sua resistência indomável: e correu pelo povo, assombrado, uma idéia respeitosa, acêrca de Pajeú, de Joaquim Macambina, de Antônio Vila Nova, de Beatinho. E' claro que fôra uma mentira de reportagem iludida a comparação da rebeldia do "Conselheiro", apóstolo bronco a vaguear pelos sertões abandonados, com a reação da Vendea, equiparados os "cabras" daquelas romarias aos "chouans" de "noventa e três". Mas havia no seu porte individual uma grandeza imprevista, e ressaltava de sua inquebrantável dignidade — de capangas da "fé" — uma esplêndida atitude de renúncia. O que custou a sua destruição! O exército perdeu à volta da cidadela — que eram cinco mil casebres confusamente distribuídos naquela curva de rio, com os arenitos da serra do Cambaio e as alturas da Favela cerrando-lhe o horizonte, mais de metade do efetivo contra ela arremessado. E ali ficaram, valorosamente derrubados no recontro desigual, algumas das suas mais brilhantes figuras. Moreira César, a quem se chamou de Bayard da república, acabou naqueles carrascais queimados, como o coronel Tamarindo, como o capitão Salomão. Ali morreram os coronéis Tristão Sucupira, Tompson Flores, Tupi Caldas. Ali foram feridos Carlos Telles, o herói do cêrco de Bagé, Serra Martins, veterano do cêrco da Lapa; e o próprio general Savaget teve de retirar, baleado, com um comboio de seiscentos feridos e contusos... Jamais numa luta em que operaram fôrças regulares, com as três armas, disciplinadas pelos regulamentos militares, se cobrou dos combatentes tão pesado tributo de sangue. Dos fanáticos não sobrou ninguém para contar a história do incrível equívoco, que ainda nos enche de pasmo — pesadelo que assustou a alma boa do Brasil — sugerindo os mais severos julgamentos. Verdade, de lado a lado competiu a bravura num desprêzo magnífico da vida, que valia pouco nas alucinações da refrega: e depois que, a 5 de outubro, cessou a batalha, com a morte dos quatro últimos defensores de Canudos, um forte sôpro de justiça varreu as cinzas da hecatombe, revolveu os entulhos do arraial incinerado, remexeu-lhe a montureira, sob cujo lixo se sepultara o heroísmo, e imprimiu na consciência da pátria êsse episódio, como um remorso nacional. O Brasil ficou devendo à ignorancia e à estupidez uma compensação imensa de progresso, de educação, de compreensão, de socorro e fraternidade. O monumento reclamado por Dantas Barreto teria êste sentido: o sentido reparador de uma exaltação — ao valor da raça — na moldura triste dos "sertões" banhados de sol.

Far-se-á o açude. E' a prosperidade. Mas que se inscrevam nos muros da nova reprêsa as palavras solenes de Euclides: "Canudos não se rendeu".

Quem são? De onde vieram? Na verdade nem êles sabem. São nômades que atravessam os sertões em miseráveis condições de vida. São autênticos párias.



man, com 13 anos, é a mais linda. m, em compensação, é a mais suja. u vestido é feito de trapos velhos ca teve um par de sapatos nov...

Ciganos "MADE IN CEARÁ"

ESPÍRITO AVENTUREIRO E ASTUCIOSO DE UMA GENTE ★ ESTRANHO DIALETO ★ NOVO CAVIAR... ★ A METAMORFOSE DA VIÚVA ★ CABRESTOS QUE TRABALHAM MUITO ★ ENFIM, RESUMINDO, APENAS ISTO: SIMPLES LADRÕES DE CAVALOS!

Reportagem de EDMAR MORÉL — **Fotos de ADIR VIEIRA**

NEM êles mesmo sabem quem são. E' bem possível que o avô tenha desgarrado de uma troupe de saltimbancos e, de povoado em povoado, acabou numa cadeia, como ladrão de cavalo. A avó, alguma cabocla ignorante, cheia de superstições, terminou os seus dias como esmoler. O fato é que falam um estranho dialeto, com palavras árabes, e varam os sertões do nordeste em tôdas as direções. E, em certos lugares, como em Ouro Branco, no território cearense, trabalham de acôrdo com o delegado...

Os ciganos nativos que encontrei na fronteira com a Paraíba, ao contrário da sua gente que

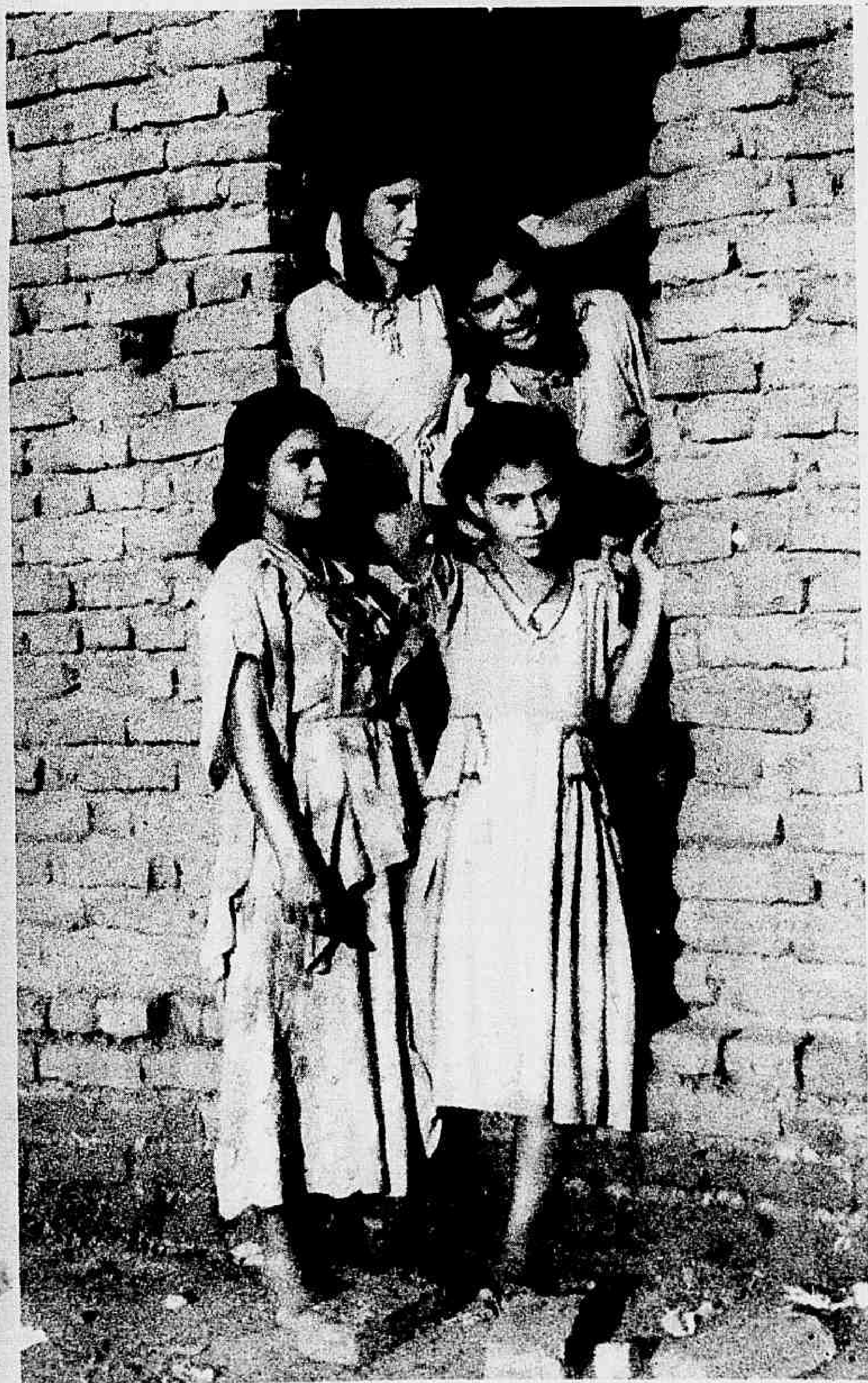
CIGANOS «MADE IN CEARÁ»







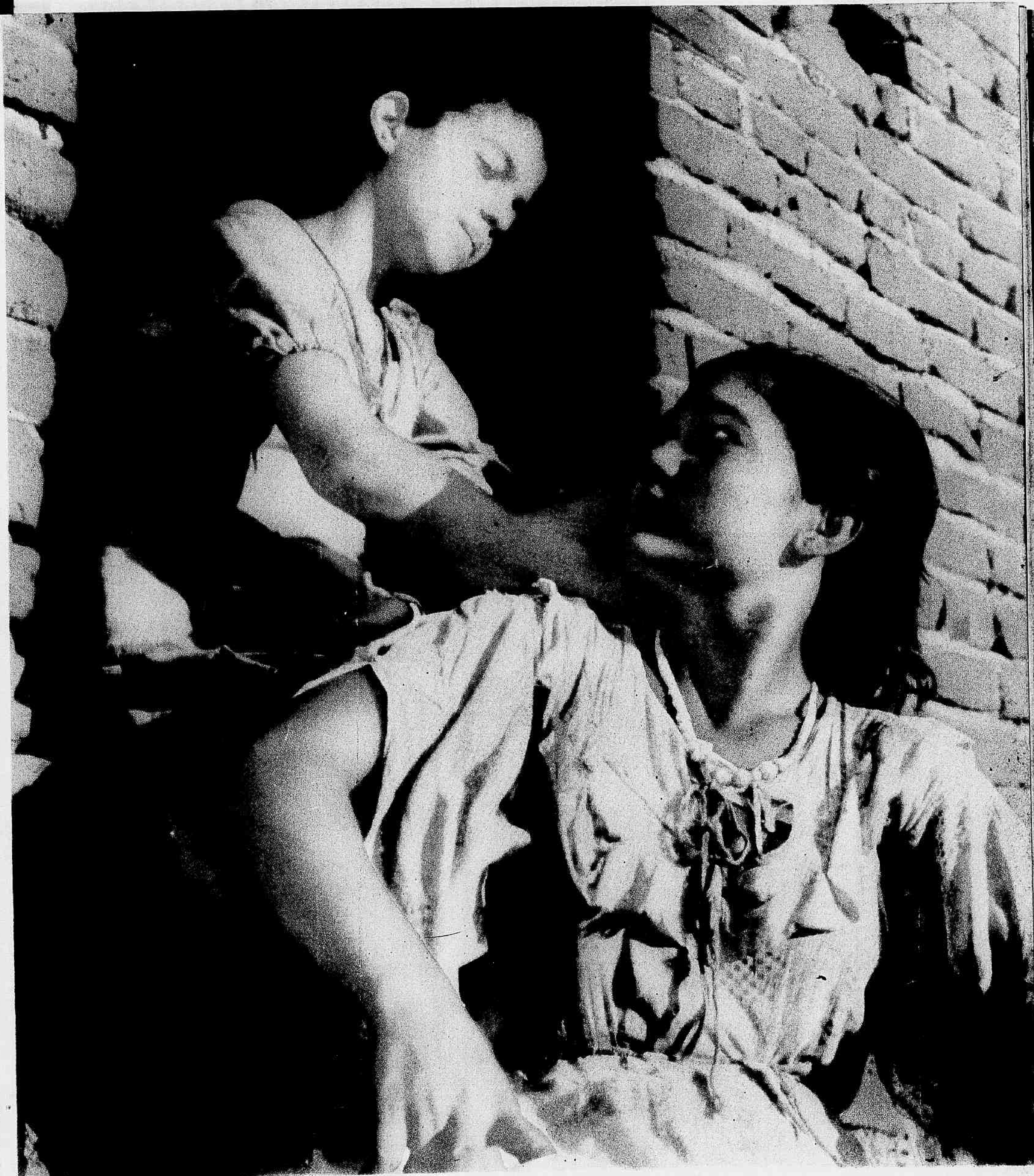
Três gerações de ciganos: avô, filho e neto, velhos conhecidos das polícias nordestinas. O velho tem 70 anos e é o chefe da troupe de saltimbancos.



Sujas, com os cabelos cheios de parasitas, descalças e rôtas, estas mulheres constituem as notas mais belas do acampamento. Tôdas são casadas.



A viúva fica reduzida a êste farrapo. Não pode olhar para um homem com intenção de namôro e vive à custa da coletividade. Sua função: rezadeira.



Dir-se-á um quadro famoso. Mas é uma cena comum entre os ciganos. As meninas tiram os parasitas dos cabelos das irmã mais velhas. E' tradição.

procede da Europa Central, não moram em acampamentos de lonas, forradas com tapêtes persas e que tomam chá em aparelhos de prata. Vivem em taperas que alugam por uma bagatela, não fabricam alambiques e nem caldeirões de bronze. Preferem o trato com um animal, especialmente o cavalo e o burro, lucro certo, bastando um bom cabresto.. As mulheres, sim, lêem a mão. Mas nunca falam do passado ao otário. E' a mesma chantagem:

— Vejo uma mulher loura em sua vida, um revólver e um entêrro com muita gente. Vejo também um bilhete premiado e uma viagem muito longa pelo estrangeiro... Uma doença grave...

A VIDA

Distribuía algumas migalhas de doce e de pão a um grupo de flagelados, quando surgiu à minha frente uma velha imunda, com trapos envolvendo o corpo e trazendo ao pescoço um grande rosário, tal qual as beatas que ainda hoje afluem ao nordeste, rumo a Joàzeiro, em busca da bênção do Padre Cícero, que aparece em estátuas de cimento, em tamanho natural. Depois uma garotinha, também bastante suja, com as vestes rasgadas, estendeu a mão e disse:

— O senhor deixa cigana lê mão? A linguagem é igual a que é usada pelos índios nos filmes coloridos... A mulher, com feições de múmia, faz um convite:

— Senhor quer conhecer acampamento?

Existe uma preocupação em separar os pronomes e os artigos.

O carro rodou por um pedaço de estrada cheia

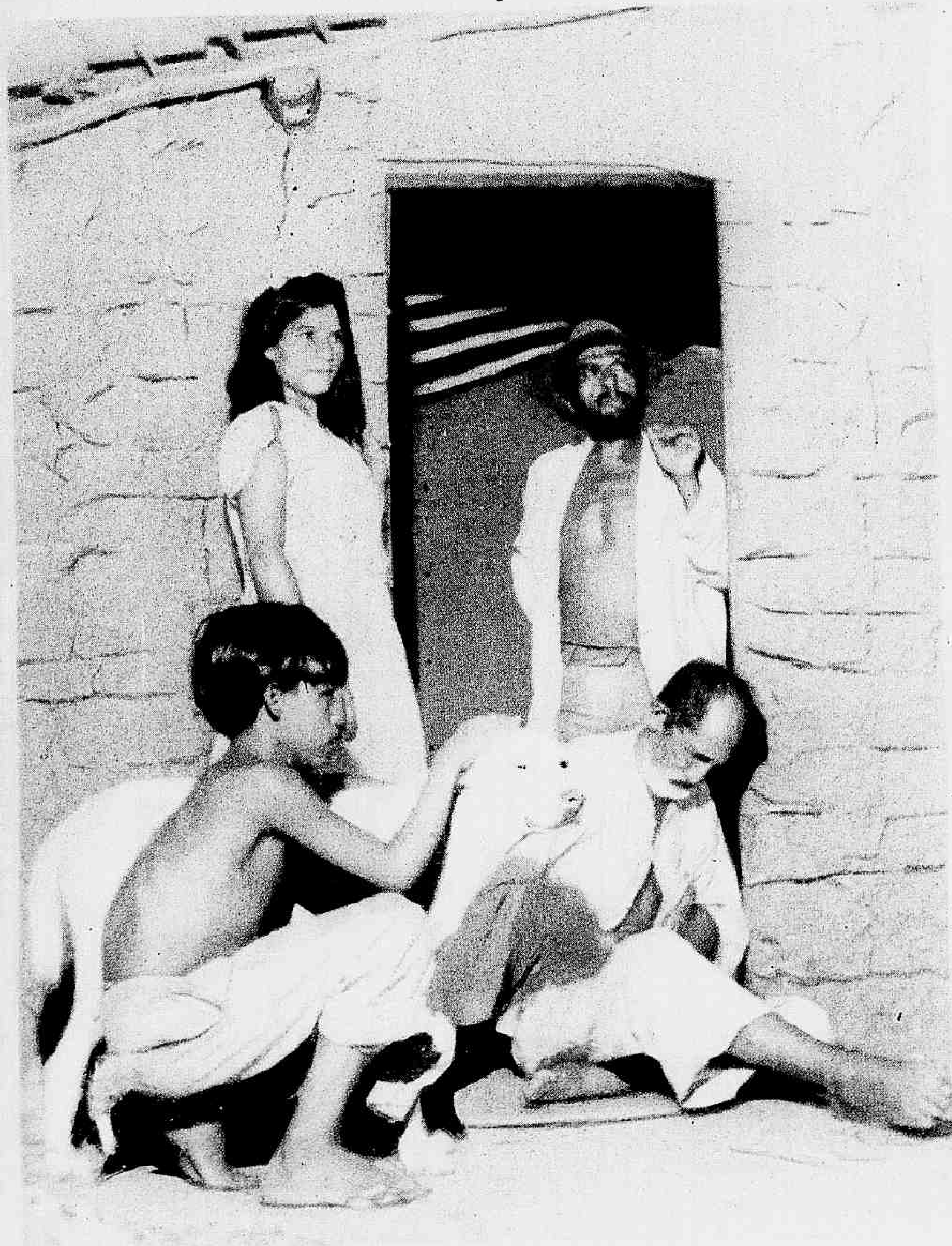
CIGANOS "MADE IN CEARÁ"



Uma viúva não pode casar novamente. E o imundo manto é o seu companheiro inseparável. Os cabelos dizem da vaidade feminina...



Gente supersticiosa, principalmente os homens, que tra



de buracos e parou diante de um grupo de oitenta pessoas. Alguns homens bêbedos, muito menino barrigudo, enquanto as mulheres, numa promiscuidade de porcos, tiravam parasitas da cabeça. O ambiente era de extrema miséria e de maior sordidez. Fui apresentado a «Jacuri», o chefe da malta. Falou algumas palavras incompreensíveis e um rapazola fêz o papel de intérprete:

— O velho está dizendo que casa é sua. Gostou muito senhor! Somos ciganos Ceará...

Filho da terra causticada pelas sêcas e conhecendo perfeitamente o espírito aventureiro e astucioso de minha gente, lembrei-me de uma vitrine que vi em Lisboa, com esta novidade: «Caviar made in Ceará».

Não deixa de ter razão o cearense. Caviar é ova de peixe. Pode ser um peixe especial, como na Rússia, mas, no Ceará, é ova de camurupin. Procurei conhecer os hábitos do bando de ladinos, meus irmãos de taba... De um modo geral o cearense tem São José como padroeiro. Êles, todavia, quase todos mulatos, preferem São Benedito. Rezam do amanhecer ao cair da noite e todos usam longos rosários com breves, escapulários tão grandes que podem entortar um pescoço de criança, com o hábito.

E' permitida a bigamia. E' claro que uma só espôsa e várias concubinas. Mas os filhos são

A indolência e a cachaça aniquilam os ciganos nordestinos. Aliás não são bem ciganos. São manhosos ladrões de cavalos sem parada certa.

leg
gal
nô
nh
e
co.
no
A
do

pe
olh
ros
de
cer
rá

qu
me
to
de

ve
ou

To
sa
se



s, que trazem rosários e breves presos ao pescoço.



A jarra é sòmente para efeito fotográfico. O ambiente é completamente de sujeira e de miséria, entre estas tribos. É um tanto misterioso quando falam o estranho dialeto, com som fanhoso.

legais. Na verdade não existe legalidade e ilegalidade. Todos vivem à margem da lei e, como nômades, não param em lugar nenhum. Amanhecem na Paraíba ou no Rio Grande do Norte e no outro dia estão no Ceará ou Pernambuco. Nas suas andanças os cabrestos trabalham noite e dia. Pedi para ver alguns dos animais. A resposta, um tanto ingênua, porém, com boa dose de safadeza, foi a seguinte:

— Animal cigano não pode receber olhar pessoa não cigana. Pode ficar doente com mau olhar... No fundo não passa de cavalos e burros roubados. A tudo isto assiste impassível o delegado do lugarejo. Cito o nome do povoado, certo de que o Chefe de Palícia do Ceará tomará as necessárias providências: Ouro Branco.

O FANTASMA

Estava terminado o documentário fotográfico, quando vi sair do mato uma mulher relativamente moça, alta e metida num manto negro, todo costurado, apenas, com a cabeça do lado de fora.

— Que fantasma é êste?

— E' uma viúva. Quando o marido morre ela veste hábito prêto. Nunca mais pode olhar para outro homem, com intenção de namôro...

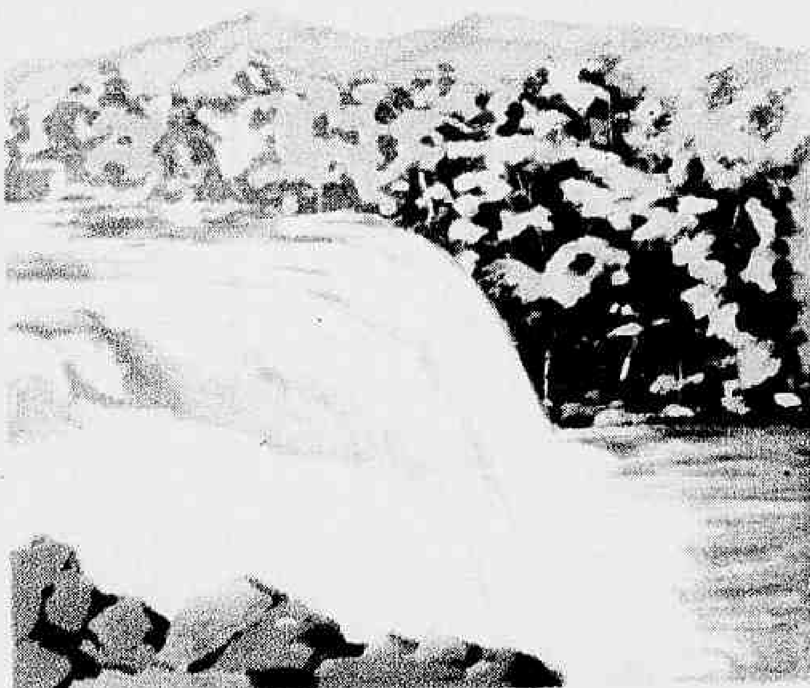
Uma das velhotas da troupe disse-me:

(Cont. na pág. 38)



Todos falam um dialeto, no qual entram diversas palavras árabes. O professor, com alunos sentados ao chão, ensina o A. B. C. cigano.

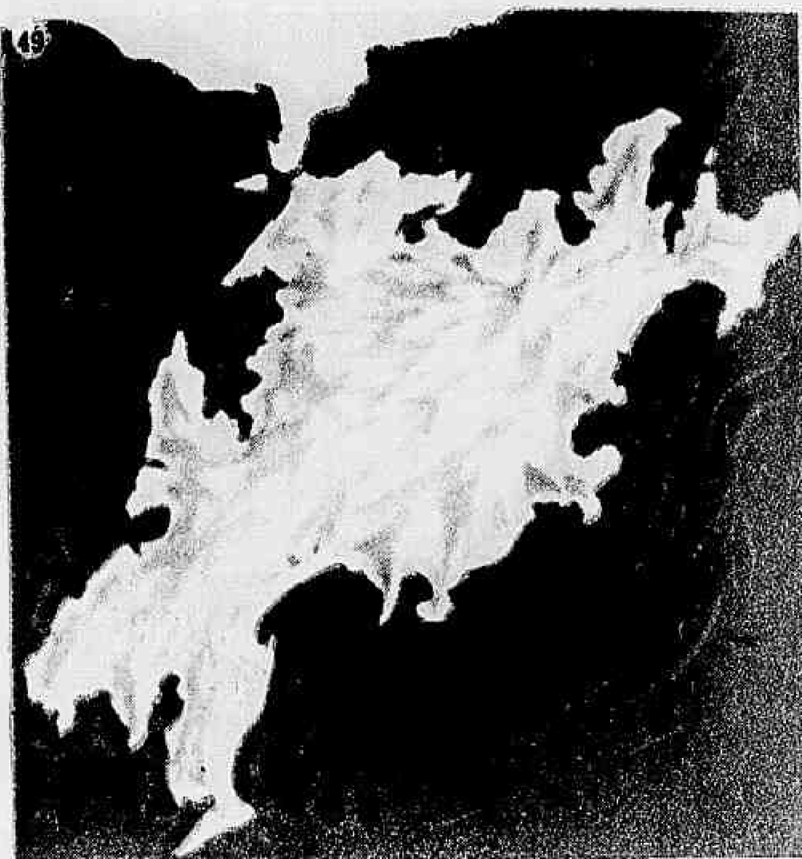

79

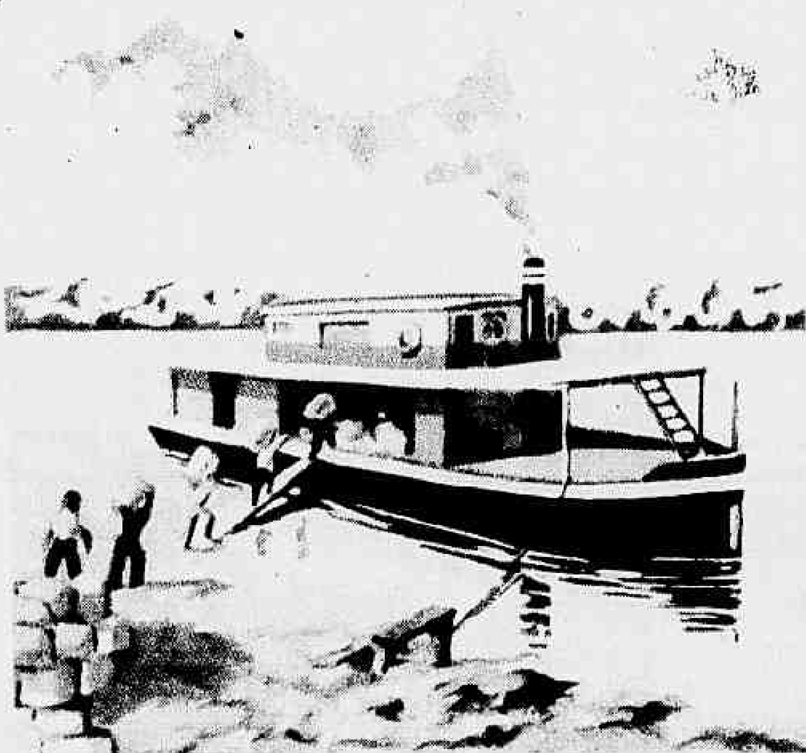

95


59


126


49


49


78


14


104


52


30
S P
PRO-BRASILIA-FIANT-EXIMIA


152

OS PRODÍGIOS DE...



Quando Deus tira os dentes, alarga a goela, diz o ditado popular. E foi o que sucedeu com Crip. Perdendo uma perna e um braço, viu acabada sua carreira no palco; mas, uma inspiração divina o animou, e êle é hoje melhor artista mutilado, do que antes do acidente.

UM SACI NEGRO

GANHA MAIS DINHEIRO AGORA DO QUE QUANDO ERA PERFEITO ★ O ASTRO NEGRO MAIS SENSACIONAL DO MUNDO ★ PARA QUE TANTA PERNA? ★ E JOGOU FORA SUA MULETA, PROVOCANDO COM ÊSSE GESTO SOLIDARIEDADE ★ APARECERÁ BREVEMENTE NUM FILME DA FOX

1 **Não foi nenhum milagre. Crip Heard mandou às favas a muleta, certo de que não precisa de tanta perna para poder dançar.**

Êle entra em cena com um número capaz de atordoar a assistência

HÁ dez anos passados, Crip Heard estava em excursão artística pelo interior dos Estados Unidos integrando o conjunto de canto e dança, os «Três Dots», quando o automóvel em que viajava foi alcançado por um trem, nas proximidades da cidade de Memphis, no Tennessee. O acidente resultou no despedaçamento do carro e na morte dos dois companheiros de Crip, ficando êste gravemente ferido, não se esperando que escapasse. Internado num hospital, recebeu os necessários curativos, mas tiveram os cirurgiões, que amputar-lhe a perna e o braço direitos, estraçalhados no desastre. Ao deixar o nosocômio, o artista negro ficou desolado. Estava com a carreira definitivamente cortada. Que fazer? Pedir esmolas? Ir para um asilo de inválidos? Depois de dias e noites de meditação, um amigo de Crip, de nome Gip Robertson, também artista ligeiro, aplaudido comediante, lhe disse que o acidentado podia muito bem dançar e cantar sem perna e braço, pois conhecia um artista que era mutilado, Peg Leg Bates, que fazia furor com uma perna artificial. Animado com a sugestão, Crip passou a ensaiar passos de dança, mesmo sem muletas nem pernas artificiais. Aparecendo em público, notou êle que o povo sentia por êle certa piedade. Isso incomodava o artista negro; mas, com a continuidade de seus números, já hoje êle tem a convicção de que os aplausos são uma resultante de seu valor pessoal, independentemente de qualquer simpatia pelo seu estado físico. Crip Heard é cubano, mas se criou em Memphis. Sua grande ambição era o tornar-se bailarino, como seu ídolo de meninice, o falecido Bill Robinson. E' casado e tem uma filha de três anos em sua casa de Los Angeles. Brevemente aparecerá num filme da Fox.



2 **Êle dá saltos felinos, e tem poses extraordinárias no «ballet» burlesco de sua especial criação. Nem com três pernas alguém faria isso...**



3 **O astro negro não é de brincadeira. Tem arte e artimanhas, fazendo rir com suas piadas e sua maneira peculiaríssima de interpretação.**



4 Sem uma perna, sem um braço e sem o dedo médio da mão esquerda, é a figura do nosso «Saci-pererê», em edição melhorada.

Semana LITERÁRIA

EDMUNDO LYS

NOTICIAS DE SAO PAULO

ESTÁ SENDO anunciada, e aguardada com grande espectativa, a apresentação do Teatro Experimental do Negro, que representará «O Imperador Jones», de Eugene O'Neil, com cenários de Clóvis Graciano, e «O Filho Pródigo», de Lúcio Cardoso, direção de Abdias Nascimento e cenários de Anísio Medeiros.

★

O TEATRO LOTTE SIEVERS já está preparando a sua próxima estréia, «Os Ratos», de Gerhart Hauptmann, peça escrita em 1911. A tradução foi realizada por Lotte Sievers, a idealizadora e orientadora do grupo. Os cenários possivelmente serão de Darcy Penteado.

★

COM A COLABORAÇÃO do Centro de Pesquisas Folclóricas Mário de Andrade e da revista «Folclore», a Comisão Paulista de Folclore dará início, pròximamente, a um Curso de Folclore Musical, que será ministrado pelo prof. Rossini Tavares de Lima.

★

«CAIÇARA», o jornal literário que se publica em Marília, cidade progressista do Estado de S. Paulo, continua saindo assìduamente, trazendo, em suas páginas, colaborações de Geraldo Vidigal, Domingos Carvalho da Silva, João Mesquita Valença, Hernani Donato, Flávio Sampieri, Dante Alighieri Vita, Manuel Bandeira, Bernardo Gersen, Edgard Braga, Nataniel Dantas, Mauro Mota, Ruy Apocalipse, Nidoval Reis, E. C. Caldas, Gonçalves Machado, Dirceu Quintanilha, Reynaldo Bairão, além de um farto material bibliográfico e de um noticiário à altura de um órgão literário especializado como é «Caiçara».

★

ESTÊVE NA CAPITAL paulista, por alguns dias, o poeta Jorge de Lima, que aliás aproveitou a oportunidade para visitar os amigos e para assistir «A Calça», de Sternheim, pelo Teatro Lotte Sievers.

FORA DO PRELO

● O LATIM NOS GINÁSIOS — As declinações parecem fantasmas para os estudantes que travam conhecimento com a língua de Vergílio. Mas depende, rigorosamente, da maneira de ensinar. Ensina òtimamente, para aprenderem com facilidade, «O Latim nos Ginásios», de João Camilo de Almeida, autoridade na matéria. Destinado à 1ª série ginasial, «O Latim nos Ginásios» é realização gráfica excelente, das Edições Melhoramentos.

● MEU ABC — A pedagogia procura, hoje, as mais atraentes formas para difundir ensinamentos. Especialmente para as classes primárias, tal método obtém resultados compensadores, como é natural. Seguindo êsse caminho, as Edições Melhoramentos apresentam «Meu Abc», para a fácil aprendizagem do alfabeto. Magnìficamente ilustradas por Dorca, as letras, uma em cada página, são exibidas a côres, com figuras que tenham a inicial correspondente. Livrinho bonito e encantador, faz com que a criança goste de desvendar os segredos do «Meu Abc).

● PEDRINHO — Acaba o prof. Lourenço Filho, uma das nossas maiores autoridades educacionais, de publicar, através das Edições Melhoramentos, «Pedrinho», primeiro volume duma série de leitura graduada, que obedece a dois princípios básicos: rigorosa graduação do material que oferece; compreensão de que o ensino da leitura exige cooperem professor, aluno e livro. Êste primeiro volume de «Pedrinho» — com excelentes gravuras coloridas — é para a delicada fase de transição entre o período de aprendizagem inicial (a da cartilha) e o dos primeiros ensaios de leitura corrente. A fim de facilitar, aos mestres, o desenvolvimento, a aplicação e a maneira de verificar o progresso dos educandos, há um folheto que explica e explana cada lição.

● CURSO DE MATEMÁTICA — Obra de Algacir Munhoz Maeder, aparece na 12ª edição, fato que dispensa outros elogios. Destinado à 1ª série ginasial, êste livro, trabalho gráfico das Edições Melhoramentos, atende inteiramente aos programas oficiais. E' feito com muita clareza e poder comunicativo.

● GEOGRAFIA GERAL (Geografia física e humana) — Nova realização das Edições Melhoramentos, é de autoria de Moisés Gicovate. Estando em harmonia com as exigências oficiais do ensino, «Geografia Geral» é obra para a 1ª série ginasial, fartamente ilustrada e com as noções explicadas com impressionante simplicidade.

UM LIVRO:

"CHÃO DE INFÂNCIA"

DEPOIS do êxito de «Cidade Enfêrma», Paulo Dantas nos devia outros romances. Eis que o jovem escritor aparece agora com o primeiro livro de uma trilogia nordestina que se inicia admiràvelmente: «Chão de Infância» confirma as qualidades positivas do ficcionista que veiu dar novo alento ao romance brasileiro atual.

Paulo Dantas é um romancista por natureza. Mesmo nesta obra que participa tanto da reminiscência, êle consegue elevar-se muito no terreno da criação, dando-nos figuras vivas e uma atmosfera de poderoso vigor. Romance do drama nordestino, possui grande interêsse humano, personagens vivos. Foge ao que é puramente autobiográfico para integrar-se no universal e ganhar o mundo. O cenário da história tem grandeza. Por mais doméstico que seja o tom, o escritor nunca se deixa arrastar pelo sentimentalismo, mantendo-se superior aos seus heróis, embora lhes conserve a autonomia necessária às evoluções e às reações lógicas. O que mais realça êste drama do nordeste, que prosseguirá em dois outros volumes, é o fato de o autor não se entregar ao fácil manejo da paisagem e da miséria, para comover. Seus reativos são outros, a fôrça de sua emoção êle a vai tirar de dentro das criaturas, em confronto com o ambiente hostil, selvagem, duro, cruel. Seus personagens não choram fàcilmente: são verdadeiros heróis — na melhor acepção do têrmo. A decadência de uma família atormentada pela fatalidade climática vai se operando sem saltos, prêsa à realidade inexorável como o destino na tragédia grega, contra o que não há resistência possível. Por sôbre a narrativa, cheia de intensa paixão, pairam os momentos líricos que estão na própria vocação poética dêste prosador singelo e expressivo.



Desenho de ARCINDO MADEIRA

UM AUTOR:

ÁLVARO MOREYRA

ANUNCIA-SE mais um livro de Alvaro Moreyra, um livro de crônicas — «As amargas, não...» E esta é uma das boas notícias que nos traz êste outono, êste outono sempre tão amigo de Alvaro, também seu grande amigo. Há muito que estamos privados de ler Alvaro Moreyra. Trocando êle o jornal e a revista, pelo rádio, temos que nos contentar em ouvi-lo. Se, por um lado, ganharam os rádio-ouvintes, perdemos nós que menos podemos escutar do que ler. Entretanto, em boa hora se lembrou Alvaro de seus fiéis leitores. Resolveu publicar êsse livro que está sendo esperado por todos, com a certeza de encanto que nos dará e que principia pelo título reticente como um sorriso: «As amargas, não...»

Desde sua estréia, Alvaro tem teimado em não ser amargo. Chegando em um tempo em que o «Eu» e outros gritos lancinantes falavam de tôdas as misérias, o gaúcho bom e generoso cismou em ser o camelô das coisas doces da existência. Vejam os seus livros — «Legenda das Rosas»... «Legenda da Luz e da Vida»... «Um sorriso para tudo»... «A boneca Vestida de Arlequim»... e «Circo», para resumir num título, tôda a ingênua e fúlgida alegria dos picadeiros feéricos...

● Através dêsses livros, de tantas páginas, a ironia nunca se azeda, o humor é constante, a poesia perdoa tudo, mesmo quando feita em prosa, nessa maneira única e encantadora que êle tem na crônica, no conto, nas mesmas fábulas da vida que corre. Samuel Tristão, amigo das corujas que imortalizou numa canção, junta ao seu pseudônimo do outro tempo e aos seus mochos amáveis, essa nota otimista, de tranqüilidade generosa, de perdão para tudo o que é ruim, graças a tudo o que é bom e que é belo, achando um largo saldo de alegrias no balanço desta vida que, em resumo, até poderia ser muito pior. Agora, aí está êle, novamente, proibindo a amargura, vetando o azedume, a revolta, nesta era de pânico. Seu livro adverte logo: «As amargas, não...» Se é verdade que teve, às vêzes, necessidade de ser amargo, foi um momento, uma fraqueza e isso não conta. Alvaro Moreyra, novamente nos ensina sua lição de otimismo; não sejamos amargos com a vida que é doce conosco e que nós mesmos é que tornamos amarga, às vêzes, por ignorância, confusão, malentendidos... Tudo está em não ceder a êsses momentos, não deixar que invadam nossas horas alegres, muito mais longas e mais belas, as únicas horas que devemos contar no tempo.

Sempre melhorando...

a **BANDEIRANTES** anuncia:



em

1953

ONDAS CURTAS

25 MTS. 11.925 KLCS.
49 MTS. 6185 KLCS.

em

1954

TELEVISÃO

CANAL 13

RÁDIO BANDEIRANTES

— a mais popular emissora paulista



MOYSÉS DUÉK micro-novelizou

"OS MARIDOS AVISAM SEMPRE..."

UMA noite, o cidadão Tancredo Bezerra voltou ao lar. Não voltou de uma caminhada digestiva contornando o quarteirão. Não. Voltou do Tibé, onde passou mais de três anos, aperfeiçoando-se nos misteres de sua profissão — a de mágico. E teimava em cair no mesmo êrro dos maridos otimistas: voltar de surprêsa. E assim foi: abriu a porta e penetrou na sala que lhe era familiar. «Leyla», «Leyla» — era o seu chamado. Mas a mulher não aparecia. Que teria acontecido? Pois as espôsas não são utensílios, pertencentes como uma escôva de dentes ou um par de chinelos, que a gente sempre os encontra onde os deixa?

O «sahib» olhou pela sala e reconheceu os seus objetos: a caixa de serrar mulher ao meio, a cabine de ilusões circundada por cortinados, cenários, aparelhos, etc. Sim, tudo ali. Só faltava a sua Leyla. Mas eis que ouve vozes. Quer esconder-se. E abriga-se na cabine de ilusões.

Em pouco, Leyla entra acompanhada do jovem Jacinto. Beijam-se.

— Querido!

— Meu amor!

Beijam-se de novo.

Comentam o filme que assistiram.

— Gostei da fita — diz Jacinto.

— Não. Eu não gostei. E estou decidida a não ver mais nenhum filme italiano. Só as mulheres inteiramente legais no amor gostam dos filmes italianos. E' que nessas fitas há sempre um marido que surge sem avisar e acaba matando a mulher e o que tomou o lugar dêle.

Jacinto precisava ainda corrigir uma provas de seus alunos. Era professor entusiasta de sua carreira. Leyla tinha muito o que falar. Preocupações. Ou melhor: inquietações. Temia perder o amor de seu amor.

— Querido, li um livro que me deixou tão triste... Um livro sôbre o matrimônio, escrito por Leon Blum.

— E o que diz o livro?

— Diz que um membro do casamento deve ser sempre mais velho que o outro.

Peça de Henrique Pongetti ★ Direção de Henriette Morineau ★ Cenário de Benet Domingo.

Distribuição por ordem de entrada em cena:

«Sahib» (Tancredo Bezerra)	**Francisco Dantas**
Leyla	**Henriette Morineau**
Jacinto	**Jardel Filho**
Celina	**Aurora Aboim**
João	**Armando Braga**
Maria	**Judith Vargas**
Maria Clara	**Lígia Nunes**
Francisco (o investigador)	**Cilo Costa**

Ação no Rio de Janeiro, época atual.



Tancredo só se ocupava com os dois coelhinhos.

— Mas, meu benzinho, então está tudo bem...

— Ora Jacinto, você bem sabe que eu gostaria que você é que fôsse o mais velho...

Talvez Leyla fizesse bem em preocupar-se com o futuro, mas, por enquanto, Jacinto amava-a com o ardor e o arrebatamento próprios de um homem jovem.

O melhor que fariam era abraçar-se, era beijar-se e esquecer tudo que não fôsse o seu amor. Tancredo estava no longínqüo Tibé. Bom lugar para os homens que perderam a vez no coração das mulheres.

Pobre Leyla! Fôsse a consciência, fôsse a piedade, não podia alijar Tancredo de suas cogitações. E por falar nêle, lembrava-se que recebera dêle uma carta, naquele dia, e esquecera de abri-la.

— Então leia alto para eu ouvir — pediu Jacinto.

Leyla abriu o envelope e principiou a leitura:

— «Meu adorado amor»...

— Ora, «adorado amor»... Como são redundantes e pleonágicos alguns homens que amam! Pois uma palavra já não exprime outra? Mas, minha querida Leyla, tenha o tato de suprimir as expressões afetuosas. Você bem sabe como soariam em meus ouvidos. Vejamos quando é que êle vai voltar. Todo o mundo sabe que os maridos avisam sempre.

Leyla completou a leitura. Sim, também Tancredo avisava. Dizia que ia chegar por volta do Natal. Ainda estavam em agôsto...

Leyla estava resolvida a ser franca com Tancredo, quando êle voltasse. Não o amava. Nem aceitava a vida ridícula de mágico a que ela era levada a colaborar, quer sendo a Miss Mary — a mulher que era cerrada ao meio na caixa, quer sendo a Melle. Georgette — a criaturinha que virava flor, quer sendo a chinesa que, depois de entrar na cabine de ilusões, transformava-se em coelho. Não, odiava a mentira e seu marido era o rei das mentiras. Ainda se o amasse...

Ah, pobre Tancredo que os ouvia confidenciar tão francamente! Como deveria sofrer!

Assim que terminaram a conversa, saíram da sala e Tancredo saiu de seu esconderijo. Arquitetava um plano. Voltou para a rua.

O casal feliz tornou à sala. Ainda falavam sôbre Tancredo. Não era êle, afinal, um assunto bastante importante para ser tratado com freqüência?

Uma chave roda na porta, a maçaneta se torce, e Tancredo surge.

— Tancredo!

— Olá — saúda êle e com naturalidade.

Jacinto procura proteger Leyla. Ainda há pouco assitira a um filme italiano...

— Que tolice! Não vai acontecer nada! Estejam tranqüilos. Eu sei de tudo.

Leyla refez-se do susto e perguntou:

— Você levou consigo a chave da porta?

— Que há de extraordinário nisso? Na Idade Média os guerreiros levavam, para as Cruzadas, as chaves dos cintos de castidade de suas espôsas. Já vê que a chave da porta é o mínimo que eu deveria levar...

Os três conversaram um pouco, porém Tancredo queria pô-los em confissão, sob hipnotismo.

Hipnotizados, responderam a tôdas as perguntas.

Leyla foi franca. Nunca o amou. Odiava-o às vêzes, até. Especialmente quando êle enganava, embora por profissão. Mas Tancredo procurou justificar-se:

— A Humanidade quer que lhe minta, Leyla. E exige que seja enganada com perfeição.

Leyla amava a vida simples, com o amor simples, sem artifício. Amava Jacinto que era um rapaz simples. Por isso, assim que pôde, libertou-se do laço que a unia a Tancredo. O laço, em verdade, era um casamento, mas um casamento celebrado na sociedade dos mágicos, quando pousaram, sôbre sua cabeça, uma pombinha. Ah, Leyla não acatava a cerimônia e até chegou a rir-se muito lembrando-se que, no casamento, fizeram questão de fotografá-lo com a pombinha pousada na cabeça.

Tancredo sofria com a frieza de sentimentos de Leyla. Êle amava sem ser amado. Oh, as mulheres!

— Mas onde vocês se conheceram?

— No cinema — informa Jacinto.

— No cinema?

— Sim — confirma ela, baixando a cabeça.

— As mulheres são como os negativos fotográficos: revelam-se no escuro.

Leyla não esconde seus sentimentos. Nada sente por Tancredo. Nada sente por Tancredo que ultrapasse a amizade. Amor ela tem por Jacinto, o seu marido. Marido sim, pois casaram-se na Pretoria e na Igreja.

Jacinto preferia que Tancredo não fôsse tão fiel a Leyla. Sugere a seu rival que esqueça Leyla, mas Tancredo tem idéias firmes.

— Mulher antiga e aluguel antigo a gente segura o quanto pode.

— Mas Leyla não quer você. Leyla me preferiu. Esqueça-se dela.

— Impossível. A gente não esquece a mulher que nos engana.

O casal era um joguete nas mãos poderosas do «sahib». Poderia fazer dêles o que bem desejasse. Fê-los entrar na cabine de ilusões e cerrou a cortina. Quando voltou a abri-la, em lugar de Leyla e de Jacinto, havia dois coelhos. Não lhe foi difícil reconhecê-los: o malhado era a mulher que êle queria conservar e o cinzento era o seu rival.

O amor cria problemas e os problemas são circunstâncias infelizes. Tancredo amava Leyla sem correspondência. Mas isso não o impedia de ser amado por Celina sem chegar nunca a tê-la amado.

Celina encantou-se com a volta inesperada de Tancredo. Propôs casarem-se, afinal, mas o «sahib», em matéria de amor, tudo o que desejava era manter sua aliança com Leyla. Mas Celina não era fácil de reconhecer sua derrota; fê-lo recordar-se da tournée em que ela acompanhou-o, em que tinha gôsto de ser a mulher cerrada e a chinesa que vira flor. Tudo inútil: Tancredo não se comove com essas lembranças, para êle, sem significação, e repele Celina com decisão.

Entrementes, vão se passando os dias e Leyla e Jacinto continuam, dentro de duas gaiolas, sob a forma de coelhos.

Dona Maria e Seu João, os pais de Leyla, estão aflitíssima à procura da filha e do genro desaparecidos. Já foram à Polícia e a suspeita recái sôbre Tancredo, que silencia o segrêdo da metamorfose. E, o que o tornava mais chocante, era que, longe de lamentar ou mesmo preocupar-se com o desaparecimento das duas criaturas, dedicava-se ùnicamente aos dois coelhinhos.

Até que, um dia, Francisco, o investigador designado para o caso, vem buscar Tancredo para ser prêso. O rapaz é vulgar nos gestos, mas simpático nos sentimentos. Não esconde sua solidariedade para com Tancredo. E' que, também êle, já foi abandonado pela espôsa e ficou em dificuldade para criar a meninazinha do casal. Francisco, por êle, não prenderia Tancredo, mas tinha de cumprir o mandato.

— Eu sei que você é meu amigo, Francisco. Em verdade, nunca vi uma classe tão unida quanto a dos maridos enganados.

— Então o senhor me compreende, Seu Tancredo. Sabe que, na verdade, sou obrigado a levar o senhor...

— A sociedade exige, para cada crime, a prisão de um criminoso (embora não seja a prisão do criminoso.)

Mas Francisco não acreditava na inocência de Tancredo. Tudo indicava que êle matou Leyla.

— Tão engraçados êsses coelhos! — disse Francisco. — Quer me dar um para levar para a minha filha?

Não, aquêles coelhos Tancredo não poderia dar.

Mas a conversa foi interrompida: Dona Maria, Seu João e Celina voltavam da missa por alma de seus mortos... Já passava mais de um mês que o casal desaparecera...

Os pais de Leyla voltaram a fazer graves acusações a Tancredo. Enlutados, choravam pela filha e pelo genro. Sem dúvida, êle os matou friamente, por ciúme. Pura vingança.

Era demais. Tancredo, o mago das ilusões, o encantador de platéias, o prestidigitador de fantasias — êle, Tancredo, perdera. A sua mais cara façanha — a da própria felicidade — essa êle não poderia perpetrar. Tinha de capitular.

Cheio de emoção, colocou o par de coelhos dentro da cabine de ilusões. Correu a cortina. Quando voltou a descerrá-la, eis que surgem Leyla e Jacinto. A felicidade voltou para tôda aquela gente.

— Os mortos ressuscitaram. — E, voltando-se para Francisco, o investigador: — Vou meter-me na cabine de ilusões. Depois de um pouco, o que você encontrar lá pode levar para a sua menina.

Com firmeza, ingressou na cabine e fechou-se lá.

Todos aguardaram, atentos, o desenrolar de mais uma grande mágica.

Em seguida, Francisco afastou as cortinas e, dentro da cabine, em lugar de Tancredo, lá estava um coelhinho escuro.

— Oh! — fizeram todos, surpresos.

Mas, em Francisco, o investigador, a alegria do presente era maior que o espanto da surprêsa. Apoderou-se do coelhinho escuro e foi levando-o para a filha.

Acompanhando com o olhar os passos do policial, todos assistiam, sem compreender, a derradeira mágica do «sahib».



— Tancredo!

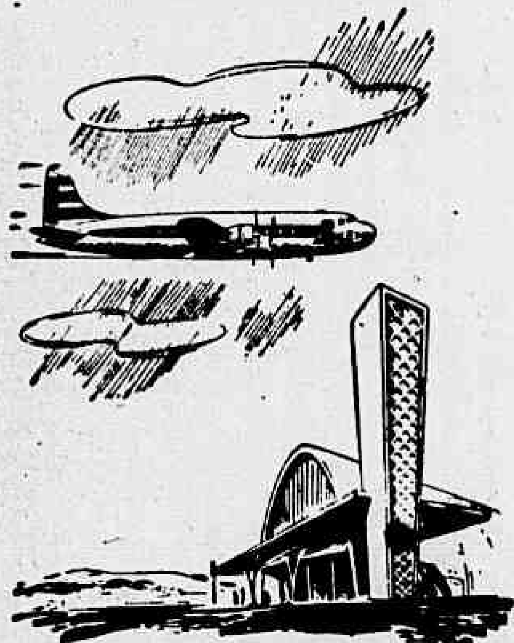
AEROVIAS para o

TRIÂNGULO MINEIRO

Uberaba
Uberlândia
Araguari

Com tradicional rapidez, confôrto e cortesia.

TARIFAS REDUZIDAS





CONSULTE O AGENTE DE SUA CIDADE

AEROVIAS BRASIL

Fenam - Casa de Amigos

Clínica Dr. Santos Dias

CONSULTAS: Cr$ 30,00

Tratamento e cura pela hormonioterapia e alta freqüência específica, da velhice precoce, da função sexual no homem e na mulher, irritabilidade, fadiga e insônia, nos casos indicados.

MOLÉSTIAS SEXUAIS — IMPOTÊNCIA

Rua São José, 50 — 9º andar — Conjunto 903. Tel.: 32-6230.

Enfermagem a cargo de técnico e profissional diplomado.

Horário: — Diàriamente, das 14 às 19 horas.

UMA ESMOLA, POR DEUS

(Cont. da pág. 11)

Como era lindo! As graciosas e novas atitudes do garôto, a segurança dos primeiros passos, o vocabulário incipiente, os olhares observadores, varando o nevoeiro da incompreensão infantil, para aclarar o raciocínio em formação, tudo era motivo de orgulho para mim.

Naquela noite, não me saía da imaginação a menina morta no desastre, vinte dias antes. Pela madrugada, ainda os carros uivavam lá fora, concilici o sono e tive medonho pesadelo: eu estava ao portão com Luisinho, os carros passavam, vertiginosos. De repente, parou um, dêle saltou o motorista. Era êle, o mendigo! Vinha com a mesma capa esburacada, com as grandes botas rôtas. Os olhos brilhantes e a voz tumular do fantasma fizeram-me estremecer: — "Uma esmola, por Deus, tenho fome..." Avançou, presto, agressivo, trazia o semblante odiento: — "Não preciso de tuas esmolas, quero o teu filho!" Disse e, arrebatando-me a criança, movimentou o carro e desaparreceu numa nuvem de fumo. Dei um grito e despertei... Ainda aflita, com o coração aos saltos, levantei-me e fui até o berço de meu Luisinho, onde êle dormia tranquilo e feliz, apertando com a mãozinha gorducha as longas orelhas do coelho de veludo, que eu comprara na véspera. Isto e um beijo de Guilherme tranqüilizaram-me, mas a vigília recomeçou. Quase acordei o menino para ouvir-lhe a voz, ver aquêles olhos vivos, beijá-lo, sentir os bracinhos envolvendo-me o pescoço...

Um dia, eu preparava o almôço. Breve meu marido chegaria da oficina. Eu estava despreocupada. Deixara o gurizinho nos fundos, no quintalejo, brincando; pouco antes estivera sentado com êle ao colo. Sùbitamente, ouvi estranho vozear vindo da rua... Era hora de intenso movimento, de correria, de gritos, de atropelos... de acidentes... No quintal vi os brinquedos sem o dono... Apenas três anos... Senti breve colapso, faltou-me o ar... O cabelo castanho, a calcinha de xadrez, a blusinha branca de gola bordada... As sandálias verdes, as unhas cianosadas, ó Cristo! A expressão de espanto! Apenas três...

A mão fria não encontrou a chave do portão no bôlso do avental! Chamei, corri... Meu filho não estava! No jardim, ó Santíssima, a torneira deitava água! Meu filho passara ali, rumo da rua, por que vi o coelho de veludo perto do portão e o cadeado estava aberto! Voei ao portão, abri-o angustiada, mas não fui a primeira em chegar: diante de mim, estava o velho mendigo, chegava trazendo meu filho pela mão: o menino sorria inocentemente... Bruscamente, num arrepelão, tomei-lhe a criança. O maltrapilho tirou o chapéu e humildemente murmurou. — "Perdão, moça... Venho trazer seu menino... Êle ia atravessando a rua, é perigoso, não é? Desculpe..." Julguei ver uma lágrima naqueles olhos cansados. Há os que vivem chorando, assim, muitas vêzes para o riso de outros...

Os curiosos afastavam-se comentando. Ouvi, assombrada, as palavras coragem e milagre; o velho apanhara o travêsso menino em plena avenida, entre os carros disparados...

O salvador de meu filho, homem que sempre repudiei, a quem nunca dei sequer um pão, erguia-se diante de mim, submisso, pedindo-me desculpas...! Mostrava a feição serena dos justos, dos sofredores, dos bons...! Duplamente triste é a velhice miserável.

Para mim já não era um espantalho, mas um anjo. Desaparecia, assim, a repulsa, o constrangimento, o mêdo, a suposta objeção. Agora, tinha-lhe admiração, o desejo nascente de beijar-lhe as mãos.

— Espere, — disse eu, tentando retê-lo — Vou dar-lhe dinheiro... comida... Já comeu?

— "Já, obrigado, senhora, nada quero, obrigado..."

E caminhou, modestamente, nada aceitando, por certo pensando que eu pretendesse pagar-lhe, com a esmola, o ato abnegado.

Vi-o bater, saco às costas, às portas vizinhas, pedindo sempre: — "Uma esmola, por Deus, tenho fome..." Na confusão emotiva nem lhe agradeci o gesto. Deus havia de protegê-lo e perdoar a arrependida...

Aonde iria aquêle trapo humano? Certamente dormia nas ruas, junto às sargetas... Donde viera? Quem era o infeliz? E sua mãe, e sua infância, e seus amôres? Evidentemente, não sonhara com semelhante fim a sua mocidade. Seria êle o culpado?

Por fim, vi-o desaparecer, como uma sombra fugaz... Não voltou a bater à minha porta.

As mães deviam adiv'n:ar o futuro de seus filhos.

CIGANOS...

(Cont. da pág. 29)

— Moça cigana depois fica viúva vira donzela...

A viúva não passa da mais miserável das criaturas no seio da estranha coletividade. Não pode trabalhar, não sai às ruas do povoado e vive mergulhada no manto negro. Reza dia e noite e come as migalhas da troupe, cuja alimentação é a mais miserável possível, a base de farinha de mandioca e feijão escaldado. 90% são analfabetos e ninguém usa sapatos. Alguns, para suportar as longas caminhadas, calçam alpercatas com sola de borracha. Mas os homens, com raríssimas excessões, têm relógio e dente de ouro.

COLORIDO

Ninguém compreende um grupo de ciganos sem aquêle colorido que o caracteriza. Não vi um só zíngaro com um violão ou um outro instrumento popular. Mas as mulheres, embora cobertas de trapos, trazem um pouco de colorido nas fazendas queimadas pelo sol ardente da região. Não usam sêda, preferindo o chitão que fàcilmente desbota. Dormem como animais, deitados ao chão e poucos usam a rêde, apenas, os chefes da troupe, homens e mulheres idosos. A vida íntima é de causar náusea, não havendo o menor respeito entre êles.

O casamento não obedece ao tradicional ritual dos ciganos que têm tradição religiosa. Casam entre êles, por uma simples razão: evitar a presença de estranhos na comunidade que vive sempre às voltas com a polícia. Eis como passei uma tarde num bando de ladrões de cavalos, sem dúvida, uma nota diferente para quem foi ao nordeste fazer reportagem sôbre a sêca.

CORREIO DA REVISTA

● ANTÔNIO DE AGUIRRE FILHO — Rua Santa Clara, 376. — Sorocaba.

Agradecemos as observações feitas e os aplausos ao «Album». A publicação do texto longe das gravuras é, de certo modo, um teste. O leitor deverá, afinal, ler as gravuras (fazer a viagem) independentemente da leitura das legendas. E' um exercício de memória.

● Recebemos do senador Carlos Lindemberg, a seguinte carta:

Rio de Janeiro, 4 de maio de 1953
Ilmo. Snr.
Diretor da «Revista da Semana»
Saudações

A tradição do eminente patrício o indica como um homem de bem, e, portanto, incapaz de admitir que, sob sua sombra, outros, propositalmente e de má fé, falseiem a verdade perante a opinião pública.

Baseado sinceramente nesse preâmbulo, dirijo-me a S. Sia., na certeza de encontrar a desafronta necessária a uma imputação inverídica sôbre minha pessoa.

O número de sua revista de 25 de abril último, às páginas 48, 49 e 36, editou uma reportagem sôbre areias monazíticas, e na qual se afirma, entre outras cousas, que «são diretores de um dos consórcios que exploram areias monazíticas no Brasil, a Monazita e Ilmenita do Brasil Ltda. (Mibra), antigos homens do Govêrno do Estado do Espírito Santo, inclusive o senador Carlos Lindemberg».

Não opino, aqui, quanto à reportagem em si e aos demais nomes apontados, cuidando apenas do que me tocou.

Certa vez, o autor da referida reportagem fêz idêntica afirmativa pelas páginas do conceituado jornal «Última Hora». Opus-lhe, então, como agora, o mais formal desmentido, publicado pelo dito órgão da imprensa.

Volta o jornalista nessa oportunidade, demonstrando o propósito de persistir no falseamento da verdade, com o nítido intuito de atribuir-me responsabilidades que não tenho. Se as tivesse, saberia assumi-las claramente, uma vez que se trata de indústria lícita e legal como qualquer outra, pois, se assim não fôsse, não teria permissão de funcionamento no país.

Isto pôsto, sendo o eminente patrício responsável pela «Revis'a» e, principalmente pelo seu conceito, e o homem de bem que é, não se negará a determinar a publicação das provas relativas às afirmações a meu respeito acima citadas, ou, além da publicação desta carta, as amplas satisfações que mereço.

Alguém está mentindo e precisa, por isso, ser conhecido pùblicamente. Sua revista foi o veículo.

Colocando o assunto nesse pé de igualdade, conto com a gentileza e espírito

(Cont. na pág. 40)

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

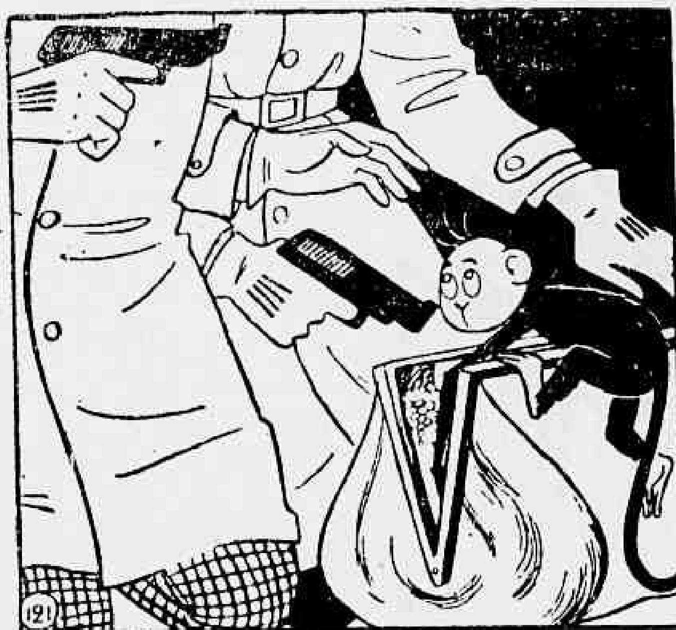


Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quitino Pinheiro Ltda. — Rua de Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ......
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

ARABELLE a última sereia



Kouki — pois era êle que estava dentro da valise, a provocar surprêsas — vendo que tudo vai dando certo, continua a atrair a atenção do passageiro.



O desconhecido, que ficou bastante intrigado com a falta de resposta dos dois indivíduos e julgando tratar-se de bandidos, como realmente eram, ordena-lhes: "Abram já esta valise!"



Os dois "gangsters" têm que decidir imediatamente a delicada situação em que se envolveram. Um dos bandidos corre com a valise, enquanto o outro vibra um sôco no intrometido.



Mas o improvizado detective, depois de ter-se livrado do golpe, corre em perseguição dos dois gatunos, inspirado pelas leituras policiais.



O rapaz se lançou atrás dos ladrões, através do corredor; mas, até onde poderia ir? O trem tinha o fim, e êle chegaria até lá.



Na fuga, os dois larápios aproveitam ligeira diminuição da velocidade do trem e pulam ao solo, livrando-se de fatal prisão.



Quando se ergueram da queda, vêem o seu perseguidor a rir à porta do carro. Os dois ladrões ficam furiosos porque a valise ficara lá...



Arabelle e Flor-Azul despertam sem de nada desconfiar. Acham excelente a viagem, e estão ansiosos para chegar aos EE. UU.



Por intermédio de Kouki, Arabelle vem a conhecer o improvisado detective, cumprimentando-o e achando-o um rapaz simpático.



Nesse interim, se desenvolve entre a polícia mexicana e a dos EE. UU., a mais intensa troca de idéias e ordens de natureza policial.



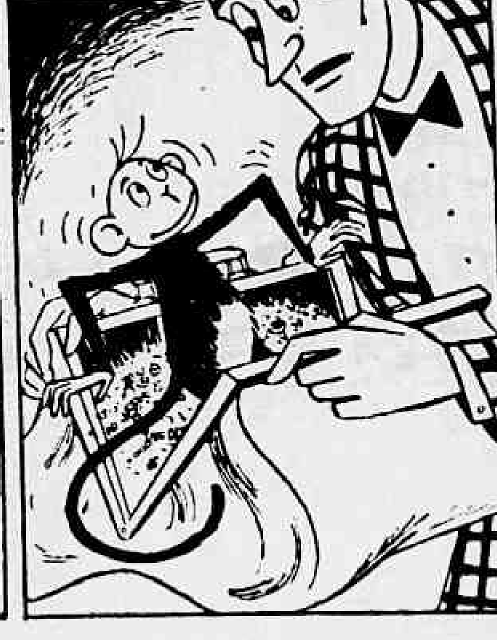
O nome de Arabelle ocupava os comunicados, estando procurada pelas polícias dos dois grandes países, como autora do incêndio do "Circo Atômico" e morte de Conchita.



Tudo isso ocorreu sem que Arabelle e Flor-Azul dessem ar de vida, dormindo sob os efeitos do clorofórmio, como dois felizes mortais.



O rapaz só tem uma idéia, que é a de restituir a maleta ao seu dono, pois ali deve haver grande fortuna para atrair ladrões.



Entreabrindo a valise, êle se assusta ao ver pular lá de dentro aquêle macaquinho, que havia logrado os gatunos.



Com dignidade e convicção de uma boa obra feita, Kouki conduz o seu amigo até a cabine onde se encontram Arabelle e Flor-Azul e ali deixam o precioso tesouro.

História de VANIA LAUREZ

Desenhos de JEAN ACHE

PASSATEMPO

LIDERGRAMA Nº 55

A	Proeza (geralmente esportiva) ainda não superada →	161	145	21	62	123	1	73
B	Favores divinos; ação de abençoar (pl.) →	118	78	15	44	97	155	143
C	Acrescentará; fará aditamentos →	40	65	2	166	132	14	93
D	Que tem côr carregada; tinto segunda vez →	10	135	121	7	49	79	167
E	Aerólitos, espécie de meteoros ígneos →	158	76	3	57	99	13	24
F	Que tem a forma de azeitona →	130	63	112	81	56	22	■
G	Ficaram curados →	36	110	67	122	136	4	88
H	Comunicará por contágio; afeiçoará	87	147	20	31	102	137	59
I	Armário com prateleiras onde se colocam livros, etc. →	116	128	25	82	94	12	69
J	Aulas; preleções →	77	16	103	45	120	146	■
K	Ondulado; que tem ondas →	142	101	17	125	92	70	153
L	Porção de comida que um garfo leva de cada vez →	133	85	33	9	95	19	114
M	Postas de infusão →	23	149	41	108	39	100	83
N	Detestadas; abominadas →	117	54	64	32	84	156	47
O	Tiram para fora à fôrça; arrancam →	74	38	28	138	109	■	■
P	Amor; amizade; afeto →	18	86	126	35	96	104	148
Q	Tomará cuidado; julgará →	75	55	127	113	11	144	106
R	Despertai; realçai; dai viveza →	8	52	68	141	162	91	■
S	Mulher formosíssima; divindade →	50	34	159	72	6	115	42
T	Ocupam um lugar vazio; tornam cheio →	139	111	152	29	46	124	■
U	Mil milhares →	131	53	90	107	26	151	■
V	Isentos; livres →	51	154	140	165	30	61	■
W	Povoação de categoria superior à de vila →	129	89	37	71	150	164	60
X	Preterira; deixara de fazer; esquecera →	105	163	48	5	80	157	66
Y	Indivíduo indeterminado ou de quem se omite o nome →	58	134	119	27	43	160	98

EXPLICAÇÃO: — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras e indicam a pontuação.

■	■	■	A 1	C 2	E 3	G 4	X 5	S 6	D 7	■	R 8	■	L 9
D 10	Q 11	I 12	E 13	C 14	B 15	J 16	K 17	P 18	L 19	H 20	■	A 21	F 22
M 23	E 24	I 25	U 26	■	Y 27	■	O 28	T 29	V 30	H 31	N 32	L 33	S 34
P 35	G 36	■	W 37	O 38	M 39	■	C 40	M 41	S 42	Y 43	B 44	J 45	T 46
N 47	■	X 48	D 49	S 50	Y 51	R 52	U 53	N 54	Q 55	F 56	E 57	Y 58	■
H 59	W 60	■	V 61	A 62	F 63	N 64	C 65	X 66	G 67	R 68	I 69	K 70	W 71
S 72	A 73	O 74	■	Q 75	E 76	J 77	B 78	D 79	X 80	F 81	I 82	M 83	■ ,
N 84	L 85	■	P 86	H 87	G 88	W 89	U 90	R 91	K 92	■	C 93	■	I 94
L 95	P 96	B 97	Y 98	■ ,	E 99	M 100	■	K 101	H 102	J 103	P 104	X 105	■
Q 106	■	U 107	M 108	O 109	G 110	T 111	F 112	Q 113	L 114	S 115	I 116	■ .	N 117
B 118	Y 119	J 120	D 121	G 122	A 123	■ —	T 124	K 125	■ —	P 126	Q 127	I 128	■
W 129	F 130	U 131	■	C 132	■	L 133	Y 134	D 135	G 136	H 137	O 138	■ ?	T 139
V 140	■	R 141	K 142	B 143	■	Q 144	A 145	J 146	H 147	P 148	M 149	W 150	U 151
■	T 152	K 153	V 154	■	B 155	■	N 156	X 157	E 158	S 159	Y 160	A 161	R 162
X 163	W 164	Y 165	C 166	D 167	■	■	■	■	■	■	Otaner-Rio		

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA Nº 54: — RODRIGUES LÔBO. CÔRTE NA ALDEIA. «A nossa língua portuguêsa é branda para deleitar, grave para engrandecer, eficaz para mover, doce para pronunciar, breve para resolver e acomada às matérias mais importantes da prática e escritura».

AMARALINA

(O famoso tônico capilar descoberto e industrializado na Bahia)

JÁ SE ENCONTRA À VENDA EM TÔDAS AS FARMÁCIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS. SE, ENTRETANTO, NÃO EXISTE NA SUA CIDADE, NÃO PERCA TEMPO PEDINDO IMEDIATAMENTE PELO REEMBÔLSO POSTAL

O PREÇO DE "AMARALINA" É, EM QUALQUER PARTE DO BRASIL, DE CR$ 35,00 E PELO REEMBÔLSO POSTAL CUSTA CR$ 45,00, LIVRE DE PORTE.

"AMARALINA", CERTEZA ABSOLUTA DE QUE OS CABELOS TORNARÃO A NASCER. NA PARALISAÇÃO DA QUEDA DE CABELOS É FRANCAMENTE EXTRAORDINÁRIO ÊSTE PRODUTO DESCOBERTO POR BRASILEIRO E FABRICADO COM ERVA NACIONAL. CENTENAS DE PESSOAS ATESTAM SUAS NUNCA IGUALADAS QUALIDADES.

Pedidos a **M. M. BURLE & CIA. LTDA.**

AVENIDA RIO BRANCO, 137 — SALA 616.

OS PEDIDOS PARA O DISTRITO FEDERAL DEVERÃO SER DADOS PELOS TELEFONES: 32-9415 e 32-9309

CORREIO DA REVISTA

(Cont. da pág. 38)

de justiça de V. Sia., que, zelando pelo seu próprio nome, sabe fazer respeitar o nome alheio.

Com especial atenção, muito grato,

Carlos Lindemberg
Senador Federal

● Salvador, 2 de maio de 1953.

Exmo. Snr.
Diretor da «Revista da Semana».

Tenho acompanhado tôdas as reportagens que a sua «Revista da Semana» tem feito, tão interessadamente, focalizando as trágicas adversidades por que vem passando a nossa gente nordestina. Êsse calor, êsse entusiasmo, êste interêsse ardente que se nota nas maneiras admiráveis da sua direção, analisando e pondo de sobreaviso o país, quando deseja evitar uma desgraça muito maior das vítimas da sêca, destacam a sua Revista como paladina dos interêsses nacionais. Eu também, de certo modo, lamento profundamente esta catástrofe. Filho do sertão, moço acostumado com aquela gente singular e boa, sentindo de perto as suas aflições, as suas dores, a sua miséria, nestas lutas titânicas que os sertanejos travam com as fôrças inexoráveis da natureza; vendo-os de mais perto, definharem ao látego implacável da sêca, dei-lhes um poema... Êste, envio-lhe solicitando-lhe, caso haja possibilidade, um acolhimento na sua Revista. Não quero, em absoluto, exigir-lhe sacrifício. Inicialmente, não conheço o mérito do poema; depois, não sei como V. Excia. há de o aceitar. De qualquer sorte, queira V. Excia. estar convicto do meu júbilo ante os interêsses da sua Revista, quando chama a atenção dos Governos no sentido de minorar as desgraças dos nossos irmãos do Nordeste. Outra prova não há mais freqüente de solidariedade humana. Parabeniso-o, e mantenho particular admiração ao seu corpo de redatores.

Pondo-me às suas ordens, é oportunidade para tributar-lhe a minha estima e sincero aprêço. — **Newton Marques.**

— Agradecemos sensibilizados. A colaboração remetida foi encaminhada ao encarregado do respectivo setor.

FALTA DE . . .

(Cont. da pág. 47)

as mãos, nem que seus colegas de trabalho lhe estendam um manto para atravessar a poça d'água da rua, como Walter Raleigh. Mas, fora das horas de trabalho (em que o cavalheirismo dos homens tem que ser reduzido ao essencial) você tem muitas oportunidades de ser feminina, mesmo em casa. Peça, por exemplo, para pregar aquêle prego na parede, pois você não conseguiu (mesmo que seja capaz, que vantagem terá em fazê-lo sòzinha?) Diante das visitas arranje sempre um jeito de pedir o auxílio dêle para abrir a garafa de bebida ou a lata de conserva... depois agradeça-lhe «efusivamente», como se abrir latas de conserva fôsse dificílimo!

Se você se lembrar de agir mais femininamente... verá que o cavalheirismo não morreu... de todo. — L.J.

Respostas das páginas 20/21

PUXE PELO CÉREBRO

1—A jarina
2—Shakespeare
3—Um furacão
4—Chicago
5—40 mil
6—No Museu do Louvre
7—Kron
8—Congo Belga
9—Tenebroso
10—Registrar a menor salinidade
11—A de Ubajara, Ceará
12—Bragança
13—1902 (três)
14—19 anos de idade
15—63.

QUEM DISSE ISSO?

1—Byron
2—Schiller
3—Balzac
4—Goethe
5—Plauto

ATENÇÃO, RUBRO-NEGROS!

CONHEÇAM A HISTÓRIA DO "CLUBE MAIS QUERIDO DO BRASIL" E A VIDA DOS SEUS "CRAKS" MAIS FAMOSOS DO PASSADO E DO PRESENTE

Leiam o ÁLBUM RUBRO-NEGRO

300 PÁGINAS — PREÇO CR$ 50,00

À VENDA EM TÔDAS AS BANCAS DE JORNAIS. REMETEMOS PELO "REEMBÔLSO POSTAL" — PEDIDOS À EDITÔRA BRASILIDADE LTDA., RUA DA QUITANDA, 59 — 2.º ANDAR — C. POSTAL 2.733 — RIO

UMA MULHER NUM CONVENTO DE FRADES

MARIA PAULA DE CARVALHO

FREI Lourenço deu a última volta à chave e preparava-se para deixar a portaria, quando ouviu pancadas fracas e tímidas à porta que acabara de fechar.

— «Quem bate?» perguntou êle. «Abre esta porta, Senhor!» — falou de fora uma voz chorosa de mulher.

— «Senhora!» — respondeu o frade. «Estás à porta de um convento de frades e aqui não se recebem mulheres.

— «Senhor!» implorou a pobre — «Se soubesses minha triste história não me negarias hospedagem por esta noite.»

— «E' da regra, Senhora, cumpro ordens.»

Violeta desceu as escadas, enfrentando a escuridão reinante e o vento frio e cortante daquela noite de inverno.

Tomou, na estrada a direção de sua mão direita e seguiu sem destino e sem esperança. Muitas encruzilhadas encontrou, e, às cegas, impelida pela desgraça de não ter um lar seguiu uma vereda que, a seu ver, lhe traria algum amparo. Tinha a alma despedaçada e o coração sangrante de desespêro.

No convento em que fôra bater, o frade que tão rudemente a desiludira, ficara pensativo e um remorso imenso começou a lhe roer a consciência. Então perguntou a si mesmo: «Quem será esta mulher? Que lhe terá acontecido para vir a êste lugar a estas horas da noite?» Seu coração começou a se inquietar e aos poucos, foi se sentindo culpado do que pudesse acontecer à infeliz criatura que lhe batera à porta. Seus pensamentos tornaram-se sombrios e desencontrados. Mas... como poderia receber num convento de religiosos, uma mulher!... Começou a falar alto: «Deve ser alguma pecadora; fiz bem em não a ter deixado entrar...»

Depois pensou melhor. «Só tememos o pecado e o pecador porque não estamos bem seguros de nossa virtude. Fiz mal em não a ter recolhido. Por onde andará ela?» E, de um lado para o outro ao longo do extenso corredor, viu-se êle andando apressado e esquecido de que estava na hora da meditação, na Capela.

SENTIU que a débil voz daquela mulher não lhe era totalmente desconhecida. Torceu as mãos, em desespêro, mordeu os lábios, por fim, num impulso muito humano, correu o ferrôlho da porta, abriu-a e, ràpidamente, fechou-a atrás de si. Saiu em marcha apressada, perguntando a si próprio que direção teria tomado aquela mulher.

Sentiu um leve tremor em sua mão direita; tomando como um aviso, seguiu esta direção. Mas, como a mulher, também êle encontrou várias encruzilhadas; afinal, enveredou por uma trilha estreita, a mesma que Violeta seguira.

O frade tinha o coração aos saltos e um vago pressentimento assomou-lhe à alma. Isto se passara em terras de Espanha.

Seguia o frade.

Violeta atordoada pelos últimos acontecimentos, cheia de mêdo, vendo-se desamparada, deixou-se ficar sob a fronde de uma enorme nogueira que encontrara no caminho.

Encostou-se ao tronco da árvore e deu livre curso ao pranto que, teimoso se insinuava a cada instante. Seus soluços se misturavam ao pio das aves noturnas e ao coaxar dos sapos asquerosos. Súbito percebeu passos na estrada. Refreiou o chôro, assustada e recolheu-se em si mesmo. Frei Lourenço, porém, havia escutado seus soluços e, com voz carinhosa, lhe interpelou: «Mulher! Foste tu quem bateu à porta do Convento?» — Violeta tomou um profundo alento e resoluta lhe respondeu: «Senhor! Que fazes aqui? Se não me pudeste receber em teu Convento como podes afrontar a disciplina e vires ao meu encontro?»

— «Cala-te, senhora! Não posso quebrar a ordem de um convento, mas posso quebrar a dureza do coração humano; não me é permitido abrir a porta de um recolhimento de religiosos, fora da hora, mas posso abrir a porta da caridade que não se nega a nenhum vivente. És mulher! e, como poderia eu dormir, abrigado sob meu teto protetor, sabendo-te sem abrigo e entregue aos perigos inesperados?»

VIOLETA ouviou-o, em silêncio e tinha a impressão de já haver escutado aquela voz alguma vez... O frade continuava falando e oferecendo-se a ampará-la até o raiar do dia, e, ela quanto mais êle falava mais se recordava de sua voz.

Por fim Frei Lorenço tomou-lhe a mão, fê-la andar, levando-a a um abrigo seguro. De súbito perguntou-lhe: «Como te chamas?»

«Violeta, Senhor» — respondeu a infeliz.

«Violeta! repetiu o frade lentamente. «Violeta... Violeta de...» e diz seu apelido de família. Violeta sob a pressão da mão do frade estremeceu e por sua vez o interrogou: «Como sabes que existe uma mulher com êste nome?» Frei Lourenço deixou pender a cabeça e disse, num suspiro: Então és tu? Senhor! e tu quem és, que me conheces?»

O frade nada respondeu. Tomou-a pelo braço e seguindo de volta, a mesma estrada, sem dizer palavra, se encaminhou com Violeta para o Convento.

Andavam apressadamente, A noite estava fria e denunciando chuva. Frei Lourenço tirou sua capa e envolveu os ombros de Violeta. Ela nem sequer lhe agradeceu, estava tomada de verdadeiro estupor e tudo lhe parecia um sonho. Como o frade, ela também se interrogava: «Quem será êste homem? Eu uma **pecadora ser conhecida, de um frade.**

«E' estranho!... Ela reviu, num segundo tôda sua vida pregressa e, então lembrou-se de Pedro — aquêle estudante de medicina que fôra seu noivo e que por paixão, deixara o mundo e fôra ser frade. Recordou-se do desgôsto que lhe dera quando fugira com D. Pablo — o toureiro — naquela linda noite de maio! Frei Lourenço caminhava a seu lado e lembrava-se, também, dos mesmo fatos. Últimamente soubera da vida dissoluta que Violeta levava, e, cheio de saudade de revia-a como no tempo de noivado — bela e impulsiva, autoritária e independente.

Sua alma se confrangeu, seu coração doeu fundo ao ver aquela a quem tanto amara em tão triste e desolador estado.

Chegaram ao Convento. Frei Lourenço abriu a porta e fêz Violeta entrar e esperá-lo. Foi direto à cela do Prior e em poucas e rápidas palavras narrou-lhe seu caso, passado e presente, pedindo permissão para hospedar Violeta. Recebeu o consentimento e levou-a para sua própria cela.

Pela manhã, tôda comunidade estava triste e pensativa.

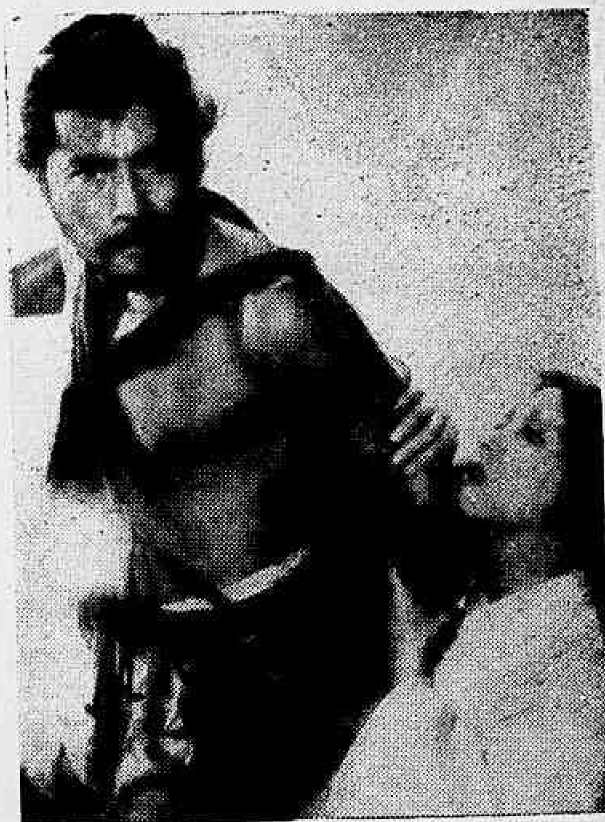
Em todos os corações pairava uma interrogação. E veio cabisbaixo e triste o Prior e anunciou: «Frei Lourenço desapareceu misteriosamente, como por encanto, e, meus irmãos deixou-nos **em seu lugar uma mulher...»**

DE CINEMA

NEWTON COUTO

UM FILME JAPONÊS EMPOLGA O MUNDO

ESTA fábula inicia-se há 1.200 anos atrás, quando a cidade de Kioto, completamente devastada pelas guerras civis e pela fome, é prêsa de uma grande tempestade, obrigando três homens a se abrigarem num templo. Eram respectivamente um sacerdote, um lenhador e um ladrão. O lenhador, testemunha ocular de um assassínio verificado há muito tempo, contara aos seus dois companheiros, que participando do julgamento, êle mesmo não tinha dito a verdade, afirmando ainda tê-lo presenciado, quando se encontrava na floresta. Disse êle que viu um rico samurai, que ali tinha ido em viagem na companhia de sua espôsa, ser subjugado por um bandido, que o matara e se apoderara de sua espôsa. No julgamento foram apresentadas quatro versões: a do lenhador, testemunha ocasional, a do bandido, a da espôsa dêste e a do marido chamado a depor por intermédio de um médium. Nas declarações do bandido, êle narra que havia cometido o crime, exclusivamente impelido pela súbita paixão pela mulher e que ao fazê-lo, sabia da bravura e coragem do samurai, tendo havido entre ambos um tremendo duelo, terminando com o trucidamento do marido. Quanto a espôsa, apresentara-se também como a autora do assassínio, declarando que o matara, porque ao ser atacada pelo bandido, êste a pegara em seus braços e que seu marido, por êste motivo, havia lhe dirigido olhares de escárnio e cólera. A terceira e última versão, é a da vítima, que afirma ter-se suicidado, em vista da desonra e infidelidade que lhe havia causado sua espôsa, que não se importava se êle ou o bandido morressem, pois que a ela tanto interessava a morte de um ou de outro.



Toshiro Mifume, o bandido, e Machiko Kyo, a espôsa, numa cena impressionante de «Rashomon», filme japonês premiado com o Leão de São Marcos — como o melhor celulóide de 1951, no Festival Cinematográfico Internacional de Veneza e com a estatueta da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, como o melhor filme estrangeiro exibido nos Estados Unidos.

● Quando o lenhador acabou de contar todos êsses fatos do julgamento, ouviu-se o chôro de uma criança, correndo o ladrão para junto da criança, em busca de algum objeto valioso em suas roupinhas, sendo então reprovado pelo lenhador. Aquêle, então, lhe responde que êle nada pode censurar, porque não tinha sido sincero no julgamento do assassínio do samurai dizendo-lhe: — Como queres impor honestidade de minha pessoa, se você também não é honesto? O sacerdote arranca em seguida a criança dos braços do ladrão, entregando-a ao lenhador, que lhe havia dito que sua espôsa estava criando seis filhos e que mais um não seria difícil para sua mulher alimentá-lo. Diante destas afirmações do lenhador, o sacerdote se reconcilia imediatamente com a humanidade, adqirindo novamente o sentimento de fé e esperança, o que faz com que os céus como prêmio aquêle estado de espírito, termine com o temporal e os três homens se separem e tomem os seus destinos, agora em completa bonança...

E' esta justamente a história de «Rashomon», o filme japonês que está empolgando o mundo, sendo dentro da mesma que o diretor Akira Kurosawa, acompanhado do cenarista Shinobu Hashimoto, construiram o argumento, baseando-se na popular novela do escritor Ryunosuke Akutagawa — «Na Floresta», que se suicidou aos 35 anos no Japão. Ambos estão conseguindo através de um argumento e roteiro bem construídos, arrancar os maiores aplausos em todos os países onde está sendo exibido êste celulóide, a ponto de ser considerado no Festival Cinematográfico Internacional de Veneza como o melhor filme do mundo em 1951, recebendo o Leão de São Marcos, além de ganhar a estatueta da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, como a melhor película estrangeira do ano de 1951 e de obter a classificação da Associação de Críticos Cinematográficos (National Board Of Review), como o melhor realizador de 1951, no caso Akira Kurosawa.

● Esta produção de Jingo Minoura para a Daied (Japão) e que conta com a fotografia de Kazuo Miyagawa, que contribuiu para a excelente forma de «Rashomon» (Rashomon), criando uma fotografia onde a plasticidade é de uma importância vital e a música de adashi Matsuyama, que acompanha com igual valor, está obtendo nos Estados Unidos um grande sucesso, tendo permanecido 15 semanas no Little Carnegie Theatre, de Nova Iorque, abrindo para a indústria cinematográfica nipônica novos horizontes, até então completamente desconhecida no mundo inteiro. Aqui no Brasil, só o público de São Paulo teve a satisfação de travar conhecimento com o cinema japonês, em virtude da extensa colônia nipônica existente em São Paulo, tendo sido exibida produções como «Entre o Amor e a Gratidão», de 48, dirigida por Shingueo Tanaka; «Vida de Artista», do mesmo ano; «Pai e Filha», de 51, dirigida por Tadashi Imai; «O Crime da Quinta», de 52, «A Vida de Uma Caiçara», de 51, estas duas dirigidas por Teinossuke Kinugassa; «Terra Amada», de 51, de Seiji Hisamatsu; «Por Ser Mãe», de 52, de M. Matsuda; «Pássaro de Fogo», de Shingueo Tanaka; «Mulher Falsa», de Kimissaburo Yoshimura e «Corsário do Mar da China».

No elenco se destacam Machiko Kyo, que há dez anos vinha trabalhando no teatro de revista e que só há três anos fêz a sua estréia no cinema, figurando em nada menos de 30 películas até agora; que faz a espôsa; Toshiro Mifume, o bandido; Masayuki Mori, no samurai; Tadashi Shimura, no lenhador; Minoru Chiaki, no sacerdote; Fumiko Homma, no médium e Daisuke Kato, no polícia, que constituem a segurança do «cast» dêste celulóide distribuído pela RKO Radio Pictures, que além de valorizarem com o seu quinhão esta obra de grande expressão artística, serve para demonstrar que no Japão também existem atores de alto quilate e que podem aparecer no elenco de qualquer filme estrangeiro com bastante felicidade, como vem acontecendo com o magnífico ator Sessue Hayakawa, que tão **brilhantemente vem trabalhando no cinema norte-americano e francês.**



CAPITAL SOCIAL

3.000.000,00

(Integralizado)

Carta Patente n.º 146

Oferece o formidável

PLANO DE ECONOMIA

Série "C"

• O plano Série "C" da Brazília além de ajudá-lo a cultivar o hábito sadio da economia, proporciona-lhe as seguintes vantagens:

a) — Prêmios de Cr$ 200.000,00; Cr$ 100.000,00; Cr$ 30.000,00; Cr$ 20.000,00; Cr$ 10.000,00, etc.

b) — Resgate por antecipação;

c) — Resgate por falecimento;

d) — Dividendos ou bonificações anuais;

e) — Seguros contra acidentes pessoais;

f) — Sugestões relacionadas a viagens, repousos ou excursões;

g) — Informações sôbre matéria de interêsse turístico;

h) — Reembôlso integral.

MENSALIDADE — 50,00

Peçam informações

BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL, S. A.

SEDE PRÓPRIA: Rua Visc. de Inhaúma, 134 - 4.º pav.

Agências e Sucursais em todos os Estados

TELEFONE: 43-3475

A SAÚDE DO BEBÊ

EXAME DA BACIA E PROTEÇÃO DA CRIANÇA

Dr. SABOIA RIBEIRO

NÃO é sòmente, e evidentemente, após o nascimento que começam os cuidados com a criança, mas, no mínimo, do início de tôda gestação, particularmente com relação aos cuidados que asseguram o parto normal. Dentre as condições indispensáveis ao parto normal uma que mais deve merecer tôdas as preocupações, sobretudo nas que vão ser mãe pela primeira vez, está o exame da bacia, com o qual se determinará a sua capacidade de garantir a passagem do feto a seu têrmo, no ato parturitivo. Quando a bacia não alcança certas cifras, naquele exame, pode-se prever o parto prolongado, com suas conseqüências costumeiras sôbre a vida do feto, nem sempre socorrido a tempo, de modo que possa ser salvo. O parto prolongado é um dos fatôres de sofrimento e morte do feto, e nesse caso, devido a intransponibilidade da bacia pelo feto, êste maior do que os diversos diâmetros da «circunferência» que lhe dá entrada.

Não podendo então transpor o estreito superior da bacia, produzem-se movimentos respiratórios do feto, e grande quantidade de líquido aniotiço e intercâmbio gasoso normal, isto é, nasce a criança em estado de asfixia abstrutiva, de que nem sempre sai com vida com os socorros trazidos após o nascimento. Vejamos, então, o que toca em relação à bacia normal tendo em vista o parto normal e a proteção da criança.

● Uma bacia normal deve possuir certas dimensões, sem as quais o parto tem probabilidade de ser mau, difícil. Segundo estudos de Álvaro Gusmão, é a seguinte a mensuração externa da bacia:

Conjugata externa, 19cms.11.
Bi-espinhas, 22cms.8.
Bi-rista, 25cms.69.
Bi-trocanter, 29cms.41.

Dêsses diâmetros, o último parece possuir pouco valor, pois mesmo que bastante dimuído, êle não invalida a boa permeabilidade da bacia para a passagem do feto. Na bacia normal a diferença entre os diâmetros bi-crista e bi-espinha, deve dar, no mínimo, 3 centímetros. Êsse mínimo é compatível com o parto normal. Na bacia raquítica, imprópria à função do parto, a diferença não atinge a 3 centímetros.

● O CONJUGATA EXTERNA é de todos os diâmetros o que melhor orienta no diagnóstico da bacia normal, pois que, diminuindo de oito centímetros, dá a medida de um diâmetro que informa ao parteiro da boa conformação interna da bacia, e normalidade dos partos: o «conjugata vera».

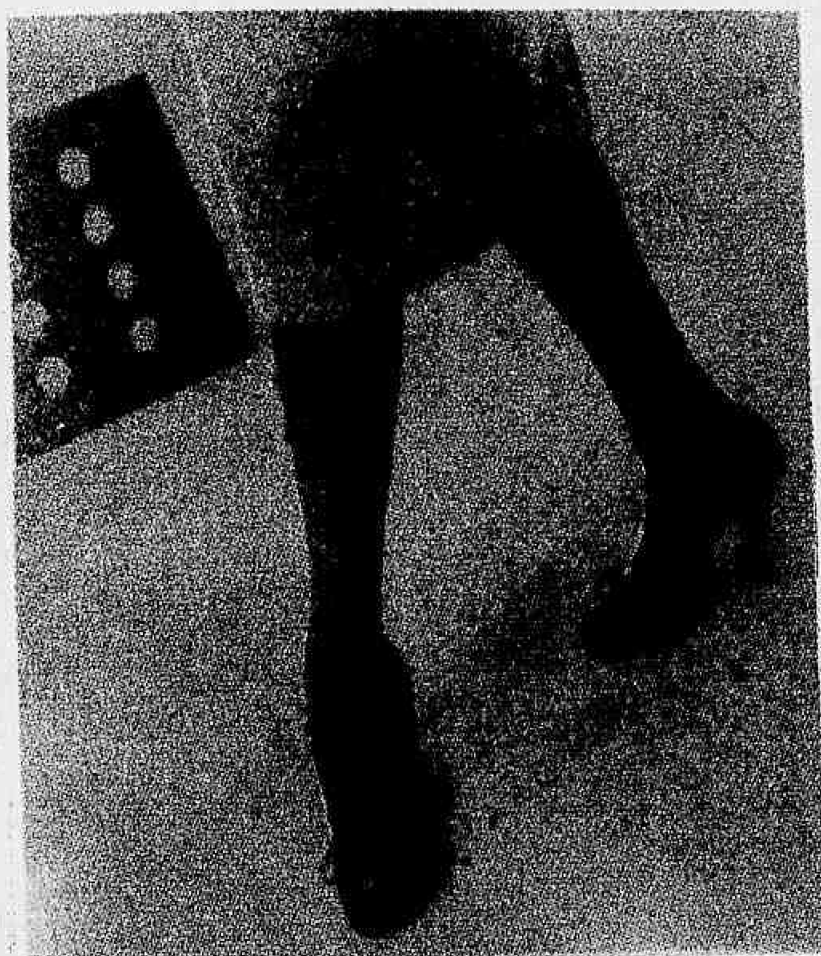
O «conjugata externa» é tomado, indo do sacro ao pubis, com o pelvímetro (compasso obstétrico). O «vera» é deduzido dêle, menos oito centímetros, devendo dar, em média, 11 centímetros.

Admite-se que uma bacia que possua um «conjugata externa» inferior a 16 centímetros é fatalmente uma bacia viciada; entre 18 e 19, ainda o é em metade dos casos; entre 19 e 21, ainda dá 10% de defeitos no ato do parto; acima de 21 centímetros, porém, pode ser considerada perfeitamente normal. A pelvimetria interna é mais positiva que a de que tratamos (pevimetria externa), mas na prática é deduzida dela, ou sòmente praticada quando os dados da «pelvimetria externa» fornecem um resultado anormal.

Ambas sòmente devem ser feitas por médico, ou melhor, pelo bom parteiro, em condições propícias para o exame, que de resto é de uma grande simplicidade e comodidade para a mulher. Numa mulher que vai dar a luz pela primeira vez, é absolutamente necessário o exame da bacia. Todo primeiro parto exige êsse exame, que não raro previne situações penosíssimas tanto para a mãe como para o recém-nascido, pois a muitas bacias estreitas não prevenidas se devem muitos e muitos natimortos (apoplexia útero-placentária, asfixia neonatorum.)



Em pelica castanho claro, com bonito efeito de pregas. Da nova coleção de Saks Fifth Avenue, N. York.



Modêlo em vermelho tijolo com debruns brancos. Apresentado na coleção Herman Delman, para 1953



Uma sandália de gala, de Herman Delman, em pelica dourada. Tiras incrustadas de strass, cruzadas sôbre o peito do pé.



Bonita tonalidade côr de mel foi empregada por Herman Delman para a confecção dêste sapato, com arabescos em brocado branco.

Artísticos e não frívolos

UM DOS ACESSÓRIOS que maiores transformações sofreram nesta temporada de inverno, foram os sapatos. Não é que haja modificações essenciais em suas linhas, pròpriamente ditas; ao contrário, mais do que nunca se aproximam dos estilos clássicos, abertos ou fechados. Onde a fantasia se expande às largas é na escolha dos couros e outros materiais, e nos adornos, sempre delicados e muitas vêzes originais. Nos modelos para rua ou meia tualete, a pelica predomina totalmente nas novas coleções: debruada em côres contrastantes, ou, preferivelmente, em branco: aplicada com arabescos curiosos... sempre de muito boa qualidade e acabamento perfeito. Os fabricantes tiveram que se esmerar para agradar a elegante de 1953!

A camurça é mais rara, e usada quase que exclusivamente em modelos simples, lisos, numa só côr escura e sem atavios. As criações para a noite, em pelica dourada ou prateada, se enriqueceram com incrustações de "strass" no próprio couro, realizadas por processo, de forma que as pedrinhas não caem. Os sapatos, quando trabalhados, são quase sempre complementados por bólsa no mesmo estilo, o que dá maior unidade à tualete. Estão muito em moda: o cinza claro, o cinza chumbo, o castanho em diversas tonalidades, e o prêto, naturalmente. Para quem gosta de côres vivas, são permitidos o verde fôlha ou o vermelho tijolo, quando muito. Nada de tonalidades berrantes e primitivas que não condizem com as tualetes para êste inverno. Os novos modelos são quase austeros na dignidade de suas linhas; nos detalhes e enfeites são mais artísticos que frívolos. **(Flama)**

Graciosos e





HERBERT SONDHEIM — apresenta em sua nova coleção muitos modelos listrados, como êste casaco que se usa sôbre um vestido prêto, exibido no desfile do Dress Institute.

WORTH — Vestido em jersei de lã vermelho com mangas japonêsas terminadas por punhos negros. Complementos prêtos (luvas, cinto, sapato e boina. Modêlo Maud e Nano).

elegantes



BALMAIN — Vestido num interessante tecido fantasia em jersei, cinza. Jaqueta em twee bege com borda cinza, de corte amplo. A boina é feita do mesmo tecido do vestido.



BENHAM ORIGINAL — Vestido em crepe cinza, todo de preguinhas. O modêlo segue a nova linha esguia. Jaqueta sôlta, forrada em tecido fantasia, listrado em côres vivas.

WEEK-END NA COZINHA



TORTA "CHIFFON" DE ABACAXI

CROSTA DE BISCOITOS

1 2/3 de xícara de biscoitos de chocolate, tipo «wafers»
3 colheres das de sopa, de manteiga ou margarina (derretidas)
1/4 de xícara de açúcar.

1. Misture cuidadosamente os biscoitos de chocolate, passados na máquina, com a manteiga e o açúcar.

2. Ponha a mistura, forrando o fundo e os lados, numa fôrma redonda para torta.

3. Asse em forno moderado, cêrca de 8 minutos. Deixe esfriar.

RECHEIO

1 pacotinho de gelatina, sem sabor ou com sabor de limão
1 1/2 xícaras de suco de abacaxi
1 colher das de sopa, de suco de limão
1/2 colher das de chá, de sal
3/4 de xícara de açúcar
2 ovos, claras e gemas separadas
1 colher das de chá, de casca ralada de limão.

MANEIRA DE FAZER

1. Esquente o suco de abacaxi, o suco de limão, o sal e ½ xícara de açúcar, até ferverem. Acrescente a gelatina e misture até dissolver.

2. Bata as gemas. Ponha um pouco da mistura de gelatina quente e bata mais. Junte a gelatina. Deixe gelar até engrossar. Junte a casca de limão ralada.

3. Bata as claras com o açúcar restante, em ponto de suspiro. Ponha na mistura de gelatina. Arrume no centro da crosta de biscoitos. Deixe gelar.

Enfeite com biscoitos de chocolate moído. O enfeite com naipes de baralho é muito apropriado para uma reunião de jôgo.

PASTÉIS HAMBURGUESES

1/2 quilo de carne picadinha
1 cebola média
2 ovos cozidos
4 maçãs
100 gramas de manteiga
Fatias de pão de fôrma, cortadas em triângulos
Açúcar e vinho branco
2 colheres das de sopa, de manteiga ou margarina

MANEIRA DE FAZER

1. Ponha a manteiga no fogo e refogue aí a cebola picadinha. Junte a carne picada e deixe que fique um pouco tostada. Retire do fogo e junte os ovos duros, picados.

2. Passe manteiga nas fatias de pão, arrume num tabuleiro. Ponha, em cima de cada, uma fatia de maçã, por cima a carne picada e em cima desta umas 3 ou 4 fatias de maçã, nas quais passou a manteiga, depois de mergulhar em vinho branco. Espete um palito no centro de cada montinho.

3. Polvilhe com açúcar, todos os «pastèizinhos» e leve ao forno, até que fiquem dourados. Sirva quente.

●

CONSELHOS ÚTEIS

● *Para* separar dois copos *que ficaram presos, engastados um no outro, encha o de dentro com água fria e mergulhe o de fora em água levemente morna.*

● *Um pedaço de carvão de lenha pôsto dentro de qualquer recipiente* tirará qualquer cheiro *que tenha ficado no mesmo, em poucos dias.*

● As manchas de vinho *sôbre tecido fino tira-se: pondo uma camada de sal, por cima, e lavando depois com sabão neutro. Eventualmente banhe com água oxigenada.*

● *Para evitar que os grãos (como feijão, lentilha, milho) sejam* atacados por carunchos, *mistura-se aos mesmos um pouco de sal grosso.*



FALTA DE CAVALHEIRISMO

Se você agir sempre femininamente verá que o cavalheirismo ainda existe...

NÃO, essa crônica não é dedicada aos homens, conquanto o título pareça o contrário. Nem é uma recriminação contra o sexo forte, mas contra nós mulheres, as únicas culpadas de os homens serem menos cavalheiros do que no tempo de nossas avós. O cavalheirismo é uma arte que existe, não apenas para dar prazer às mulheres, pura e simplesmente, mas, principalmente, ao cavalheiro que a põe em prática: prazer pela retribuição em forma de um sorriso, de uma palavra amável, de um agradecimento... Infelizmente, nós mulheres, estamos esquecendo a forma de agradecer femininamente aos atos de cavalheirismo de que somos alvo, e, não sòmente de agradecer, mas até de aceitá-los como devemos... Já viram uma mulher tentando abrir a janela do ônibus, num dia de calor? Ainda quando um homem se ofereça para ajudá-la, insiste em abri-la sòzinha... deixando-o meio encabulado. Da próxima vez êle não se oferecerá para abrir janelas e o mundo terá perdido mais um «cavalheiro», pois a recusa doi, ainda que não pareça. Não seria muito mais feminino, e muito mais interessante também, pedir para que êle lhe abra a janela (o que fará orgulhosamente se fôr solicitado) e depois agradecer-lhe com o seu melhor sorriso?

● Quando viajar de ônibus ou de bonde com um rapaz, não faça menção de pagar a passagem, procurando na bôlsa o dinheiro, desajeitadamente. A não ser que você seja uma colegial e êle seu colega, o homem sempre paga a passagem de ônibus ou de bonde. Espere calmamente que êle se desincumba desa tarefa e ajude-a a descer do veículo. Quantas mocinhas que saem a passeio com o namorado travam verdadeiros combates para apanharem ao mesmo tempo que êle o pacote de balas que caiu no chão! Não seria muito mais cômodo para elas, deixar que êle o fizesse sòzinho? Dando-lhe essa oportunidade de ajudá-la, verá que, ao agradecer-lhe depois, como se êle tivesse vencido uma batalha, seu peito estufará de prazer...

Ao entrar num restaurante, quantas mulheres correm na frente à procura de uma mesa vazia, quando é exclusivamente função do cavalheiro! Sentam-se antes que êle tenha tempo de sequer esboçar um gesto para puxar a cadeira. Apanham o cardápio e escolhem o prato, depois chamam o garçon, sem dar oportunidade de ajudá-las. Tudo isso mata em qualquer homem o desejo de ser cavalheiro... se ainda tiver persistido um pouquinho, depois da multas situações incômodas pelas quais deverá ter passado na vida, ao querer tratar as mulheres como «no fundo» elas gostam de ser tratadas...

● E' claro que você não há de pretender que seu chefe a receba no escritório beijando-lhe

(Cont. na pág. 41)

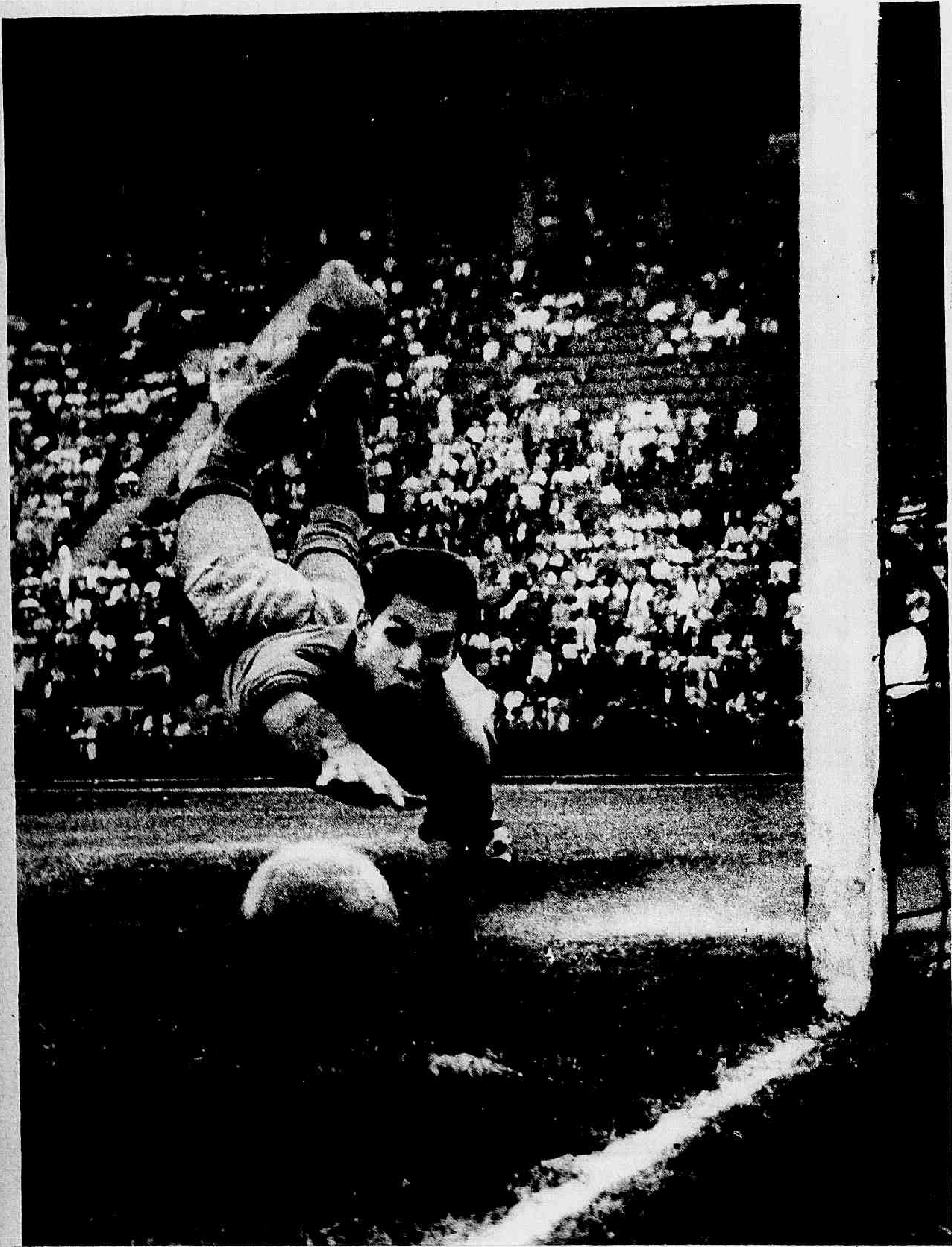
SUGESTÕES PARA O LAR

A televisão ocasionou uma modificação completa na decoração das salas de estar. O «ecran», onde as imagens se refletem, passou a ser o ponto focal do aposento, e todo o resto teve que ser disposto de forma a se conseguir o máximo de visibilidade, confortàvelmente. O aparelho de TV não pode ser colocado em qualquer canto. Ao contrário, os outros móveis é que são, em geral, dispostos de qualquer forma em função do vídeo, quando para o mesmo não foi previsto local apropriado.

● A fotografia ilustra uma arrumação muito prática para a sua sala de televisão: o aparelho foi colocado sôbre uma mesinha baixa, ficando a tela numa altura ótima para quem assiste os programas sentado. Não há necessidade de levantar a cabeça, com risco de ficar com o pescoço doendo. A mesinha é lisa, em madeira clara. Há lugar para um jarro com flores e um cinzeiro ao lado da TV.

O grupo foi disposto de maneira que os olhares das pessoas sentadas, se focalizem no «ecran» do aparelho. Do grupo, avista-se na foto apenas um canto do sofá, revestido de tecido mescla. Pequenas banquetas de linhas modernas, com assento de couro, completam o mobiliário. No centro do grupo há uma mesa redonda (da qual se avista apenas a borda) bem baixo, para não tirar a visibilidade. Tudo nesse aposento: mobília, tapête, abajur, em tonalidades neutras, a fim de realçar o vistoso reposteiro atrás do aparelho de TV, uma obra prima de estamparia moderna. — N I K E.





TORNEIO RIO-S. PAULO 1953 — O goleiro Lindolfo, da Portuguêsa de Desportos (de S. Paulo), numa difícil intervenção, salvando um «goal» certo. — Até parece que o goleiro está prestando juramento sôbre a bola: «— Prometo não deixar entrar «goal» nenhum com o próprio sacrifício de minha vida...» (Foto Adir Vieira.)

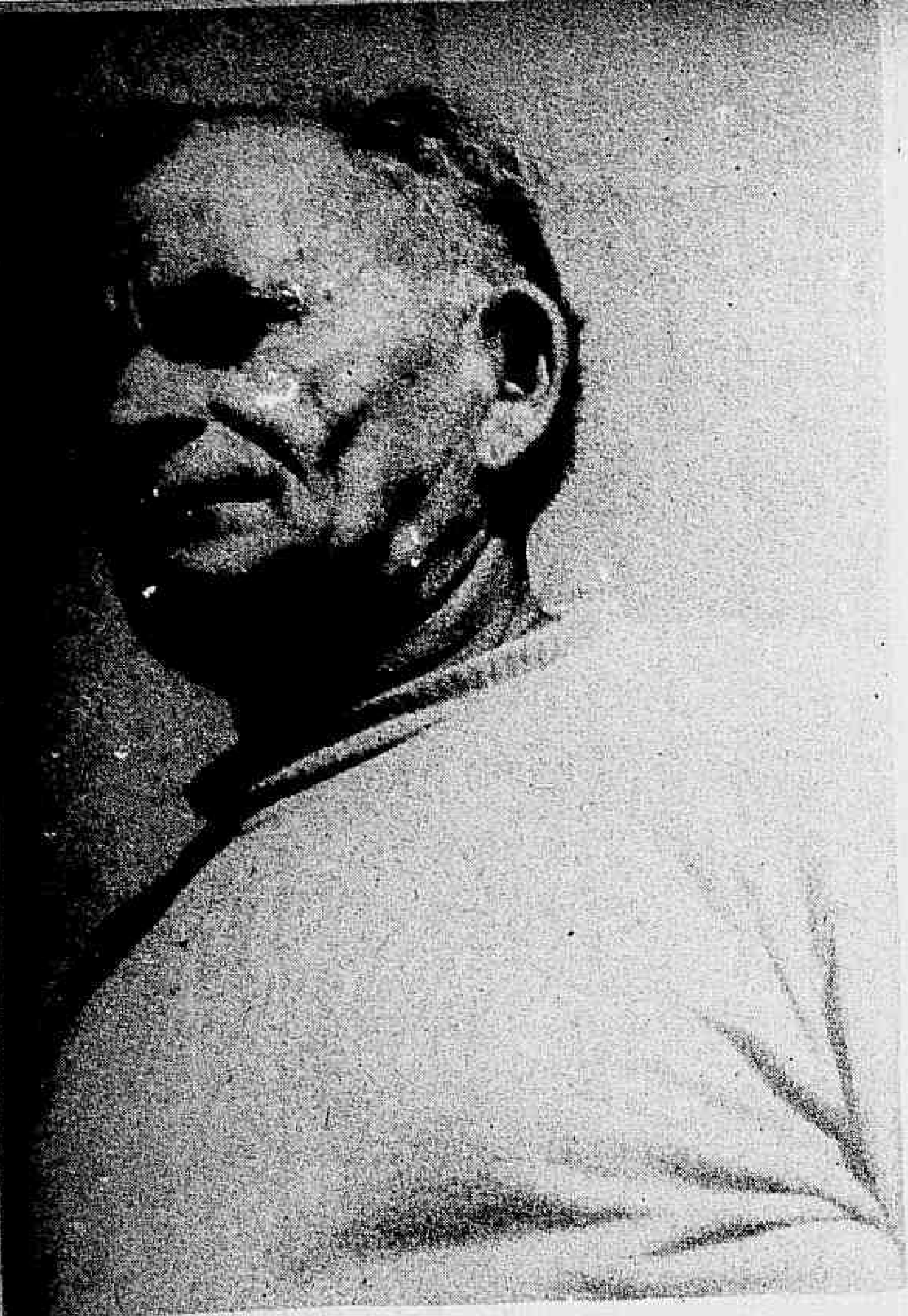
ÊSTE espetacular flagrante é um presente do "ANUARIO DO ESPORTE ILUSTRADO" de 1953, a aparecer brevemente em tôdas as bancas do país. E' o quarto número da publicação anual do "Esporte Ilustrado", com todos os times do futebol carioca em côres, estatísticas completas do campeonato carioca, campeonato brasileiro, Copa Rio, jogos internacionais de clubes brasileiros, jogos amistosos de clubes cariocas, e o movimento completo de todos os esportes amadoristas, além dos sensacionais gráficos cinematográficos de todos os goals do campeonato carioca, e da Copa Rio. — Preço: Cr$ 15,00 — Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro.

UM BARCO E CINCO DESTINOS



O «Rio Grande do Norte II», em águas fluminenses, vence a penultima etapa da jornada. São 1.880 milhas, a remo, de Natal ao Rio.

1880 MILHAS A REMO!



Ricardo Severino da Cruz, o comandante: 63 anos e 10 netos. Pratica o remo desde 1916 e já ganhou 28 medalhas de ouro, prata e bronze. E' o mais velho dos cinco heróis da façanha.

A PROEZA DA IOLE "RIO GRANDE DO NORTE II", COM OS SEUS CINCO TRIPULANTES ★ O MAIS VELHO DOS "RAIDSMEN" TEM 10 NETOS E O MAIS MOÇO E' ARRIMO DE UMA FAMÍLIA DE 14 PESSOAS ★ A ETAPA BARRA NOVA-RIO DOCE, A MAIS DURA ★ 25 REMADAS POR MINUTO!

Reportagem de CAMPOS SILVA **Fotos de ALBERTO FERREIRA**

ONTEM foram os quatro jangadeiros cearenses que empolgaram o Brasil, viajando 68 dias sôbre seis paus de piúba, impulsionados por uma vela, numa jornada que tinha como objetivo pleitear reivindicações de uma classe que vive abandonada e que só é lembrada às vésperas das eleições. Agora são cinco homens dentro da «iole» «Rio Grande do Norte II», com 10 metros de comprimento, que prendem a atenção do povo brasileiro.

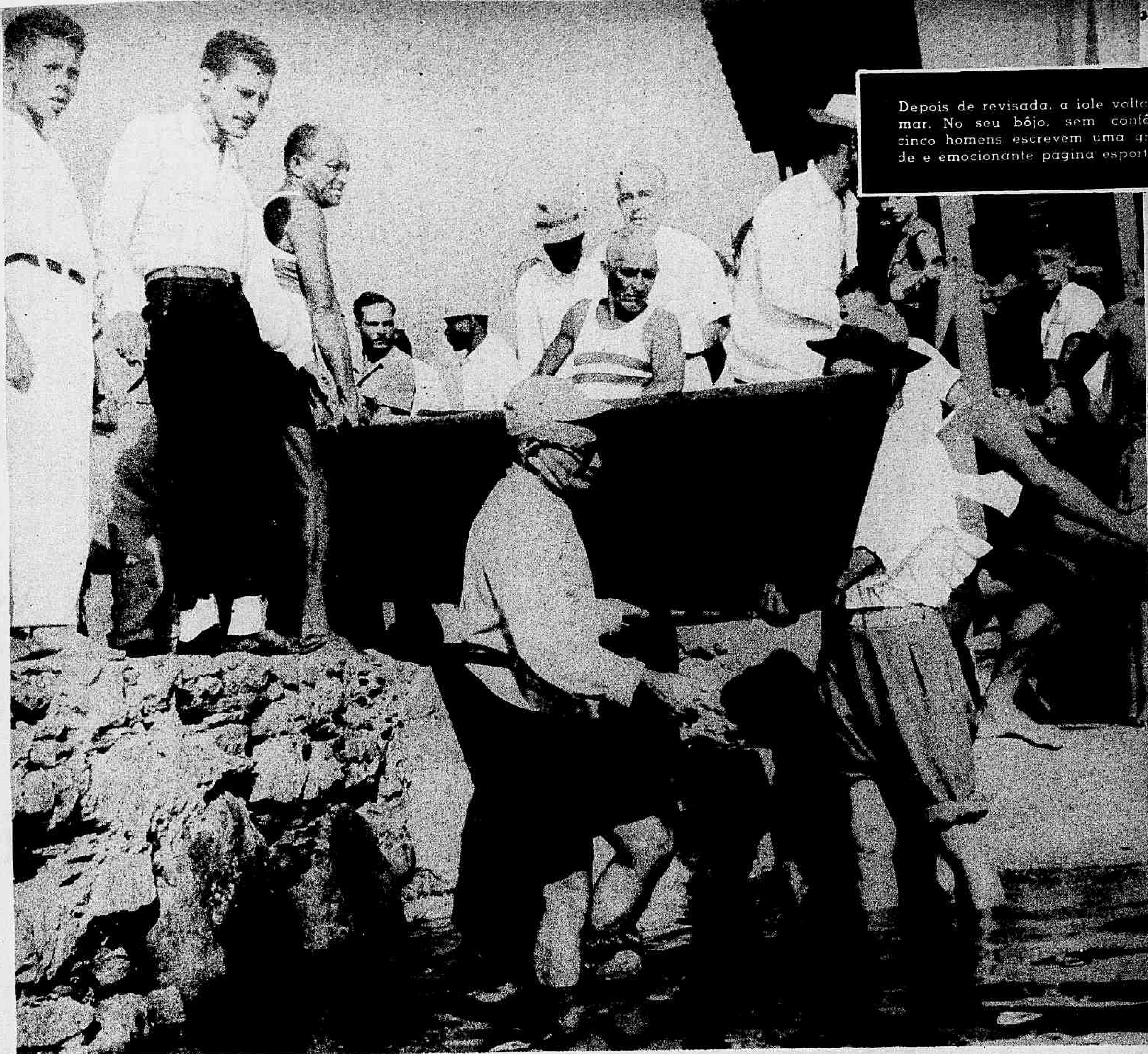
De Natal à Guanabara são 1 860 milhas, vencidas a remo, o que vem demonstrar a fortaleza do homem do nordeste e o seu espírito esportivo. O «raid» da «Rio Grande do Norte II» é a reafirmação de quanto vale a fôrça da vontade do brasileiro. Em 1952 o povo potiguar contribuiu para a compra de um barco a quatro remos, para o «raid» Natal — Rio. Acontece que a frágil embarcação, no litoral de Sergipe, foi espatifada pelas ondas e os seus valentes tripulantes, a custo, atingiram a praia.

No dia 15 de fevereiro de 1953 os corajosos nordestinos iniciaram a segunda etapa interrompida bruscamente na praia Mangue-Sêco, perto de Aracaju.

A REVISTA DA SEMANA foi ao encontro do «Rio Grande do Norte II» em Cabo Frio, quando o barco já havia vencido 1 710 milhas, sendo de destacar a etapa Barra Nova — Riacho Doce, de 190 milhas, sem dúvida, a mais difícil e perigosa. Remaram mais de 32 horas e já estavam



Os tripulantes conduzem o barco para um trapiche em Cabo Frio, para consertar uma avaria. O «Rio Grande do Norte» pesa 180 quilos.



Depois de revisada, a iole volta ao mar. No seu bôjo, sem confôrto cinco homens escrevem uma grande e emocionante página esportiva

exaustos, sem uma gôta d'água doce, quando conseguiram atingir Riacho Doce.

OS TRIPULANTES

O iole é bastante frágil e pesa, apenas, 180 quilos. Tem 50 cts. de altura e 1,20 de largura. À partida de Natal o povo ofereceu cantis, lanternas de pilha, remédios, enfim, material necessário à longa viagem, a qual lembra, em certos detalhes, as proezas dos Polinésios na conquista do Pacífico...

Parte dos objetos foi roubada enquanto os «raidmen» dormiam nas praias. Os tripulantes da «Rio Grande do Norte II» são: Ricardo Severiano da Cruz, o comandante, com 63 anos e 10 netos; Antônio Souza Duarte, com 51 anos; Luís Enéas dos Santos, 52 anos; Oscar Simões, com 40; Válter Fernandes, com 27 anos. O único solteiro é Luís Enéas dos Santos, carpinteiro naval e que pretende casar depois da epopéia.

Falando à REVISTA DA SEMANA, em Cabo Frio, o patrão da iole contou que a média de remadas, por minuto, é de 24, podendo o barco correr 60 milhas horárias...

— Mais veloz do que um submarino — gracejou um jornalista.

— Submarino é piaba perto da gente! — disse



Luís Enéas dos Santos, 52 anos. Perdeu 8 kgrs. na viagem. E' o escrivão de bordo. Fêz um diário e pretende transformá-lo em livro.



Antônio de Souza Duarte, rema desde menino nas águas do Potengi. — «Já estou cansado de remar e agora quero descansar em terra...»



Oscar Simões, de tanto remar perdeu 9 kgrs. — «Mas estou em forma e espero fazer muito mais», — disse ao repórter da «R. da Semana».



Walter Fernandes, o caçula. Tem 27 anos, é forte como um touro. Seus braços animam as remadas que trazem a «iole» à Guanabara.

UM BARCO E CINCO DESTINOS


O «Rio Grande do Norte II» chega a Cabo Frio, depois de exausta etapa ao longo do litoral fluminense.

o antigo «sportman», que desde 1916 pratica remo, ostentando no peito 28 medalhas de ouro e prata.

Os «raidmen elogiam a Marinha de Guerra cujo titular, não só permitiu a audaciosa viagem, como ordenou que o contratorpedeiro «Piranha» os conduzisse até Aracaju, a fim do «raid» ser reiniciado.

O barco, por falta de lastro, joga bastante. Também não há lugar para grande carregamento. Daí a dificuldade de alimentação, à base de frutas, predominando a banana e a melancia. De um modo geral comem uma só vez por dia e fazem uma ligeira ceia ao anoitecer, quando encostam a iole em qualquer enseada. O regime alimentar é duro. O tripulante Oscar Simões, por exemplo, perdeu 9 quilos contra 8 de Luís Enéas dos Santos. A água doce é transportada em cantis. As roupas vêm dentro de pequenos sacos impermeáveis.

BRASIL DESCONHECIDO...

Ao longo do litoral brasileiro, centenas de pescadores ainda ignoram o nosso Pavilhão e, o pior, — acrescentou o comandante do «Rio Grande do Norte II» — é que os monumentos históricos de Pôrto Seguro e Santa Cruz de Cabrália estão abandonados. A cruz que indica o local onde foi celebrada a primeira missa no Brasil está atirada ao matagal.

O abandono de Pôrto Seguro é inacreditável. O marco do Descobrimento estêve num açougue e o Colégio dos Jesuítas, construído em 1572, foi destruído. No seu lugar instalaram um estábulo.

O objetivo do «raid» é esportivo, o que não diminui, em absoluto, a beleza do feito.

Cinco homens metidos numa caixa de fósforo realizam uma epopéia, levando em conta que o


Cartas da família matam as saudades de 80 dias de viagem, em alto mar, numa casca de noz. A resistência dos potiguares é impressionante!


Com 52 anos, êste «sportman» ainda buscou uma aventura no Mar. Ei-lo, numa cama, depois de 22 horas de remada. O repouso durou só 3 h...



Finalmente, a partida para a última etapa, rumo à baía de Guanabara, onde foram recebidos em apoteose.

primeiro «raid», no gênero, foi realizado por remadores do Flamengo, inclusive o «Engole Garfó», os quais venceram o trecho Rio — Santos, um vigésimo do percurso Natal — Rio.

Nem sempre o mar tem sido amigo do «Rio Grande do Norte II». O mau tempo persistiu ao longo da rota, em particular, de Belmonte a Cabo Frio.

Homens pobres, todos ganhando o necessário para o sustento da família, levados pelo entusiasmo da vida esportiva, hastearam a bandeira do Brasil na ré do minúsculo barco e se lançaram à aventura.

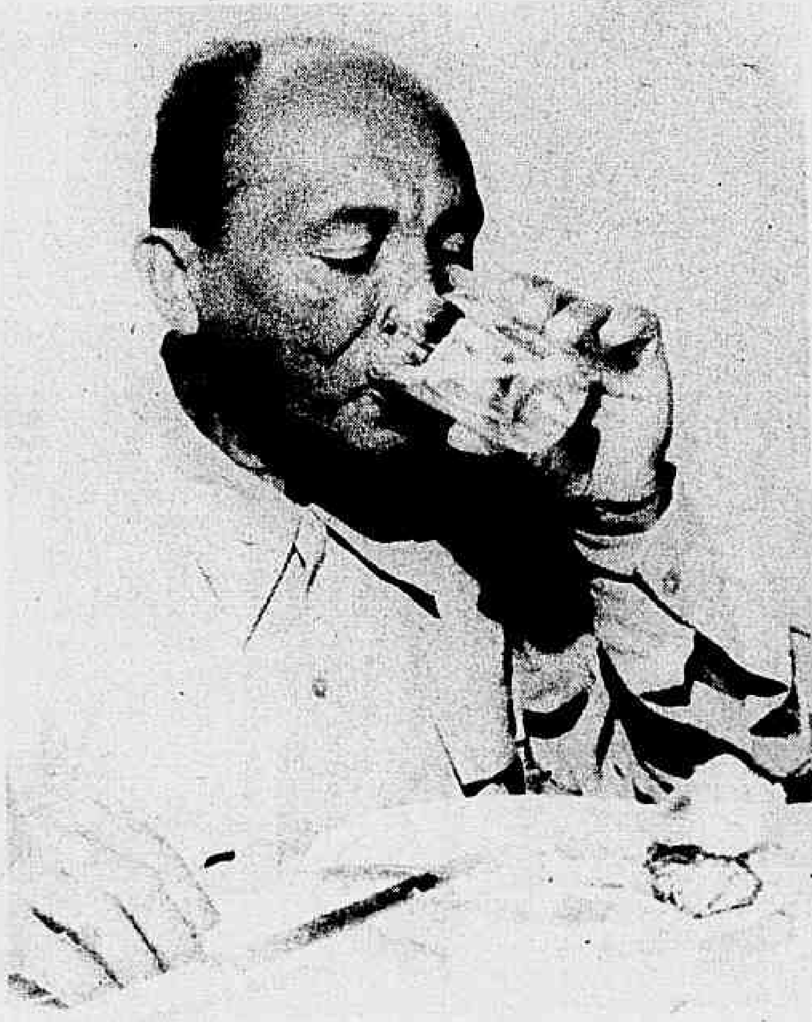
À partida de Cabo Frio, o velho comandante Ricardo Cruz, com o rosto queimado pelo sol de 80 dias de viagem, disse:

— O mar anda aborrecido com a gente. Já estamos cansados de ficar em terra, sem fazer nada. Mas Nossa Senhora dos Navegantes está conosco e o «Rio Grande do Norte II» vai fundear na Guanabara, se Deus quiser.

E o barco, finalmente, chegou à Guanabara, sendo os seus tripulantes recebidos em apoteose. Venceu, mais uma vez, a fibra do nordestino.



Preparando o valente barco para vencer a etapa final, quando é sabido por todos que o litoral fluminense, constantemente açoitado por fortes temporais, é além disso, bem traiçoeiro.



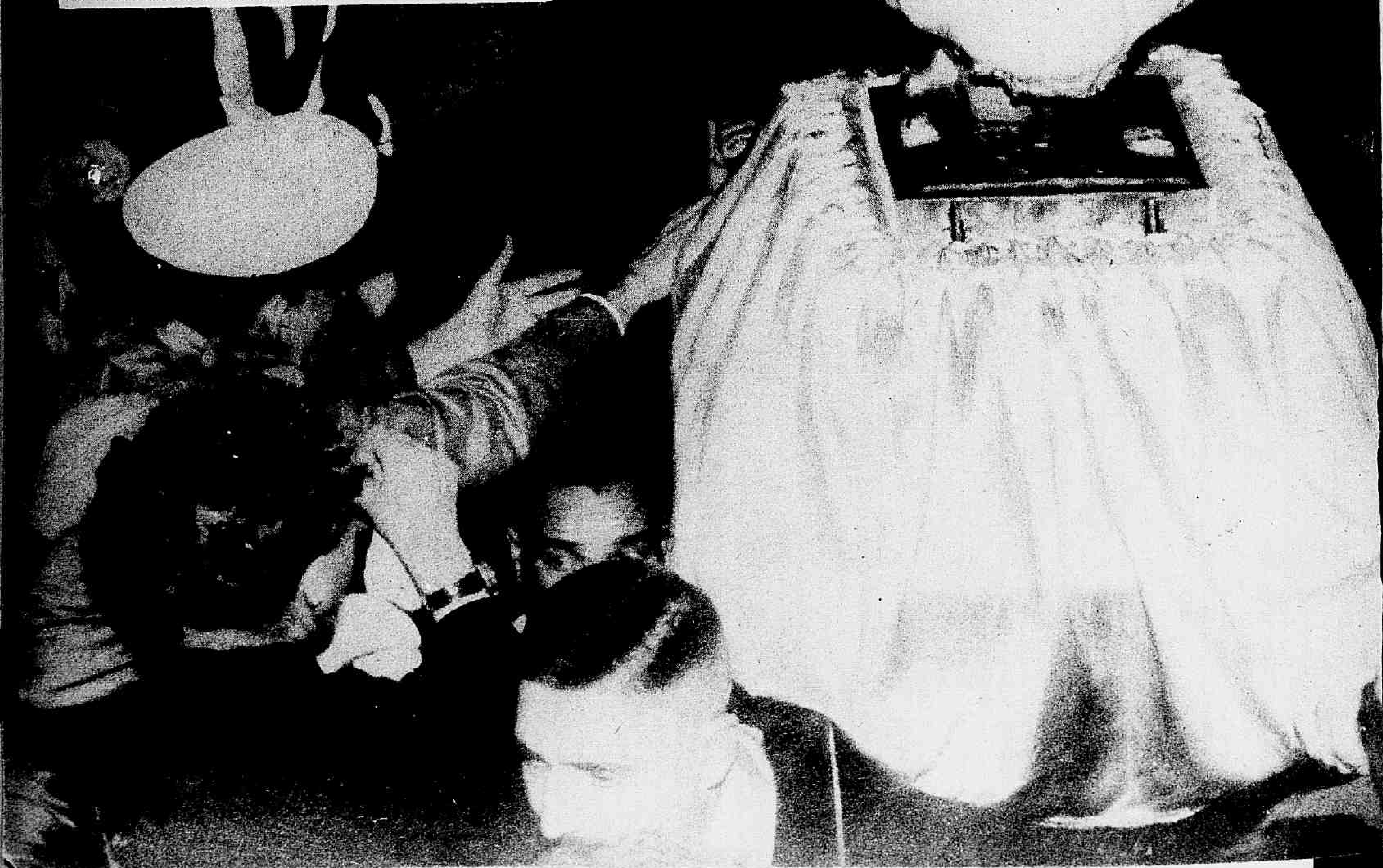
Uma boa e reforçada feijoada e um trago de aguardente, só mesmo em terra firme. A bordo da frágil embarcação a alimentação é à base de frutas, principalmente banana e melancia.



O intrépido comandante examina o leme do «Rio Grande do Norte II» para a etapa decisiva. A indomável e brava iole tem 10 metros de comprimento e apenas 50 centímetros de altura.

ÚLTIMO FLASH

ESTÁ no Rio a imagem de N.S. de Fátima, cuja peregrinação pelo mundo vem sendo registrada pela história religiosa contemporânea, como uma das mais piedosas demonstrações de fé católica. A 13 de maio, feriado municipal por decreto do legislativo carioca, a imagem da Virgem, vinda de Niterói na noite anterior, foi trasladada em colossal procissão para o estádio do Maracanã, em cujo centro lhe foi erguido um altar, de maneira que todos os fiéis pudessem manifestar sua fé na maior amplidão. A imensa praça de esportes ficou completamente lotada, afluindo para lá quase duas centenas de milhar de pessoas de tôdas as classes sociais e de tôdas as idades. O espetáculo foi impressionante. Cânticos sacros ressoavam pela amplidão, emocionando os corações mais fortes, e muitas lágrimas deslizaram pelas faces dos assistentes, diante daquela que é a Mãe de Jesus e a Intercessora dos Homens neste vale de sofrimentos. Orações fervorosas subiram aos céus; pedidos veementes foram feitos à Virgem Maria representada na doce figura de N.S. de Fátima, que, do seu trono de estrêlas e de luz, no azul do Firmamento, consolava os aflitos, derramando mancheias de bênçãos ao povo ali reunido e confortado pela presença de sua Protetora. Esta REVISTA, que estêve presente a todos os atos de fé, desde a travessia da Guanabara até à apoteose do Maracanã, apresentará aos seus leitores a mais bela reportagem sôbre a visita de N.S. de Fátima ao Rio de Janeiro, na próxima edição, com todos os dados históricos e milagres da excelsa padroeira de Portugal. (Foto ALBERTO FERREIRA.)



MÓVEIS – TAPÊTES – CORTINAS



Projeto da CASA NUNES



Tapêtes feitos à mão

de grande beleza e originalidade

Tapêtes e passadeiras

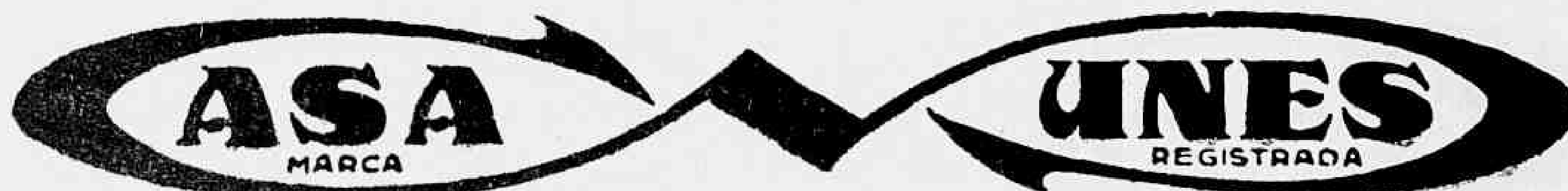
de forração em côres lisas e com flores

Grupos estofados

especialidade de nossas oficinas

PREÇOS QUE ANIMAM A COMPRAR

VENDAS À VISTA E A PRAZO



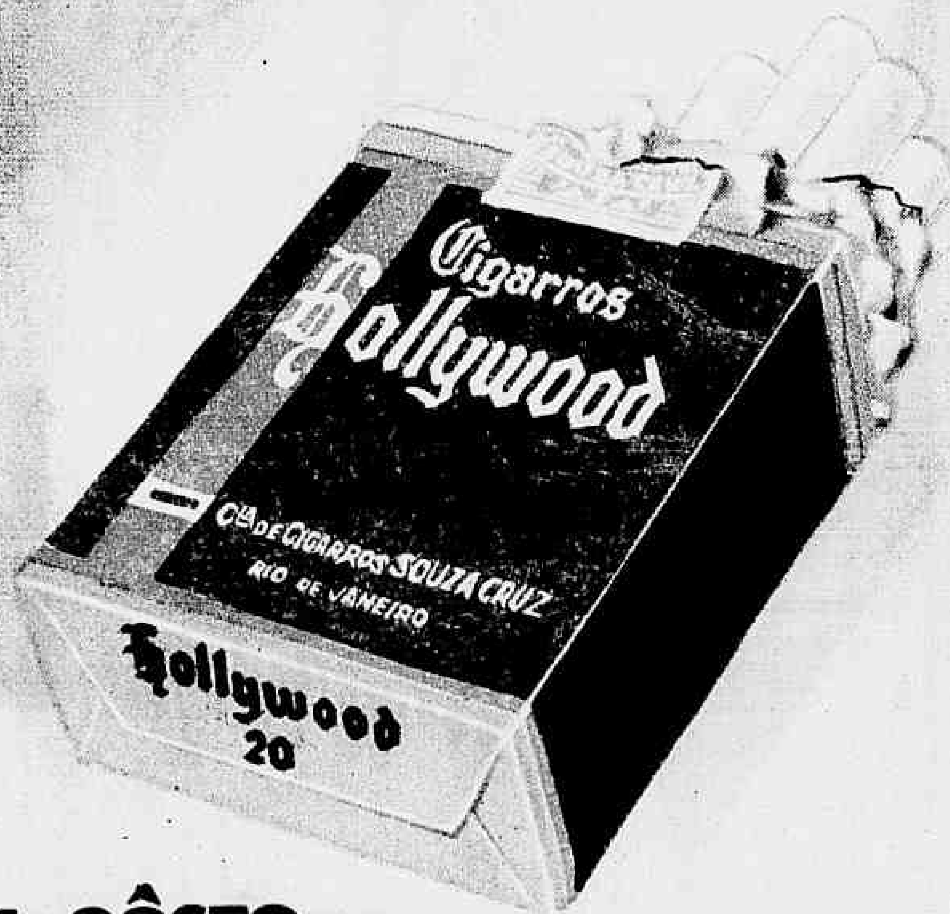
65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO

GRATIS



Nada supera
o prazer
de fumar
Hollywood

CIGARROS
hollywood



UMA TRADIÇÃO DE BOM GÔSTO

UM PRODUTO SOUZA CRUZ